

COMPRA
- ABR. 1940

SERÕES



LIBRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 -- LISBOA

N.º 47 - MAIO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 -- Telep. 805

Typ. do Anuario Commercial -- Praça dos Restauradores, 27

PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

Vaccina animal contra as hexigas—Verdadeiro cow-pox

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: **CARLOS MONIZ TAVARES**

Endereço telegraphico: **Vaccina**

Numero telephonico: **548**

Os animaes que servem á producção da vaccina, escrupulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 1 a 5 pessoas	300 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas	800 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas	4\$000 »

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem addicionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vaccinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde	1\$200 réis
A's quartas feiras, vaccinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista	2\$000 »

Preços especiaes para vaccinações em collegios

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa** e **Brazil**, acondicionamento especial de fôrma a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

Summario

<u>MAGAZINE</u>	Pag.
JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO (<i>Retrato</i>) (<i>Frontespicio</i>)	350
UM CASO ESTRANHO (<i>Versos</i>) por JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO	351
VICTOR HUGO E «OS MISERAVEIS» (<i>1 illustração e 1 vinheta</i>) Uma carta do grande poeta	354
ENLEIOS (<i>Versos</i>) por FELIX BERMUDES	356
EM CASA DOS ARTISTAS — JOSÉ MALHÔA (<i>1 vinheta e 5 illustrações</i>)	357
INFANCIA (<i>Versos</i>) por JULIO SEABRA	362
RENDAS PORTUGUEZAS (<i>9 illustrações</i>) por LUIZA	363
MORENITA (<i>Versos</i>) por MARIANO GRACIAS	369
AVÓ E NETA (<i>1 vinheta</i>) de RANGEL DE LIMA JUNIOR	370
TORRE DE CRYSTAL (<i>Versos</i>) por FERNANDO NERY	372
OS BRAGANÇAS EXILADOS (<i>1 vinheta e 7 illustrações</i>) de ROCHA MARTINS	373
FIDES SEMPER VIRENS (<i>Versos</i>) por AFFONSO VARGAS	379
O NOSSO QUINTO ANDAR (<i>Versos</i>) por CARLOS TRIGUEIRO	380
VESTIGIOS DA PASSAGEM DOS PORTUGUEZES NO JAPAO (<i>6 illustrações</i>) por WENCESLAU DE MORAES	382
SONHOS (<i>Versos</i>) por TEODORO RODRIGUES	387
MAIO (<i>Versos</i>) por PERES JUNIOR	388
O CAMPO DE SANT'ANNA — RECORDAÇÕES DE ENTÃO (<i>7 illustrações e 1 vinheta</i>) por CARLOS ABREU	389
O SOL (<i>Versos</i>) pelo PADRE MANOEL ANÇÃ	397
UMA VIAGEM AO BAIXO CONGO (<i>9 illustrações e 1 vinheta</i>) por CARLOS CALHEIROS	398
COLOMBO (<i>Versos</i>) por VEIGA MIRANDA	405
OS BASTIDORES DO NIHILISMO (<i>1 vinheta e 1 illustração</i>) traducção do inglez por EDUARDO DE NORONHA	406
MISERIA (<i>Versos</i>) por MARIO VILLALVA	416
QUEBRA CABEÇAS	417
ECCOS E REFLEXOS (<i>37 illustrações</i>)	418

A MUSICA DOS SERÕES

Revista bibliographica universal

Memorias d'um policia amator, por *A. Conan Doyle*. Estas novas aventuras de Sherlock-Holmes, traducção de Manuel de Macedo, é mais um livro impolgante da famosa collecção, editada em optimo papel, com duzentas paginas, pela livraria Ferreira, e pelo modestissimo preço de 200 réis.

O livro das creanças portuguezas e brazileiras, por *D. João da Camara, José Antonio de Freitas, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão*, que coordenaram uma série de trechos e formaram um livro primoroso para as primeiras letras. Profusamente illustrado, nitidamente impresso e editado pela Livraria Ferreira, é uma obra de 370 paginas que todas as creanças devem possuir.

Jornadas no Minho. A segunda edição deste bello trabalho de impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meridionaes, editado pela Livraria Ferreira, com 364 paginas, é uma obra deliciosa, um soberbo companheiro para as horas de ocio e um bello ornamento para a estante.

Notas sobre os sonetos e as tendencias geraes da philosophia de Anthero de Quental, por *Antonio Sergio*, é um estudo profundo e logicamente deduzido sobre a alma do inolvidavel poeta. 190 paginas. Edição esmeradissima da Livraria Ferreira.

O actor Antonio Pedro julgado pela arte e pelas letras. E' a vida do eminente actor, feita por seu filho, com 244 paginas e 48 gravuras.

La crise du transformisme, por *Felix Le Dantec*, encarregado do curso de biologia geral na Sorbonne. E' um estudo curiosissimo e muito bem documentado, com 290 paginas.

L'absession. E' um romance que tem obtido um extraordinario exito de livraria, de Jules Claretie, da Academia francesa, com 390 paginas, 12 gravuras fora do texto. Preço 3 fr. 50.

Armas portateis e material de artilharia. Um excellente livro elaborado conforme o programma de ensino da Escola Naval, por João Baptista Ferreira, capitão tenente da Armada. E' um volume de 690 paginas com mais de mil estampas intercaladas no texto, indispensavel a todos que se dedicam á carreira da marinha de guerra e um valioso auxiliar para os officiaes.

Maladies de la peau, por *E. Sanches*, professor de clinica das doenças cutaneas e syphiliticas na faculdade de Paris e medico do hospital de S. Luiz. E' um tratado modernissimo com 506 paginas e 108 gravuras intercaladas no texto.

L'Anneé scientifique et industrielle. 52.º anno 1908. Publicação fundada por Luis Figuier e continuada por Emilio Gautier. E' a revista do que houve de mais interessante durante o anno na cosmologia, astronomia, physica, clinica, historia natural, ciencias biologicas, agricultura, artes industriaes, obras publicas, geographia, etc. 480 paginas e 75 estampas.

Histoire de l'Art, por *Alphonse Roux*, professor da Universidade, com um prefacio de Emile Berthaux, professor de Historia da Arte moderna na Universidade de Lyon. E' um trabalho educativo e de flagrante actualidade. Conta 440 paginas e 372 gravuras.

L'Hygiene Infantil. (*Allaitement maternel et artificiel sevrage*), pelo *Dr. G. Variot*, medico em chefe do hospicio da assistencia de Paris. E' um livro de 73 paginas

tão util para os profissionaes como para as mães.

Sur les deux rives. Exilado de França pela ruina dos paes, um rapaz emigra para o Canadá. Até aos vinte annos vive a vida das selvas, depois segue a vida de estudante em Quebec e enamora-se de uma canadiana. Este romance, cheio de novidade, de León de Tintean, conta 410 paginas e está já na sua nona edição.

La folle histoire de Fridoline. E' um romance de sensação e de palpitantes situações, de Guy Chantepleure com 360 paginas de Calmann Levy. Preço 3 fr. 50.

Collette Bandolle, histoire d'une jeune fille de Metz. Com este titulo e o substituto *Les bastions de l'este* escreveu Maurice Barrès, da Academia franceza, um romance patriotico e vibrante, de 260 paginas. Preço 3 fr. 50.

La Mère. E' a ultima novella de Maximo

Gorki, o revolucionario escriptor russo, 400 paginas. Preço 3 fr. 50.

La princesse de Venise. Maximo Formont acaba de lançar no mundo litterario este suggestivo romance, que se baseia nos reflexos do passado italiano. 374 paginas. Preço 3 fr. 50.

La Bassinoire. E' uma serie de contos dialogados, sobre os costumes contemporaneos, de Gyp. 380 paginas. Preço 3 fr. 50. Edição de Ernest Flammarion.

Un mariage americain. Com o finissimo espirito de observação que caracteriza Georges Ohnet, escreveu o talentoso romanista uma novella de grande merecimento. 310 paginas e innumerables gravuras. Edição de Ollendorf. Preço 3 fr. 50.

Theatre de la revolution. Inclue este volume as seguintes peças: *Le 14 juillet*, Danton, *Les Loups*, de Romani Rolland. 360 paginas, edição de Hachette & C.^a.

Todos estes livros se encontram à venda na Livraria Ferreira, Rua do Ouro, 132 a 138, Lisboa.

Avis. — Les titres de tous les ouvrages dont deux exemplaires auront été envoyés à la redaction des *SERÔES*, seront le sujet soit d'un compte-rendu, soit d'une mention spéciale, selon l'opportunité reconnue de la publication.

Poeira de Paris

POR

JUSTINO DE MONTALVÃO

1 volume, com prefacio de Guerra Junqueiro — 500 réis

LIVRARIA FERREIRA, Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

DIRECTOR LITTERARIO

Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção

1 pagina	6\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »
1/4 pagina	2\$000 »

Por um anno, ou sejam, 12 inserções

1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	{	Anno	2\$200 réis
		Semestre	1\$200 »
		Trimestre	600 »
	Para o Brazil (moeda fraca)	-	Anno
Para outro qualquer paiz estrangeiro....	-	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27

Telephone **805**

LISBOA

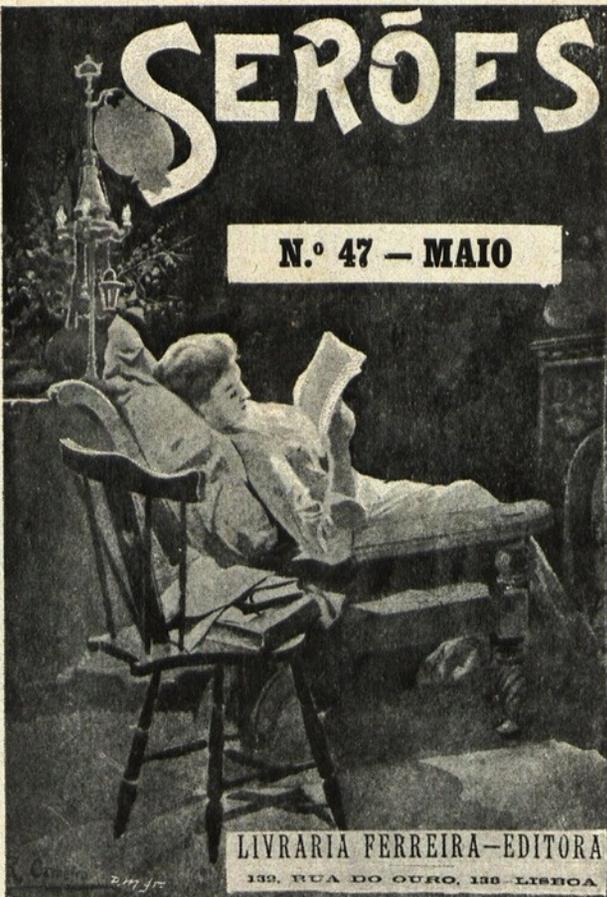


CONDE DE BURNAY

Na idade de 72 annos, falleceu em 29 de março ultimo, o Conde de Burnay. Personalidade pelo proprio esforço creada, conquistou no paiz e fóra d'elle, proeminente situação. Foi um exemplo de trabalho, de corajosa energia e de tenacidade, e se d'ahi lhe resultou fortuna, igualmente prestou grandes e importantes serviços ao Estado e ao progresso do Paiz. Muito atacado em vida pelas ambições e invejas, tiveram esses ataques a mais eloquente resposta no numerozo concurso de todas as classes sociais ao seu funeral, que foi o mais imponente de que em tempos recentes ha memoria. E mereceu a justiça que se lhe fez, porque não foi só um homem de bem, mas um homem bom, sempre generosa e discretamente prompto a ajudar e soccorrer.

SERÕES

N.º 47 — MAIO



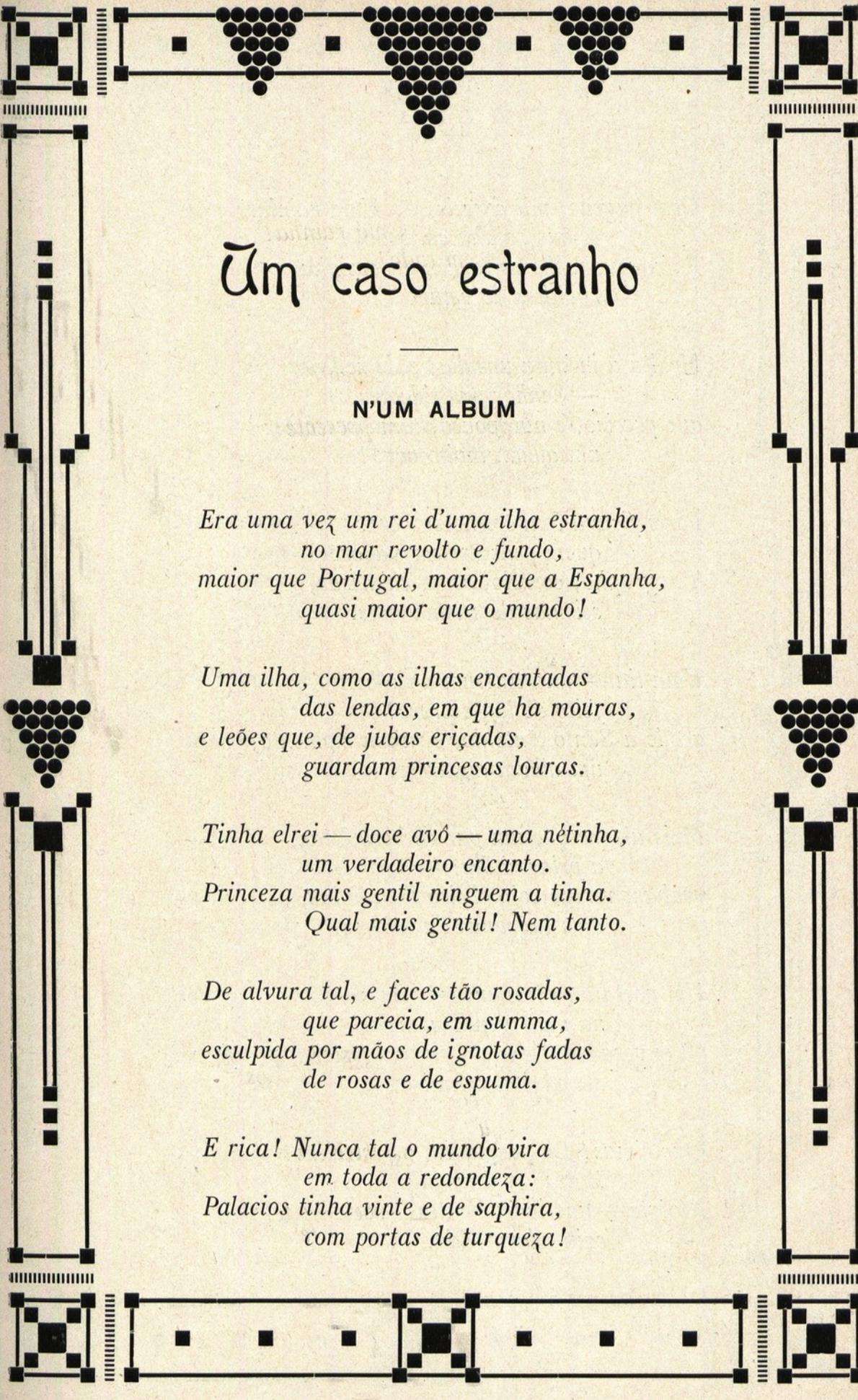
LIVRARIA FERREIRA—EDITORIA

132, RUA DO OURO, 130 LISBOA



José de Sousa Monteiro

Romancista e investigador erudito. Os AMORES DE JULIA assignalam uma individualidade litteraria de primeira grandeza. Como poeta, a sua obra tem enorme alcance philosophico, sem excluir intenso sentimento e um culto profundo pela fórma. Deve-lhe Ibsen excellentes traducções.



Um caso estranho

N'UM ALBUM

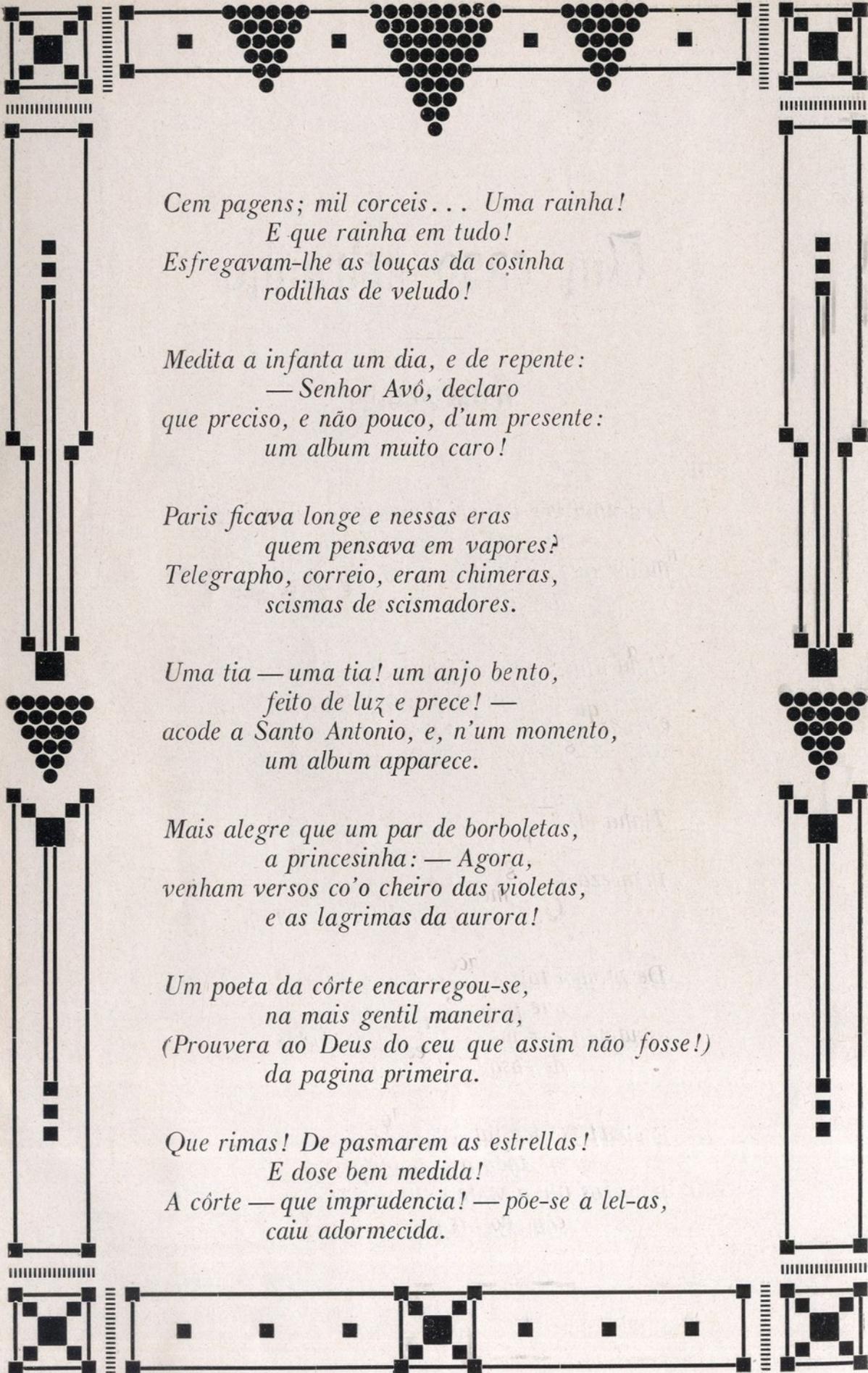
*Era uma vez um rei d'uma ilha estranha,
no mar revolto e fundo,
maior que Portugal, maior que a Espanha,
quasi maior que o mundo!*

*Uma ilha, como as ilhas encantadas
das lendas, em que ha mouras,
e leões que, de juba eriçadas,
guardam princesas louras.*

*Tinha elrei — doce avó — uma nêtinha,
um verdadeiro encanto.
Princeza mais gentil ninguem a tinha.
Qual mais gentil! Nem tanto.*

*De alvura tal, e faces tão rosadas,
que parecia, em summa,
esculpida por mãos de ignotas fadas
de rosas e de espuma.*

*E rica! Nunca tal o mundo vira
em toda a redondeza:
Palacios tinha vinte e de saphira,
com portas de turqueza!*



*Cem pagens; mil corceis... Uma rainha!
E que rainha em tudo!
Esfregavam-lhe as louças da cozinha
rodilhas de veludo!*

*Medita a infanta um dia, e de repente:
— Senhor Avô, declaro
que preciso, e não pouco, d'um presente:
um album muito caro!*

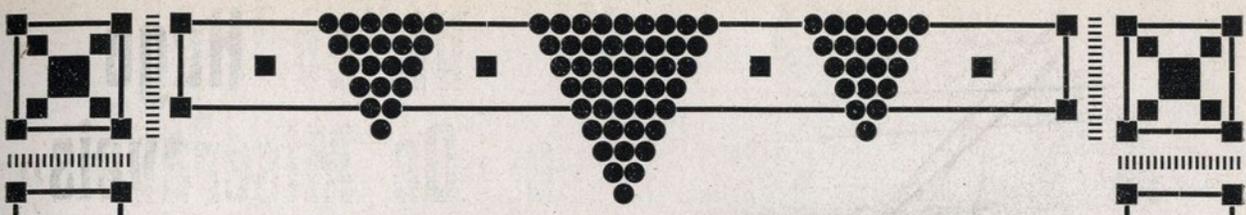
*Paris ficava longe e nessas eras
quem pensava em vapores?
Telegrapho, correio, eram chimeras,
scismas de scismadores.*

*Uma tia — uma tia! um anjo bento,
feito de luz e prece! —
acode a Santo Antonio, e, n'um momento,
um album apparece.*

*Mais alegre que um par de borboletas,
a princesinha: — Agora,
venham versos co'o cheiro das violetas,
e as lagrimas da aurora!*

*Um poeta da côrte encarregou-se,
na mais gentil maneira,
(Prouvera ao Deus do ceu que assim não fosse!)
da pagina primeira.*

*Que rimas! De pasmarem as estrellas!
E dose bem medida!
A côrte — que imprudencia! — pôe-se a lel-as,
caiu adormecida.*



*Adormeceu o avô, a tia, a neta,
— dormir que ainda dura —,
por terem lido os versos do poeta,
n'uma unica leitura.*

*Ministros, senadores, deputados, —
uma caterva infinda!
principiam a ler os taes malvados,
estão dormindo ainda.*

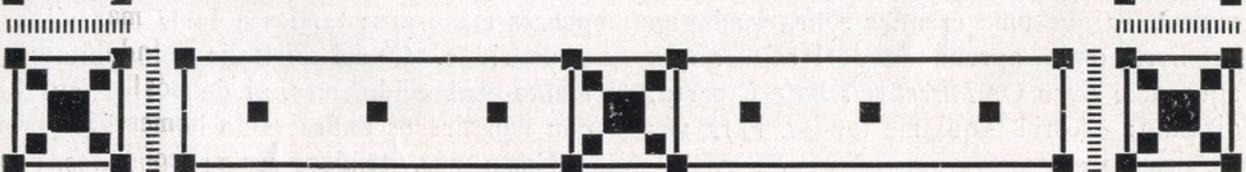
*Um medico, chamado a dar aviso,
com doutoral entono
começa a entrar nos versos, d'improviso
rebola ao chão com somno!*

*Dorme toda a ilha, victima innocente
das rimas indiscretas!
Toda cautela é pouca, seriamente,
com albuns e poetas.*

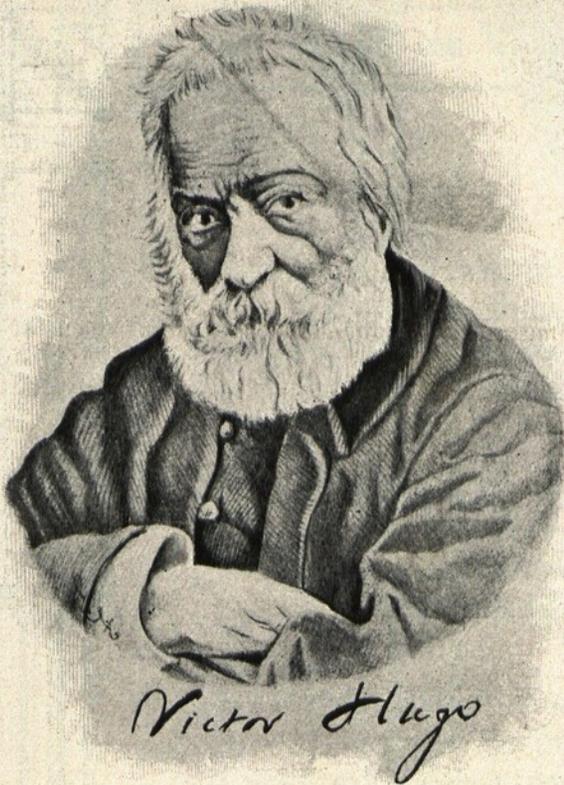
*Passou-se o caso estranho ha muitos annos,
ha mesmo alguns milhares,
quando Ulysses, torrados os troyanos,
sulcava, errante, os mares.*

*Noto esta circumstancia simplesmente
por medo d'uns mesquinhos:
não vão suppôr-me o autor impertinente
ou o reu dos taes versinhos...*

José de Sousa Monteiro.



Victor Hugo e «Os Miseraveis»



**Uma carta do grande poeta,
explicando as suas inten-
ções e o alcance social
do seu romance**

A carta, que publicamos, de Victor Hugo é de uma versão manuscrita em italiano, provavelmente feita pelo secretario de Victor Hugo, e foi escripta em resposta a uma pergunta do Conde Victor A. Pepe, sobre o intento de Hugo ao elaborar o seu grande romance. A carta,

com a assignatura do auctor, foi fornecida á revista anglo-americana «The Century Magazine» pela condessa Rozwadowska, filha do destinatario.

Não se encontra na correspondencia de Hugo, e por isso considerava-se inedita até á publicação recente pelo «Century», d'onde a vertemos. Tem interesse especial pelas referencias a problemas sociaes da actualidade, embora as condições geraes da Italia hajam assumido mais favoravel aspecto do que na data em que a carta foi escripta.

«Hauteville House, 18 de outubro de 1862.

Tem toda a razão, quando diz que *Os Miseraveis* é livro para todos os povos. Ignoro se por todos será lido, mas o que é certo é que para todos o compuz. Dirige-se tanto á Inglaterra como á Hespanha, tanto á Italia como á França, egualmente á Allemanha e á Irlanda, ás republicas que teem escravos assim como aos imperios que teem servos. Os problemas sociaes transpõem as fronteiras; as chagas da raça humana — chagas immensas que cobrem o globo — não se deteem nas linhas azues ou vermelhas traçadas no mappa. Onde quer que o homem jaza na ignorancia ou no desespero, onde quer que a mulher se venda por pão, onde quer que uma creança soffra á mingua de livro onde aprenda e de lareira que o aqueça, o livro *Os Miseraveis* bate á porta, dizendo: «Abri! Aqui me tendes. Para vós me destino.»

Na phase — tão obscura ainda — de civilização em que nos achamos, o nome do miseravel é Homem: em todos os climas elle soffre; em todas as linguas se lastima.

A vossa Italia não é mais isenta de mal do que a nossa França: a vossa maravilhosa Italia supporta no seu proprio solo toda a especie de miseria. Acaso o bandoleirismo, que é uma fôrma insana do pauperismo, não reside nas vossas serras? Poucas são as nações tão profundamente corroidas como a Italia pela ulcera dos conventos, a qual eu tentei sondar. E' certo que possuís Roma, Milão, Palermo, Turim, Siena, Pisa, Mantua, Bolonha, Ferrara, Genova, Veneza, uma historia heroica, ruinas sublimes, sumptuosos monumentos, soberbas cidades, mas sois tão pobres como nós: tendes á farta maravilhas e podridão. O sol da Italia é indubitavelmente esplendido, mas, ai de nós! o azul do céu não tira os andrajos ao homem!

Como nós, tendes vós preconceitos, su-

perstições, tyrannias, fanatismos, e leis cegas que servem de esteio a costumes ignorantes. Nada saboreaes do presente e do futuro que não se lhe misture um travo do passado; e tendes no vosso seio um barba-ro — o monge, e um selvagem — o *lazzarone*. A questão social é identica para nós e para vós. A vossa população morre um pouco menos de fome, e um pouco mais de iebre; a vossa hygiene não se avanta-ja muito á nossa; as nuvens tenebrosas, que na Inglaterra são protestantes, são catholicas na Italia, mas, sob nomes differentes, o *vescovo* é analogo ao *bishop*, e o obscurantismo é quasi da mesma especie. A errada interpretação da Biblia importa tanto como o falso entendimento dos Evangelhos.

Devo proseguir? Devo demonstrar mais cabalmente o lutuoso parallelismo? Acaso não tendes indigentes? Olhae para baixo. Acaso não tendes parasitas? Olhae para cima. Porventura aos vossos olhos, como aos nossos, não oscilla a odiosa balança em cujos dois pratos tão tristemente procuram equilibrio o pauperismo e o parasitismo?

Onde está o vosso exercito de mestre-escolas, unico que a civilisação reconhece? Onde as vossas escolas livres, obrigatorias? Dar-se-ha caso que toda a gente saiba ler na terra de Dante e de Miguel Angelo? Já transformastes vossos quartéis em prytaneos? Não tendes, como nós, um orçamento militar exorbitante e uma verba ridicula para a educação? Não tendes tambem essa obediencia passiva com que se fabrica uma soldadesca brutal? Não tendes um militarismo que obedece á disciplina até ao ponto de fazer fogo sobre Garibaldi — que o mesmo é que disparar sobre a honra viva da Italia?

Examinemos a vossa organização social; tomemol-a tal qual é exactamente, e revelemos a sua iniquidade flagrante: mostrae-me vossas mulheres e vossas creanças. E' pela somma de protecção concedida a essas creaturas debeis que nós medimos o grau de civilisação. Dar-se-ha caso que a prostituição seja menos deploravel em Napoles do que em Paris? Que patrimonio de verdade se contem nas vossas leis, que quantidade de justiça emana de vossos tribunaes? Tendes porventura a dita de não conhecer a significação d'estas palavras sombrias — vingança publica, infamia legal, galés, cada falso,

algoz, pena de morte? Italianos! E' morto Beccaria, e vive entre vós Farinacio, como entre nós. E depois observemos o vosso regimen de Estado. Tendes acaso um governo que comprehenda a identidade da moral e da politica? Estaes a pique de amnistiar vossos heroes? Até em França algo se fez de parecido. E agora, passemos em revista as miserias, tragam todos para aqui o seu fardo: vêde, sois tão ricos como nós! Pois, como nós, não tendes tambem duas condemnações: a religiosa, pronunciada pelo padre, e a social, decretada pelo juiz? O' grande povo da Italia, como te assemelhas ao grande povo da França! Sim, meus irmãos, como nós, vós sois *miseraveis*.

Das profundezas de tréva em que mergulhamos todos, não descortinaes mais nitidamente do que nós as paragens esplendidas e remotas do Eden. Além d'isso, os padres enganam-se ao sustentar que essas paragens ficam nas nossas costas, quando ellas, pelo contrario, estão em frente, de nós.

Resumo o que disse. Este livro dos *Miseraveis* é um espelho das nossas condições, assim como das vossas. Homens e castas ha que contra elle se revoltam, e a razão entendendo-a eu: os espelhos dizem a verdade, e por isso são abominados; mas nem por isso deixam de ser uteis.

Quanto a mim, para todos escrevo; com profundo amor pelo meu paiz, mas sem me preocupar pela França mais do que por qualquer outro povo. Pouco a pouco, ao passo que vou avançando na vida, mais simplesmente torno, e mais e mais me vou fazendo o patriota da humanidade.

E' essa aliás a tendencia da nossa época, a lei do desenvolvimento da Revolução Franceza; e, para que correspondam á expansão perpetua da civilisação, os livros devem cessar de ser exclusivamente francezes, italianos, allemães, hespanhoes, inglezes, para se tornarem europeus, ou, mais ainda, humanos. D'ahi uma nova logica de arte e certas necessidades de composição, que tudo modificam, até as condições — tão acanhadas no passado — de gosto e de linguagem, as quaes, como tudo mais, devem ser presentemente ampliadas.

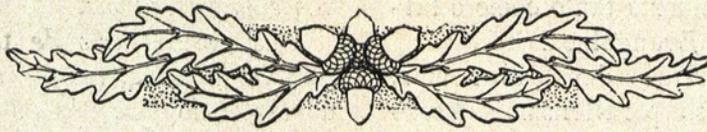
Censuraram-me alguns criticos francezes, com grande jubilo meu, por me acharem fóra do que elles chamam o gosto francez: quem me déra que o elogio fosse merecido!

Em summa, faço o que posso: soffro da dôr universal, e procuro attenual-a; e, dispondo apenas da misera força de um homem, a todos brado: *Auxiliae-me!*

Eis o que a sua carta me impelliu a dizer-lhe; e á sua patria o digo egualmente. Se tanto me alonguei, foi por causa d'esta phrase sua: «Italianos ha que affirmam ser francez este livro *Os Miseraveis* e nada ter comnosco. Que os francezes o leiam como historia; nós pelo contrario, leamol-o como romance.» Mal de nós! repito, quer italianos quer francezes, a todos nos importa a

miseria. Desde que começou a escrever-se a Historia e a meditar-se a Philosophia, a miseria é o revestimento da raça humana: oxalá chegue finalmente o momento de rasgar esses andrajos, e de substituir no corpo do Homem-Povo os amaldiçoados remendos do preterito pelo grande manto purpureo da Aurora!

Se julga esta carta de utilidade para illuminar quaesquer espiritos e para dissipar quaesquer preconceitos, pode publical-a. Rogo-lhe acceite esta nova segurança dos meus sentimentos de consideração.»



ENLEIOS

*Senhora, segundo creio,
Vossos olhos me chamaram
E tão presto me encantaram
«Que vou . . . mas tenho receio»:
Pois, se o vosso olhar me veio
Subir ao ceu onde estou,
Por má sina me deixou
O susto de vos perder;
Comtudo . . . que hei-de eu fazer?
«Tenho receio, mas vou.»*

*Se este anhelô tão risonho
Fôr mentirosa illusão,
Senhora, por compaixão
«Acordae-me d'este sonho.»
Porém, se, como supponho,
O grato prazer me é dado
De vêr surgir a meu lado
A aurora d'um paraizo,
Senhora, dae-me um sorriso
«Para eu sonhar acordado.»*

*A aurora por que eu espero,
O sonho por que eu anceo
Anda occulto no meu seio,
«Posso dizel-o e não quero.»
Mas este enlevo sincero
Em que todo me alvoroço
Cada vez que um olhar vosso
Me banha em fontes de luz,
Nenhuma phrase o traduz,
«Quero dizel-o e não posso.»*



Em casa dos artistas

José Malhóa



ONHECI-O ha pouco no jury do concurso de belleza e robustez promovido pelo jornal *O Seculo*. Chamou-me a attenção o olhar investigador e entusiastico com que elle examinava as creancinhas, e perguntei a alguem, que estava perto de mim, quem era.

— Não conhece? retorquiou-me admirado. E' o Malhóa.

— Por isso a sua physionomia me não era estranha. Tenho visto mais de uma vez o seu retrato, mas — que quer? — fixar feições não é o meu forte.

Falei-lhe depois. A proposito das creanças, algumas gentilissimas, descreveu-me a feira dos modelos em Italia e outras curiosidades observadas nas suas viagens. Escutei-o com prazer porque conta bem.

Agora, ao dirigir-me ao seu atelier para lhe pedir photographias e auctorisação para me occupar n'este artigo da sua notavel personalidade, eu não sabia quem ia encontrar, desconhecendo quasi completamente o seu character que só em curtos momentos tinha podido estudar; por isso para me afaizer á ideia de que a recepção seria cordeal evoquei pelo caminho a sua obra dizendo-me que não me era estranha, nem o podia ser, a pessoa cujas obras se casam de tal fórma com o meu gosto e pensamento que me parecem familiares.

Ao chegar á sua porta parei admirada.

Era linda, elegantissima a construcção que se offerecia aos meus olhos, e que na frontaria, logo abaixo da cornija, ostentava em letras doiradas a legenda: *Pro Arte*.

Fiquei encantada de pensar que as maravilhas que toda a Lisboa conhece e admira eram produzidas alli, n'aquelle tepido ninho de graça e d' affecto que transpira conforto e felicidade.

José Malhóa, accedendo amavelmente aos meus desejos, guiou-me os passos ao seu estudo, e ahi, absorvida na contemplação das suas telas e carvões, demorei-me duas horas que me pareceram minutos, durante as quaes eu, tão excessivamente tagarella, consegui escutar sem esforço, o que é muito difficil a uma mulher.

Com a mais captivante franqueza o grande pintor mostrou-me carvões sobre carvões, telas sobre telas, deixando-me completamente maravilhada. Os nossos costumes, o nosso ceu, o nosso Portugal, palpitam com tal intensidade de vida em toda a obra de José Malhóa que parece estar ligado a ella um pedaço do nosso coração.

Malhóa expõe no *Salon*. Este facto acordou-me logo no espirito a ideia da impressão que sentiria um portuguez vendo-se n'um paiz estranho em frente d'um dos seus quadros.

Julgo adivinha-la.

O *Mestre Escola*, creio que o das *Pupilhas do senhor reitor*, que elle enviou á exposição de Barcelona, ameaçando com a

palmatoria os rapazes que lhe roubaram as maçãs, a *Rapariga das cebôlas*, Na ilha dos amôres, que elle fez, segundo julgo, para o museu de artilheria, são verdadeiros primores; mas para mim, não ha nada, nada que iguale os seus bebados. Os olhos, a expressão do rosto do bebado e toda a attitude dos dois personagens do quadro que se intitula *Assez, mon père*, é um deslumbramento; mas, ainda mais do que tudo isso, o seu grupo de bebados sentados á meza. Deante

foi estudar ao estrangeiro; entregue a si, foi elle que se completou e se fez o que hoje é.

A sua concepção de arte é — *A verdade*; exprimindo-a em toda a sua nudez está convicto que segue o melhor caminho. Alma lavada de mesquinhos sentimentos, lamenta que os seus collegas, alguns com tanto e tão raro merecimento, não frequentem o *Salon* onde desejaria vê-los premiados como elle tem sido.

Contou-me com a mais enternecedora



«OS BEBADOS» — QUADRO DE JOSÉ MALHÔA

d'este magistral trabalho acode-me aos labios a phrase: Nem só Velasquez! Depois, á medida que os meus olhos, não cansados de vêr, se entregavam á dôce tarefa de fixar pontos varios com igual prazer, ia-me augmentando a curiosidade pela vida do homem, creador de todos esses primores, e pude formar d'elle a mais lisongeira opinião. Os seus principios foram duros, como os de muitas outras celebridades, mas, caracter energico e pertinaz, soube vencer todos os obstaculos que encontrou no caminho. Não

simplicidade, que, sendo avêso a favôres, nunca pediu benevolencia a ninguem. A primeira vez que expoz disse-lhe um amigo:

— Recommendaste o quadro?

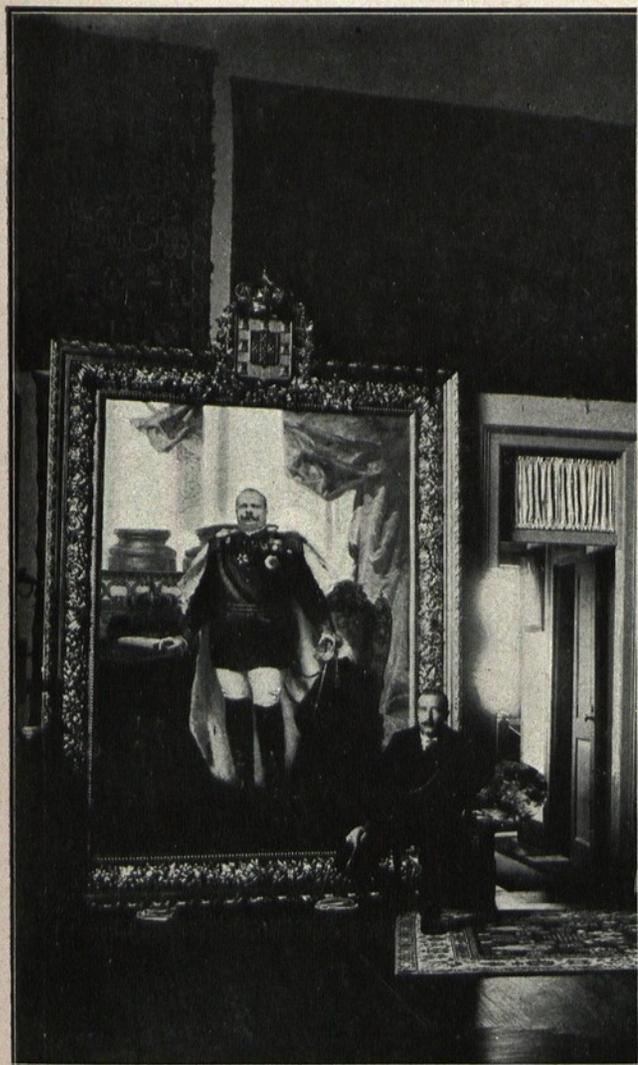
— Eu?!... Não.

— Então podes estar convencido que vem pelo caminho por onde foi.

Passa-se tempo e, por acaso, abrindo José Malhóa uma revista de arte, encontra o seu quadro reproduzido entre os premiados.

Imagine-se a sua satisfação.

Casado com uma intelligente senhora,



um engenheiro que fôra alli traçar o plano de alguma estrada, é-lhe hoje amigo sincero; e ao vê-lo passar com a sua caixa de tintas, seguido d'um Christo vestido com a sua tunica e que carrega, em vez de cruz, com o cavalete e o banco, sorri com bonhomia, dizendo:

— Lá anda o Malhóa a entreter-se.

E não o perturba no seu trabalho. Ao principio não succedia assim. Paravam, cercavam-n'ó, incommodavam-n'ó com perguntas; mas elle soube e conseguiu educa-los.

São muito curiosos alguns dos episodios que elle conta, passados com camponezes.

que o comprehende e aprecia, sem filhos cuja educação o preocupe, José Malhóa vive da arte e para a arte. Tem na esposa, além do affecto da mulher, o amigo dedicado e o companheiro sempre prompto para todas as viagens e excursões. Por isso a sua vida é, por assim dizer, bem fadada.

Em Lisboa pouco ou nada pára:

— Paris ou Figueiró dos Vinhos.

E o olhar illumina-se-lhe com ternura.

E' alli que elle trabalha real e verdadeiramente, quasi de sol a sol. O povo, que primeiramente o recebeu com rudeza quasi hostile suppondo-o



P. Merinho G.V.

Dois que retive:

Um dia um mocetão, espadaúdo e forte, poz-se a examinar a maneira porque elle pintava e fez-lhe abruptamente a seguinte pergunta:

— Por quanto vende o senhor isso depois de prompto?

José Malhóa pensando que, se lhe dissesse

D'outra vez, não sei se o caso teve logar com elle se com um amigo que o acompanhava, montou-se o cavalete, e o desenho d'uma d'essas encantadoras casas rusticas, que fazem de longe o nosso enlevo, appareceu garboso na tela, cheio de poesia e verdade. Então um velho camponez que sahira do casebre e analysava com mal contida



OUTRO RECANTO DO «ATELIER»

a verdade, não seria acreditado, fingiu nada ouvir e não respondeu.

No dia seguinte o pertinaz observador voltou novamente e tornou a insistir na pergunta.

José Malhóa pensou um pouco (não desejava espanta-lo) e respondeu-lhe:

— Quatro libras.

— Quatro libras! tornou elle incredulo, isso póde lá ser! com quatro libras compra-se muita terra.

raiva o trabalho do pintor, avançou e com voz tremula disse:

— Meu caro senhor, n'aquella casa moraram meus avós, nasceram os meus paes... não sei se me entende... nasci eu, os meus filhos, os meus netos... não sei se me entende.

E, como realmente o não entendessem.

— O' meu caro senhor, risque-me isso d'ahi, ou, com esta enxada, racho-o de meio a meio.

Era o caso que o velho julgava, preocupado com a abertura d'um novo caminho, que se propunham deitar-lhe abaixo a habitação.

Malhóa fez em Figueiró dos Vinhos uma pequenina casa que depois ampliou e que é hoje uma bóa construcção de elegante simplicidade. Alli passa a maior parte do seu tempo. Quando chega todos o vão cumprimentar; a philarmonica da terra festeja-lhe a chegada e mil demonstrações de affecto o cercam. Depois, conhecendo-lhe o genio e sabendo que elle gosta de viver isolado, ninguem mais o procura. Na vespera do dia em que retira agradece as attentções recebidas, e vive assim a seu gosto sem que a necessidade da convivencia com estranhos se lhe imponha.

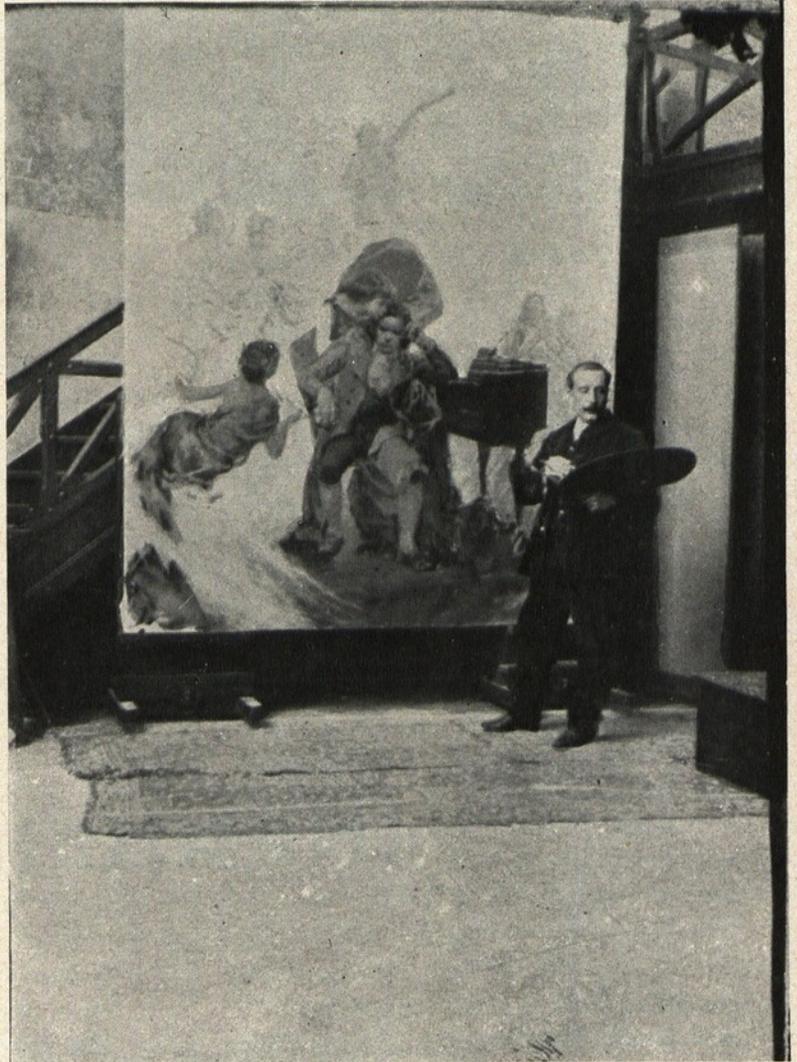
Vê-se que a vida do lar o prende no seu encanto e que a sua superior intellectualidade sente não precisar, antes pelo contrario, de frequentar a sociedade para viver satisfeito. Concede-lhe o tempo que não pode furtar-lhe e, deixando a todos, como deixa, uma lisongeira e grata impressão, não se prende aos espiritos que captiva. As suas amizades ou relações não influem de fórma alguma na vida que se traçou e que é bem digna de inveja.

Gostei de o ouvir falar das suas viagens, das suas visitas aos museus e sobretudo do *Salon*, de que elle censura, com a justiça e criterio que todos lhe conhecem, a insensatez dos assumptos escolhidos, os effeitos procurados e rebuscados e portanto nunca conseguidos, lamentando a preponderancia funesta que isso deve ter sobre os novos, alguns dos quaes se apresentam com muito valor; e, para me exemplificar os absurdos que se estão dando, conta-me este engraçado factó:

— Chamou-me a attenção no *Salon*, des-

pertando-me a curiosidade, uma grande tela de que não consegui perceber o assumpto. Demorei-me a observá-la e... nada. Embirrando com o caso voltei no dia seguinte e não fui mais feliz. Decidi consultar o catalogo e vi que o quadro representava... *um galinheiro á meia noite!!!*

Isto, contado por elle com a maior na-



JOSÉ MALHOA TRABALHANDO

turalidade, é d'um cómico irresistivel.

Feriu-me a retina, como assumpto conhecido e muito do meu agrado, um estudo collocado no canto mais obscuro do atelier. Aproximei-me. Era, sem as figuras que o valorizam e que de per si tão bellas são, o Marquez de Pombal, no quadro intitulado o *Ultimo Interrogatorio*, sentado, de rosto dolorido e corpo alquebrado. E aquella notabilissima expressão, que o pincel de Malhóa

lhe soube imprimir, commoveu-me a alma e humedeceu-me o olhar. E' que, sósinho, n'aquelle pedaço de tela, a sua dôr desacompanhada é talvez ainda mais enternecedora.

Na vastissima obra do grande pintor, que seria longo enumerar, destacam-se verdadeiros primores como são: *A volta da romaria, O barbeiro da aldeia, Os oleiros, As papas, A partida de Vasco da Gama para a India, O ultimo interrogatorio de Pombal, Azeite novo*, que teve medalha de honra na exposição de Bellas Artes, e a *Apotheose a Beethoven* que reproduzimos aqui. Entre os seus retratos, que conhecemos, os pastéis dos tres filhos de Eduardo Santos Moreira, os retratos de D. Luiza Almedina, de Madame Bravo e de seu marido, da Condessa de Proença a Velha, o de D. Thereza Pereira da Costa, que obteve a 2.^a medalha na exposição de Madrid, e muitos outros, dizem quanto este mestre é feliz n'este genero.

Mas pintar os costumes populares portuguezes é a sua tentação; e de tal maneira os reproduz sem descurar a mais leve minu-

cia que dá, mesmo a estrangeiros, uma ideia nitida e perfeita dos nossos costumes e habitos.

Para mim os seus bebados excedem tudo. Eu, que nunca achei nada que me repugnasse mais do que esse baixo vicio, ao contemplar as telas de José Malhóa quasi o abençoei, pois que sem elle não me seria dado apreciar aquillo.

E' inegavel que até o vicio tem vantagens e compensações!

Ao pegar na penna para traçar as minhas impressões tão rapidamente quanto fôram colhidas, chega-me a noticia de mais um traço que vem definir melhor o retrato moral que na minha imaginação eu traçara d'este mestre da pintura.

Pedi a demissão de socio da Academia. Naturalmente... segundo supponho, para não ter de se encommodar a lá ir!

Original no que produz, original em si, conserva em tudo a verdade. Por isso obteve sem favôr o epitheto de grande, que todos lhe atribuem desvanecidamente e elle escuta sem vaidade, porque sabe que o merece *pro arte*.

LINA MARVILE.

INFANCIA

*Da vida o livro d'oiro, o confidente
Que em tamanha aridez traz a esperança,
E' como o riso bom de uma creança
Que a dôr do mal inda não fez descrente.*

*Riso, prazer, ventura, eis a alliança,
Que só na infancia todo mundo sente;
Depois vem a velhice e, num repente,
Nosso corpo no tumulo descança!*

*Que mundo de prazer nos traz a infancia!
Tem mais cantos os bosques, mais fragrancia
As flores que se estendem, valle em fóra!*

*Creança — sonho-azul de Deus, bafejo
Do halito de Christo, casto beijo
Que o sol depôz na face de uma aurora*



LEQUE MODERNO COM CRAVOS

Rendas Portuguezas



ESTA arte gracil teve o seu berço na Italia, o paiz dos sonhos e das flores. Diz a lenda que um pescador do Adriatico, apaixonado pela mais linda filha do canal, lhe deveu o precioso presente de uma rêde, feita por suas mãos.

E a primeira vez que a lançou ás aguas, pescou apenas uma linda alga, petrificada, esplendida e finissima! De repente, a guerra chama ás fileiras todos os marinheiros. E a joven apaixonada passa horas inteiras, presa do seu

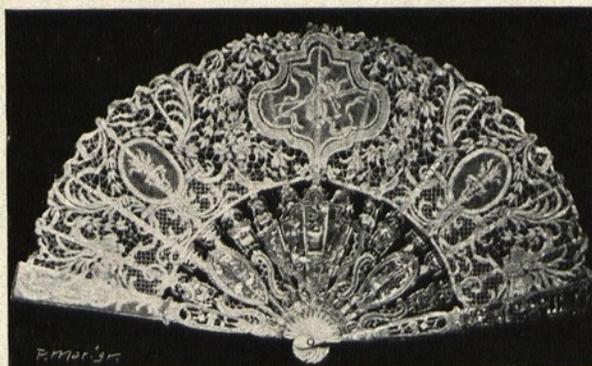
desgosto, a olhar para a alga magnifica... ultima lembrança do bem amado!...

Encanta-se a detalhar as finas nervuras, as fibras tão leves que desenhm maravilhosos arabescos; a pouco e pouco, as suas mãos, cruzam os fios; quer reproduzir o modelo que os seus olhos não cessam de fixar!

E inventa, finalmente, a renda á *Piomhini*. Pertence pois ao amor a invenção da renda que é leve, delicada, caprichosa, mas firme e duradoura como elle!

A' humilde renda do pescador succedeu a altiva renda de Veneza e quasi todos os povos cultivaram esta lindissima arte!

E' em Flandres que encontra primeiro uma patria



LEQUE LUIZ XVI

Pertence á senhora marquesa de Fontes

digna de rivalizar com a que foi seu berço; Bruges, Malines, Bruxellas e Antuerpia inventam as suas celebres variedades. A França não fica atraz n'este movimento; Colbert quer dar ao seu paiz a bella industria que fez a riqueza de Veneza. Interessa-se pelos productos d'Alençon, concede-lhe em 1665 um privilegio e dotação por dez annos. Estabelece fabricas nas principaes cidades do reino.

Manda vir as habeis operarias de Bretanha e de Italia e dentro de pouco tempo, Alençon, Chantilly e Valenciennes dão ao *ponto de França*, uma alta e justa reputação!

A Inglaterra quer rivalizar com a Belgica; não o consegue, mas o seu commercio abarca as rendas belgas, vendendo-as como producções nacionaes e impõe-lhes o nome de *Pontos de Inglaterra*.

Assim, por toda a parte, em Hespanha na Alemanha, em Saxe, na propria Russia, a renda conquista os seus braços e leva o pão e a fartura, aos lares mais humildes! Encanta mesmo os ócios de princezas e rainhas!

E merecia essa honra! Nada de mais aristocratico para trabalhos femininos. Nada de mais lindo para umas lindas mãos! Uma renda artistica fina e original podendo ornar o vestido de uma *neta*!... Depois de haver servido no da filha!

Essas rendas antigas e magnificas que se guardam, como reliquias, com o seu perfume d'outros tempos e a sua graça original, mostram o gosto da geração que as usa.

Luiz XIV gastava em rendas mais do que uma rainha. Conta-se que pagou por 250

escudos de ouro uma gola ou collarinho de *Ponto de Veneza*. E' verdade que para dar mais consistencia aos elegantes desenhos d'esta renda, as operarias usavam crinas de cavallo; mas não encontrando tantas crinas boas quantas desejavam, resolveram applicar os fios do seu cabello no collarinho do seu rei.

No tempo de Luiz XV os fidalgos enfeitavam-se para combater, como para os bailes.

Os homens gastavam tanto como as senhoras e o preço das rendas attingiu n'essa época quantias fabulosas.

Os enxovaes das noivas levavam só de rendas trinta e quarenta contos.

Madame, filha de Luiz XV, teve no seu enxoval duzentos contos de rendas. O delirio chegou ao ponto de haver leis de repressão e ser prohibido o seu uso. S. Francisco de Regis que prégava n'esse tempo no Auvergue, condoído da sorte das operarias, fez revogar essa lei e ficou desde então o advogado das rendeiras.

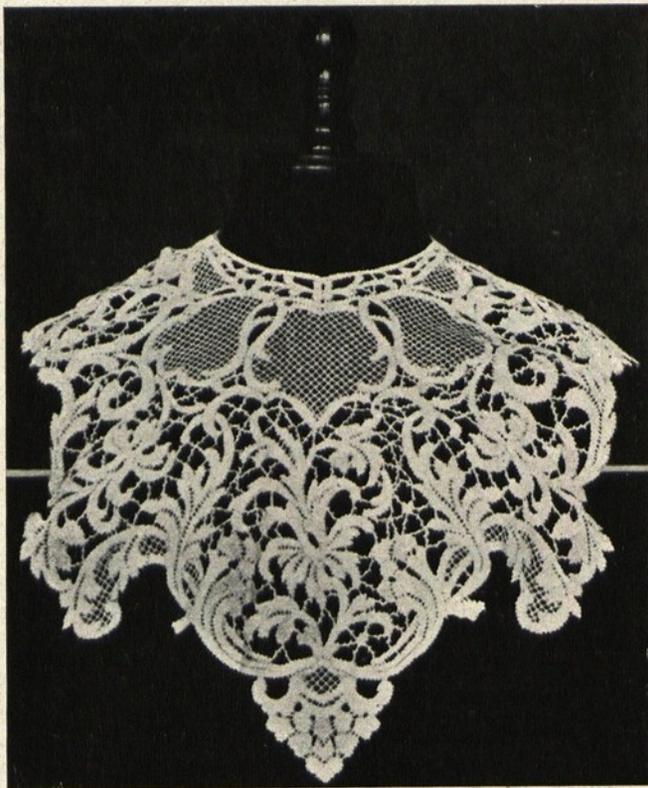
Mais tarde a renda voltou a ser perseguida.

Napoleão I, porém, quasi, novamente, introduziu em França o gosto pelas rendas; e nas Tulherias usaram-se em grande escala.

Uma guarnição do leito de Maria Luiza, toda em abelhas, era de um gosto e d'uma riqueza prodigiosa!

Finalmente, em 1818 o tulle e as rendas baratas de tear, dão um golpe por assim dizer, de morte, nas verdadeiras rendas.

E na Restauração do reinado de Luiz Filippe é posto completamente de parte o uso da renda. Quasi todos ignoram a bel-



UM CABEÇÃO

leza artistica das malines e de todas as rendas que não é possível citar nas rapidas linhas despretenciosamente lançadas aqui!

As lindas rendas de Chantilly adoradas por *madame* de Maintenon; as blondes que ornaram a graça flexuosa de Maria Antonietta e tantos milhares de variedades mais. Em Portugal, porém, o trabalho da renda não tomou grandes proporções.

Em Setubal, Peniche e em toda a costa de Portugal existiam algumas rendeiras e em Setubal principalmente houve quem n'esse negocio ganhasse bastante dinheiro — As pobres operarias porém não.

Faziam centenaes de metros de rendas onde empregavam milhares de bilros. Mas eram sempre mal remunerados e os *piques* sempre eguaes — Vêr uma renda, era vêr todas. No entanto, o trabalho de algumas rendeiras era verdadeiramente perfeito com o seu cunho especial.

Levavam mezes a fazer um metro de renda, aquellas que se applicavam a trabalhar *d'commendada*. E houve não sei se em Peniche, uma rapariga que perdeu a cabeça quasi por ter levado dois ou tres annos com metro e meio de renda!

A sua applicação toda, era para roupa branca e roupa de Igreja.

As grandes senhoras Portuguezas usavam rendas estrangeiras. Houve tambem uma época em que a renda de tresmalhe, a de crochet e a de duas agulhas, foi muito apreciada. Chegavam a fazer-se colchas inteiras de crochet e de tresmalhe.

Principalmente da Ilha da Madeira vi-nham e veem verdadeiras maravilhas n'esse genero!

E ainda hoje existem em todas as casas, antigos lençoes, toalhas, *garde camas*, etc., ricamente guarnecidos de trabalhosas rendas d'essa especie. E *roquettes*, *alvas toalhas d'altar*, em toda a parte existem ainda objectos dignos de todo o apreço. Em rendas de bilros então ha trabalhos estonteadores para quem conhece o *métier*. Cousas d'ensandecer as pobres operarias; feitas, sem arte nenhuma e com o maior trabalho. Bonitas no meio de tudo e da sua falta de

gosto originaes. Esta industria tende porém a desaparecer. Ninguem paga o trabalho, ninguem o aprecia nem percebe!

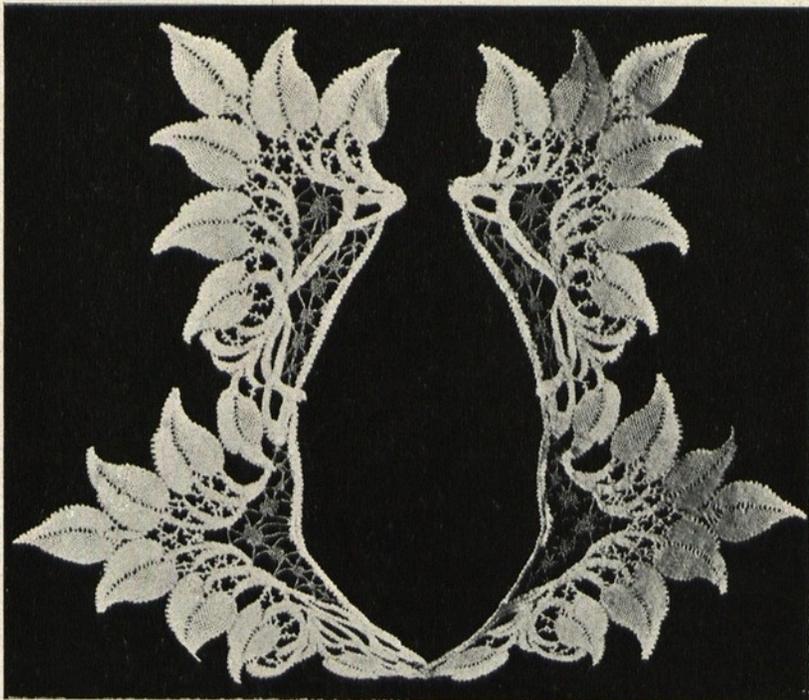
Já va e longe a época d'aquella senhora, esposa de um engenheiro, proprietario de minas, que ensinou a renda de bilros ás pobres mu-

lheres dos mineiros. A sua dedicação foi de tal modo admirável, que uma bóa velha com o seu quê de feiticeira lhe predisse que a senhora Santa Anna a recompensaria, fazendo prosperar os seus filhos, sem que perdesse nenhum e que se multiplicariam tanto como os bilros da sua almofada.

E a predicção realisou-se. Quando Barbara Ettelein Uttruam, que assim se chamava esta admiravel mulher, morreu, deixou sessenta e cinco descendentes entre filhos e netos!

Teve a recompensa que merecia.

A renda, que tão elegante torna os objectos que envolve, devia ser ensinada a to-



CABEÇÃO MODERNO COM OIRO

das as meninas em todas as escolas do reino. Fazel-as crear o *amor da arte*, dar-lhes noções geraes de desenhos e obrigar-as a applical-as, embora com sacrificio de algumas disciplinas inuteis, que só lhes tomam tempo e na maior parte das vezes as desorientam.

Póde ser que ainda volte o tempo dos cabeções, das *barbes*, aquellas longas tiras que usavam as senhoras do seculo XVIII, enfeitando o cabello e cahindo pelas costas com um comprimento certo e medido, segundo a classe a que a senhora pertencia.

Foi *madame* de Fontanges quem inaugurou a moda da renda nos cabellos. A origem é cheia de graça, durante uma caçada, os anneis do cabello da favorita escapavam-se da fita que os segurava; e ella improvisou uma côifa com o seu lenço de rendas! O rei ficou encantado e pediu-lhe para a conservar na reunião da côrte. O seu enfeite inédito, foi apreciado; e no dia seguinte todas

as senhoras appareceram penteadas á Fontanges. Este penteado devia mais tarde, tomar dimensões pyramidaes!

Sem falar da roupa branca ornada com as mais bellas, finas e lindas rendas; rendas que se applicavam a todos os accessorios da *toilette*. E nos lenços bordados que as damas davam aos seus favoritos e elles usavam no chapéo como prova d'apreço pela offerente. Nos leques, por detraz dos quaes se velavam os olhares e escondiam os sorrisos.

Póde ser que volte, porque a renda não pode abandonar a mulher; quando não palpita em redor do seu pescoço em garganti-

lha ou *fraise* como no tempo de Henrique II, em que pela cicatriz que tinha no pescoço elle inventou essa moda e augmentou em tamanho ao ponto da rainha Margarida de Navarra, mais tarde, ser obrigada a servir-se de uma colher de dois palmos e meio para a não enxovalhar, e a rainha Izabel de Inglaterra usar a *fraise* mais engommada de toda a Europa, enfeitada de uma quantidade prodigiosa de renda de ouro, de prata, de cannotilho, tecida de perolas e de pedras preciosas, quando se não use em collerettes abertas em leques monstruosos, deixando

adeante um meio decote como se pode vêr nos quadros de Rubens, quando não envolva como, em uma onda de neve a haste de um lyrio, uma garganta formosa, pode ainda adoptar-se em *echarpes*, em volta do corpo augmentando-lhe a fina delicadeza, tornando-a mais esbelta e mais flexivel!

E' possivel que voltem os corpetes de rendas pretas que tanto se usavam com os *fichús* Maria

Antionietta. Esses *fichús* pretos ou brancos guarnecidos de dois folhos de rendas que se crusavam no peito e atavam atraz, fazendo parte da *toilette* tanto de passeio como de baile.

Ha rendas de verão e rendas de inverno, rendas para pela manhã e para a tarde. Rendas para menina e para senhora.

Uma menina não poderá nunca enfeitar-se com o rico e pesado *Ponto de Veneza*, nem com a severa renda d'Alençon!

Assim como uma avó não poderá tambem adoptar as Valenciennes.

Cada pessoa terá d'escolher o que convém á sua idade e posição.



EDREDON ESTYLO D. JOÃO V

Parece que a renda ama tão apaixonadamente a mulher, que a não quer deixar em época alguma da sua vida. Enfeita-lhe o berço, cahe em pregas finas em redor dos seus vestidos e capas de creança; jovem, envolve artisticamente a sua gracilidade mal definida ainda; senhora, realça-lhe a belleza desenvolvida como o involucro da flôr aviva o brilho da corolla; cerca-lhe de uma auréola os cabellos brancos e occulta sob as suas pregas harmoniosas os ultimos restos da sua belleza!

Um philosopho disse que a belleza era uma promessa de felicidade; pôde dizer-se que para a belleza, a renda é uma promessa de graça.

O que ha de mais encantador, com effeito, do que um braço delicado que sahe de uma manga de rendas, do que uma garganta cujo esplendor se advinha sob um véo diaphano?

Pelo seu vaporoso, pela sua transparencia, a renda tira toda a brutalidade ás linhas; permite o indeciso, dá á roupa uma leveza requintada, harmoniosa, com a delicadeza da carne feminina. Sob a alvura leitosa, o rosado da pelle realça, auxilia a flexibilidade e a ondulação das linhas do corpo que ella segue sem as quebrar.

Obra da mulher é feita para a mulher e desde que alguma castellã a inventou no fundo do seu castello obscuro, até á hora

em que a bella filha do canal se distrahiu a reproduzir com os seus dedos ingenuos, a alga dos mares; atravez dos seculos, atravez das perseguições, apesar das modas diversas, a renda ficou sobre a mulher como um sonho fixo, como um poema cingelado e florido de arabescos.

Havia muito que escrever sobre colleccionadores e colleccionadoras de rendas e guipures, sobre os preços de certas peças rarissimas e sobre as variações das modas que exilam ou reconduzem alternadamente, a voga d'essas brancas e finas decorações!

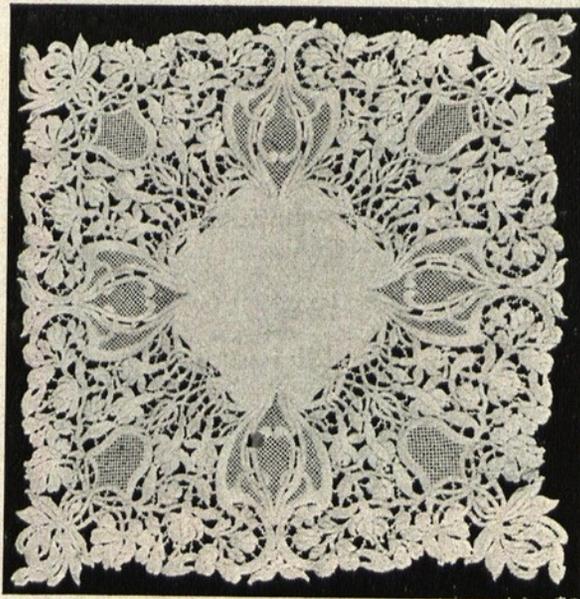
A mais rica accumulção de rendas actualmente, não se encontra em Paris mas em Roma; não em casa de uma senhora, mas de um homem... o representante de Deus na terra, S. Santidade o Papa, cujo thesouro em guipures e rendas, está avaliado em perto de 5 milhões!

A defunta rainha Victoria estava em segundo lugar; os seus *laces* foram avaliados na quantia de 1 900:000 francos e os da princeza de Galles em 1.300:000 francos.

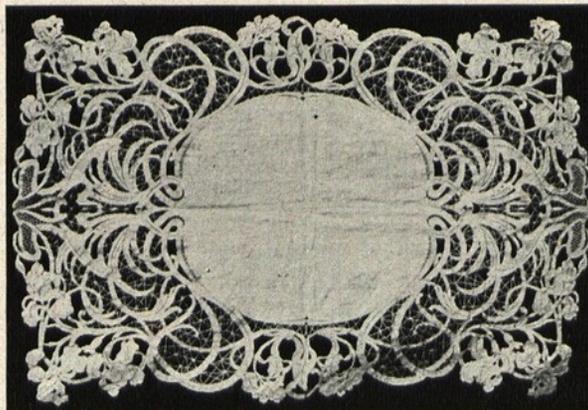
Em França citavam-se antigamente as rendas da Imperatriz Eugenia, e mais particularmente um certo *Ponto d'Inglaterra*, que tinha sido pago a

125:000 francos o metro!

Pôde calcular-se o preço de uma guarnição de vestido principalmente no tempo dos crinolines.



UM LENÇO



COUVRE-PIED

*Feito para a exposição de S. Luiz em 1904
Obteve o Grand prix*

As rendas, na America, são hoje procuradas e colleccionadas como obras d'arte, e a familia Astor possui 1.500:000 francos d'ellas. Diz-se que a Vanderbilt têm

figurar em logar de honra entre todos os *Pontos* universalmente conhecidos, é dever nosso, dever de mulheres e de portuguezas, honrar a nossa renda; compral-a, adoptal-a

e ensinal-a ás nossas filhas. Nunca poderá ser uma grande industria, nunca poderá ser profusa a sua producção; mas póde ser grande e sobretudo em toda a parte, apreciada e conhecida! Compete-nos a nós levantar-a! — Não a depreciar, achando-a muitas vezes *cara*, sem a menor noção da arte real que presidiu ao seu desenho, e do esforço verdadeiramente grande com que se levou ao fim.

Chegando a empregar-se na confecção de um lenço, vinte rendeiras e não produzindo cada uma d'ellas, em

um dia, um centimetro de renda. Isto é verdade!

Sua Magestade a Rainha D. Amelia, nossa excelsa soberana, dá o valór devido a estes trabalhos dignos da maior admiração e elogio.

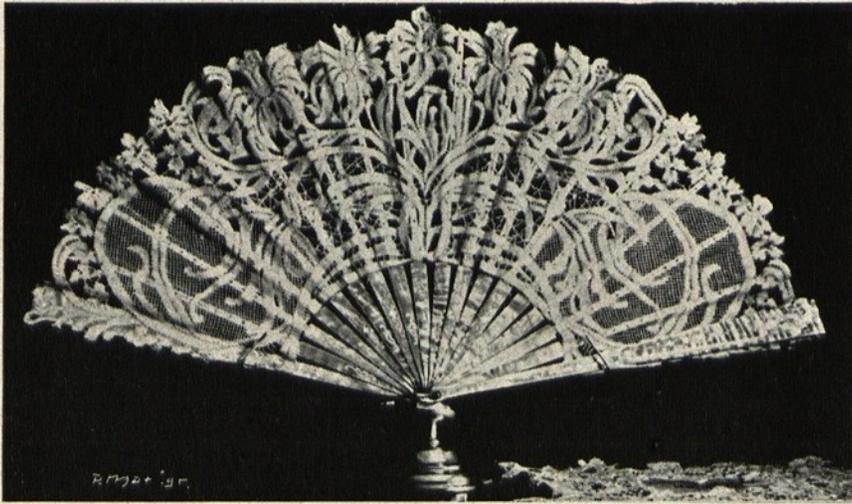
E' vêr essas peças riquissimas premiadas nas principaes exposições com medallas de ouro. Essas guarnições d'estylo gothico como as feitas para a capella da senhora condessa de Sabugosa.

Guarnições preciosas de vestidos como o da senhora condessa d'Arge.

Leques como a gravura aqui representa em todos

os estylos. Voltas de lenço, pontas de gravata, emfim!...

D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro põe em renda, todos os desenhos tirados pelo seu lapis artistico do natural, mas com uma modestia adoravel, — a modestia da superior-



LEQUE MODERNO ESTYLO ARTE NOVA, COM ORCHIDEAS

Existe um na exposição de Barcelona

300:000 francos de pontos celebres e da maior finura.

A mecanica matou a arte da renda á mão; e se não lhe valem, em pouco tempo a classe das rendeiras terá passado á historia!

Em Portugal não podemos nunca ter esperanças de vêr implantar a valér essa industria cara e artistica! — O mercado é pequeno; a exportação nenhuma. Ninguem *faz gosto* no que é nacional. Se acontece, acham *cara* um cabeção soberbo em toda a parte do mundo; e dão por uma renda estrangeira quanto lhe pedirem.

Até aqui não havia nada de verdadeiramente formoso nem artistico; hoje porém, que a nossa illustre patricia D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro com o seu fino gosto, o seu talento d'eleição, a sua arte excepcional creou, para o nosso paiz uma renda sua, um *Ponto Portuguez*, digno de

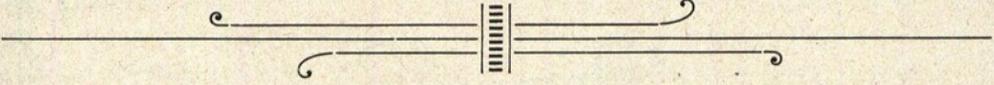


LEQUE MODERNO

ridade — diz: «Eu não apresento desenho nenhum sem que meu irmão Columbano o aprove! . . . Elle é mais novo do que eu, dezesete annos . . . mas foi o meu mestre . . . e não ficava segura sem elle vêr! . . .»

Segura de ter *acertado!*
Que encanto!
Vejam as minhas queridas amigas a beleza do *genio!*

LUIZA.



MORENITA

*Morena, linda morena,
Confesso-te aqui a sós
Que me causa immensa pena
No teu rosto o pó d'arroz!*

*Porque te «cãias» assim,
Morenita que estremeço?
Tu desejas ser marfim
Quando não passas de gesso!*

*Para quê falsos encantos,
Morenita d'olhar bello,
Se tens naturaes e tantos
Desde os pés 'té ao cabello?*

*Que lindos esses teus dentes!
— Perdão se sou indiscreto —
Perolas alvinitentes! . . .
Olha se os pintas de preto!*

*E esse teu cabello escuro
— Não te zangues que não vale —
Besunta-m'ó de futuro
Com alvaiade ou com cal.*

*Para quê maneiras tolas,
Momicas de qualquer zote?
Olha que esses rapazolãs
Querem-te mas com o dote . . .*

*Teu encanto natural,
Belleza e prendas e graça
Não constituem capital.
Tens palmares? então passa . . .*

*Sê sincera, serás bella!
És bondosa, eu que o diga;
Vale uma flor, uma estrella
Quem é boa rapariga!*

*Ha brancas que fazem pena
De serem feias, coitadas;
E tu és uma morena
Como as moiras encantadas!*

*E quem sabe, morenita,
Se eras feia sendo clara;
Sendo morena, és bonita
Com essa bonita cara.*

*Morena, linda morena
Confesso-te aqui a sós
Que me causa immensa pena
No teu rosto o pó d'arroz!*



Avó e neta

— A minha neta, sósinha e amuada! Lagrimas! O que aconteceu?

— Nada, avósinha.

— Doente?

— Não estou doente.

— O que foi? Assustas-me.

— Não se assuste, avósinha. Não se assuste, que não foi nada.

— Enganas-me. Tiveste desgosto.

— Lá isso tive.

— Bem me dizia o coração.

— Mas foi pequenino, muito pequenino.

— Sim? Anda cá. Senta-te, ao pé de mim, e conta-me as tuas magoas.

— O mano... o mano é mau. Pedi-lhe com tão bons modos...

— O quê?

— Que brincasse commigo.

— E elle não esteve pelos autos!

— Que eu era do tamanho de uma boneca, e que rapazes não brincam com bonecas. Ainda se eu fosse um cavallo...

— Ah! ah! ah! E tu o que lhe respondeste?

— Chamei-lhe doutor... de calção e perna á vela.

— Depois?

— Depois... sou uma infeliz que não tenho ninguem que brinque commigo.

— A menina falta á verdade.

— Não falto.

— Falta.

— Então, quem tenho que brinque commigo?

— E eu não sou gente?

— O que quer dizer?

— Que vou eu brincar commigo.

— A avósinha! A avó é muito...

— Velha?

— Não queria dizer isso.

— Então?

— Que a avó é..

— E'...?

— Muito avósinha, ora ahí está.

— E muito sua amiga. Por isso, avó e neta vão brincar, como se fossem da mesma idade.

— Duas avósinhas?

— Da tua idade, magana, que te devoro com beijos.

— E' uma boa partida ao mano, para que veja que não preciso de Sua Ex.^a Vou buscar a bonêca.

— Vae minha andorinha. Não corras tanto. Não a encontras? Sim, não a encontrarás. Ora, espera. Se eu me escondesse...

*

* * *

— Avósinha! avósinha! Não sei da boneca. Olá! onde se metteu a avósinha? Nem avó nem boneca, ambas perdidas.

— Ih!...

— Ah! ah! ah! O jogo das escondidas! A avósinha é mais engraçada que o mausão do mano.

— Ih!... já!

— Eu vou achar. Alli... ah! não... Frio ou quente?

— Frio!...

— Atraz do sofá... não. Escondida no reposteiro... tambem não.

— Frio! frio!

— Neste quarto. Mau, Maria! Aqui, na janella, não está. Assim, não vale. Deixal-o. Vou para o piano. O bocadinho de que a avósinha gosta tanto.

— Bravo! bravo! Muito bem!

— Ai! que tonta! A avósinha escondeu-se

por detraz do piano e não me lembrou...
Ah! ah! ah!

— Pensavas que a avó, por ser já muito avósinha, era incapaz de brincar. Engano teu. Vê agora se me apanhas.

— Ai! que engraçadinha avó! Apanho, sim. Lá me fugiu. Agora agarro-a.

— Não me apanhas, não.

— Pudera... a trocar-me as voltas.

— Duas vezes somos creança.

— Ah! que se escapou por detraz do piano. Não se cance assim, avó. Cá lhe seguro o vestido.

— Ah! marota!

— Valha-me Deus! que lá cahiu a avósinha!

— Tropecei...

— No vestido?...

— Ai! a minha perna!

— Jesus! Avósinha da minha alma!

— Não te assustes, isto passa.

— A avósinha maguou-se. Por minha culpa!

— A culpada fui eu. Metti-me em folias...

— Sou muito má, mais má que o mano. Não devia deixar a avósinha brincar. Doe?

— Um pouco, a perna esquerda; mas não passa de susto.

— Vou buscar agua.

— As lindas festas, que me fizeste, são sufficientes para a cura. Ahi vem já a minha enfermeira com a agua.

— Ande, beba uma gotinha. Agora vamos a levantar.

— Ai!... não posso.

— Doe, doe muito?

— Isto foi obra de geito que dei.

— Eu seguro-a, por debaixo dos braços. Upa!

— Não posso, amorsinho, não posso.

— Vá lá. Upa acima! que eu dou um chi, coração!

— A avó é pesada demais para as tuas pequeninas forças. Ai!

— Vou chamar o mano.

— Para quê?

— Para ajudar.

— Estás de mal com elle.

— Não importa. E' para seu castigo. Verá o resultado de não querer brincar commigo.

— Auxillo a tua vingança. Vae chamá-lo.

— Vou já. A minha boa avósinha. Se não fosse o mano...

— Como ella vae afflicta, por amor de mim. Eu posso levantar-me, mas desejo ver até onde chegam os carinhos da pequena. Oh! já de volta. E de olhos baixos, toda triste e commovida. Querem ver que o mano se recusou a acompanhar-te.

— Terei forças para levantar sósinha a avó!

— Afogas-me com beijos. Não se afflija o meu amor. Eu posso erguer-me. Vês? Foi mesmo sem custo.

— Ainda bem! Até tenho vontade de pular. Em todo o caso, se a avósinha lhe doe, eu dou uma fricção na perna.

— Inverteram-se os papeis. Tu é que és a avósinha, e eu a tua neta.

— Tal qual. Vou ver se encontro a boneca para distrahir a minha querida neta.

— Espera ahi, avósinha. Não saes sem me contares o que se passou com o teu irmãosito.

— Cheguei-me ao pé d'elle para dizer... Eu ia muito branca, não é verdade, avósinha?

— Foi do susto de me veres caída no chão. Mas o que ha de commum?...

— Ha que o mano principiou a gritar, muito enfiado: «Tens alguma cousa?... estás doentinha?...» e deu-me beijos!... e fez-me festas!...

— Então o que é isso?! Vaes chorar?...

— E' que eu sou má como as cobras! O mano tão meu amiguinho!... e eu zangada com elle.

— Depois o que fizeste?

— Não disse ao mano que a avósinha tinha cahido. Coitadinho! ficava numa afflicção, que elle é um anjo!

— Possues um bello coração. Nem te ralho, como era minha tenção, pelas tuas idéas vingativas. Vou prégar um sermão de lagrimas... de alegria ao mano, e trazer-te a boneca, que eu bem sei onde ella pousa.

— Estou contente que nem um rato, ou antes uma ratinha. O mano é meu amigo, a avó é minha amiga, o pae e a mãesinha são meus amigos. Que data de amigos! E

a avó a correr? Tem graça, que nem uma cabaça. E a jogar o jogo das escondidas!... Espera, que também me vou esconder. Ha de ser no mesmo sitio, por detraz do piano. Assim, não desconfiará. Prompto!

— Aqui tens o premio de possuires um coração de ouro. Onde estás?

— Ih!...

— O jogo das escondidas, como ainda agora. Os papeis é que estão trocados. Veremos se imito a minha pequerrucha. Onde se mettu a minha avósinha?

— Ih!... já!

— Aqui á esquerda?... Não. Alli á direita?... Também não. Frio ou quente?

— Frio!... frio!...

— Na janella? Atraz do reposteiro? Assim não vale. Deixa-o. Vou para o piano. O bocadinho de que a avó gosta tanto...

— Bravo! bravo! bravo! Ah! ah! ah!

— A meus braços, amorsinho! e aqui tens muitos beijos e esta lembrança.

— Que linda! Por isso a avó tinha es-

condido a outra boneca. E' mesmo muito linda.

— Estás contente?

— Estou. Mas...

— Temos um mas.

— Sim.

— Mas quê?

— Mas o mano não teve nenhum bonito?

— Um cavallo de papelão.

— A avó é uma santinha. Um cavallo de papelão!

— Era do que elle mais gostava para brincar...

— Mais do que commigo... sou uma boneca!..

— Ainda se fosses um cavallo...

— Ah!

— Fóra com esse restosinho de despeito.

— Eu gosto muito do mano...

— E o mano muito da menina. Olha. Deixou o cavallo e vem brincar contigo.

— E' verdade!... Eduardo! Eduardo da minha alma! Deixa-me saltar-te ao pescoço!

RANGEL DE LIMA JUNIOR.



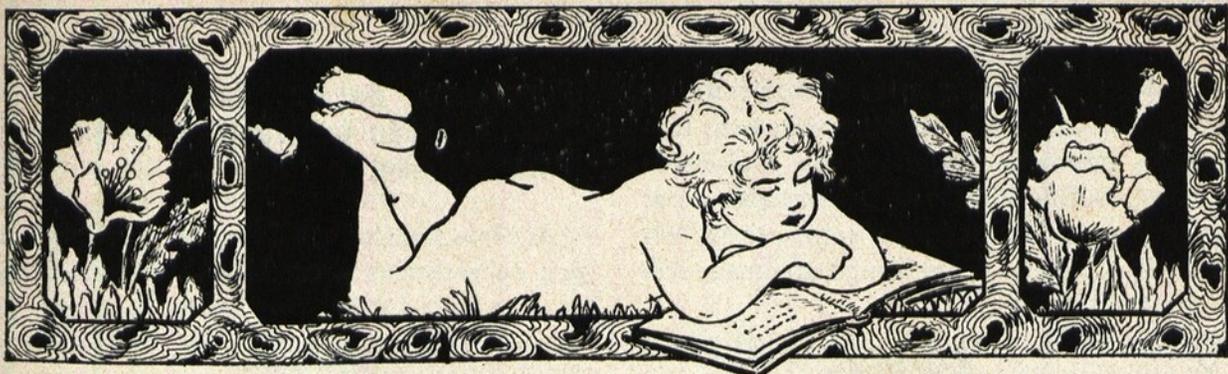
Torre de Crystal

Em nuvens côr d'aurora architectei um dia
A Torre de Crystal das minhas illusões:
Minh'alma então sonhára, em louca phantasia,
Mulheres ideaes, edénicas visões...

E dentro, em brando harpejo, a doce symphonia
De beijos sensuaes e o rir de corações...
E, para completar, a Gloria lhe sorria,
Mostrando-lhe do Verso as mil constellações!

Mas, como se desfaz um flóco caprichoso
D'espuma, assim também ruíu, esphacelada,
A Torre de Christal — meu Sonho venturoso! —

E se ousou, acaso, ainda a vista erguer, ousada,
Vejo um phantasma a rir, sinistro, pavoroso,
Que me acena chamando: — o inevitavel Nada



Os Braganças exilados

A proposito da abstenção politica do filho de D. Miguel I

D. Miguel I e o Marialva — A sua meninice — As culpas da rainha-mãe

D. Miguel I foi uma figura singular na Casa de Bragança a que o disseram alheio o *London Observer*, outros jornaes inglezes e Beckford, pois no anno de 1802, em face do corpo diplomatico, D. João declarara ser extranho ao nascimento do infante. Atribuiam a sua paternidade ao Marquez de Marialva de quem aventavam ter herdado o donaire, a graça, a gentileza pouco communs nos Braganças que o precederam, á excepção de D. João V, que fôra, em moço galhardo e formoso. A sua dessemelhança com a familia, os seus gostos differentes, o seu amor pelas picarias, pelas cavalgadas tumultuosas, pela arte dos Marialvas a que se dedicava com loucura, mais accentuaram essa fallacia da turba

que bebera nos rumores do paço as suas duvidas ácerca da legitimidade de Sua Alteza. Fosse como fosse, rebento directo da Casa Real ou filho do galante fidalgo, é certo que jamais em torno d'um Bragança

houve tanto enthusiasmo, tanto preto, tanta dedicação do baixo povo que sentia nos prazeres do principe lisonjeadas as suas preferencias pelas touradas e pela religião. D. Miguel, com o seu rosto formoso, os seus olhos negros e lindos, o talho gracil do seu corpo, era como um idolo ante o qual a populaça ajoelhava, a nobreza se submettia, o clero se curvava como se elle guardasse na sua pessoa uma sagra-da essencia que tudo dominasse.

Em creança — segundo escreveu um secretario da rainha-mãe — era orgulhoso e travesso, um pequenote creado entre as saias do mulherio palaciano e que fazia toda a



D. MIGUEL I

Fardado de tenente general do exercito
(Grav. da Bibl. Nac.)

casta de maldades por entre os sorrisos adula-
dores dos cortezãos. Ligeiro d'animo, tur-
bulento, nervoso, traquinas era o ai-Jesus
da cõrte, o filho dilecto de Carlota Joaquina,
talvez a unica culpada de tudo que D. Mi-
guel viria a soffrer em annos distantes nas
rudezas d'um
exilio.

O principe ti-
nha tanto d'im-
pulsivo quanto
havia de reser-
vado em seu ir-
mão Pedro que,
sendo um Bra-
gança a valer no
genio artiloso,
na manha e na
habilidade prati-
ca bem apresen-
tava as caracte-
rísticas da raça,
os predicados
que mais a dis-
tinguiram antes
da mistura do
sangue allemão
nas suas veias
afeitas ás ondas
do sangue caste-
lhano.

Era pois D. Mi-
guel um homem
que ficou crean-
ça até á hora da
desgraça, um
principe desti-
nado talvez á
calma vida dos
filhos segundos
nas cõrtes ou a
tornar-se um rei
aburguezado co-
mo o D. João VI,
sem esse espicaçamento constante exercido
no seu espirito pela mãe que o impelliu ás
mais extranhas loucuras ao sujeital-o á sua
influencia de mulher sempre perigosa para
demais quando os sujeitados estão nos de-
graus d'um throno.

A lição que D. Miguel recebeu ficou como
um exemplo para os principes que se dei-
xam guiar pelos conselhos nem sempre bons
dos que o cercam.

Uma carta de Carlota Joaquina — A conspiração contra o rei — Um exi- lio dourado.

A cõrte de Carlota Joaquina vivera sem-
pre de conjuras á castelhana em que o pu-
nhal e o veneno

se escondiam
com sorriso, ve-
lhacos e devotos.
D. João VI esca-
para á peçonha
a que devia suc-
cumbir, em 1806,
José Anastacio,
ajudante do in-
tendente da po-
licia, e desde en-
tão o malfadado
filho de dois ta-
rados religiosos,
refugiara-se nos
cantochoes dos
seus frades de
Mafra e na dedi-
cação dos seus
privados Lob-
tos, um dos
quaes tambem
morreu um tanto
mysteriosamen-
te. Após a vinda
do Brazil, todo
elle era receios
do povo e da cõr-
te; a mulher an-
dava sempre em-
bebida nas suas
conjuras; as in-
fantas mal o
amimavam; os
filhos, um talha-
ra para si um im-
perio despegan-



D. ADELAIDE DE LOWESTEIN E BRAGANÇA,
ESPOSA DE D. MIGUEL I, NA EPOCA DO SEU CASAMENTO

*A viuva de D. Miguel, vice hoje no convento
de Santa Cecilia em Cowes (ilha de Wight)*

(Grav. da Bibl. Nac.)

do-o do dominio portuguez, o outro, acirra-
do pela mãe, conspirava sempre. E o pobre
rei de Portugal, d'Aquem e d'Além mar, só
encontrava o carinho d'uma escrava negra
que lhe provava a comida não fosse elle
morrer envenenado, sem comtudo o conse-
guir salvar depois d'aquella merenda de Be-
lem.

Em 1823 agitava-se a rainha contra o ma-
rido e contra a liberdade, mas como visse

falhada a conjura e a policia fosse remexer nas suas malas em busca de papeis suspeitos, ella, seguindo o antigo habito, poz-se a salvo com uma carta ao pobre esposo:

«Meu amor: Agora me dizem que os nossos inimigos teem espalhado em Lisboa que eu pretendia fazer esta manhã uma revolta para ficar regente com o nosso filho Miguel e mandar-te para Villa Viçosa. Isto é uma aleivosia muito grande e n'ella entrará de certo o doutor Abrantes, e por isso te peço que ordenes ao intendente que proceda rigorosamente a esse respeito, pois tu bem sabes que eu não desejo senão viver socegada e que tu sejas feliz. D'esta tua: C. J.»

D. João VI, perante esta carta, teve a certeza de que a mulher tramava na sombra, ao recordar-se d'uma outra semelhante recebida quando da conspiração de Mafra.

Com effeito logo no anno seguinte a revolta rebentou. D. Miguel collocava-se á frente das tropas no Rocio; o povo aguardava em silencio o gesto do infante e na Bemposta o rei tremia de medo, fechado no seu quarto, á porta do qual havia sentinellas. Sem o embaixador francez Hyde de Neuville, que arrastando consigo o corpo diplomatico, se dirigiu ao palacio, talvez que o pobre rei tivesse abdicado. Ante os representantes das nações os soldados cruzaram as bayonetas, um official pediu um bilhete do infante para os deixar passar e só quando um ajudante de D. Miguel o ordenou a porta se abriu para se vêr um rei chorando, convulso, apavorado nos braços do inglez Beresford. Dos seus labios com os soluços sahio o perdão do filho cujos cúmplices deviam ser castigados. O principe

embarcara na *Perola* com o cirurgião Pires e o conde de Rio Maior e partia para o estrangeiro d'onde só devia voltar em 1828 para assumir a regencia do reino, após a morte do pae, que deu pasto a mysteriosos ditos.

A' volta de Sua Alteza — O Rei chegou — O absolutismo

A viagem do infante fôra cheia de gosos e d'alegrias. Esturdara em Paris, divertira-se em Vienna, onde jurara manter a Constituição deante de Metternich, do conde de Bombelles e do barão de Villa Secca. Sahira logo para França e d'ali para Inglaterra; fôra recebido com entusiasmo em Westminster, visitara o tunnel do Tamisa, que dois dias depois devia abater e finalmente puzera-se de viagem para Lisboa onde chegou nos primeiros dias de fevereiro. O seu desembarque no caes de Belem foi um delirio. O infante recusando ir ao Terreiro do Paço, onde a Camara o aguardava, ainda mais acirrou o entusiasmo da turba

fanatica de frades, bolieiros, comborças e soldados, que lhe alacaiaram o coche pela calçada d'Ajuda improvisando versos que soavam entre o repique festivo dos sinos, o estrallear dos foguetes, as musicas estrondosas que o saudavam, versos que vinham da loucura ebrifestiva da populaça em face da figura garbosa do infante:

*D. Miguel chegou á barra
Já lá estava o seu carrinho
Para o levar a palacio
Descançar um bocadinho*



NASCIMENTO DA FILHA DE D. MIGUEL DE BRAGANÇA

D. Maria das Neves, a primeira filha de D. Miguel, nasceu em Klenihensch a 5 de agosto de 1852

(Grav. da Bibl. Nac.)

*Rei chegou
Rei chegou
Em Belem
Desembarcou
Na barraca
Não entrou*

Sob o chuveiro das petalas dos jardins d'Alcolena e da Boa Hora, entre sorrisos femeninos e brados do povo, o infante sorrindo aos moleiros do Caramão e do Monsanto aos escudeiriços e fidalgos entrou no paço diante do qual começou a folia como em arrayal de milagroso santo. Correu o vinho a rodos e no bailarico rijo as vozes das moçoilas saudavam-lhe a belleza e acclamavam-no:

*D. Miguel
Lindo diamante
Elle já é rei
Já não é infante*

Assim começou a caminhar para a realeza absoluta; assim se tornou o rei dos frades, da soldadesca, da turba e do mulherio.



PRINCIPE D. MIGUEL MARIA DE BRAGANÇA
E PRINCEZA D. MARIA DAS NEVES DE BRAGANÇA, EM PEQUENOS

*D. Miguel é o principe que se abstem
dos seus pretensos direitos;
sua irmã casou com o principe Affonso de Bourbon.*

(Grav. da Bib. Nac.)

Miserias d'um principe — Um duro exilio — A escola da desgraça

O reinado de D. Miguel I ficou como um periodo d'horrores. Nunca se viram tantas forcas erguidas, tanta gente presa nas cadeias e fortalezas, tantas atrocidades que se praticavam ao som do *Rei chegou*, o *Ça Ira*, realengo do *Rei Terror*. Quando passava nas suas cavalgadas o povo ajoelhava; as freiras tinham o seu retrato nos altares; havia uma furia de o acclamar emquanto a

Alçada ia lavrando sentenças. Começou a rebellião na qual D. Pedro não entrou tão desinteressadamente como se julga, seguiram-se as batalhas como n'um quadro final d'odio accumulado d'irmão para irmão na dynastia brigantina e por fim as forças de D. Miguel succumbindo na Asseiceira renderam-se pela convenção d'Evoramonte. Ali o principe teve o seu primeiro gesto d'honestidade ao despojar-se até das suas joias

particulares, ao entregar o thesouro da corôa que valia 800 contos e preciosidades no valor de 3:000, em face d'esse tratado que amnistiava todos os delictos politicos, reintegrava no exercito os officiaes, nos logares os empregados publicos, a fazer a paz da nação. Só elle seria expulso, comprometter-se-hia a não mais voltar á península e partiria dentro em quinze dias do reino para o que se lhe dava uma pensão de 60 contos.

Por aquelle calido junho, em que a terra portugueza é tão

linda, o infante com vinte dos seus veteranos, cercado pelos lanceiros constitucionaes marchou a embarcar em Sines, na corveta ingleza *Stag* que o capitão Lockyer commandava. Levava 80 pessoas de comitiva e deliberava não acceitar essa pensão que lhe daria o ar d'um culpado rico, ao abrigo das miserias, emquanto os seus fieis jazeriam na indigencia. No caminho ouviu doestos e sem a intervenção do official Infante de Lacerda o guerrilheiro Batalha teria assaltado a escolta para desacatar o

homem diante de quem a turba ajoelhara. Naturalmente n'essa hora o principe perdeu todas as suas illusões, sentiu que pouco valor tem o amor do povo agora impetuoso como o das perdas, logo voluvel, transformado em odio, como o d'ellas. A infanta Isabel Maria estava em Elvas e recolheu a Bemfica; o duque de Cadaval partiu dias depois para ir viver no palacio Montmorency, em Paris.

No reino ficavam algumas dedicações nos conventos, no exercito e no coração das mulheres e o principe ao desembarcar em Genova, orando em face da Senhora da Vinha, sentia-se enfim bem vencido, pobre, mettido já na rude estrada onde o conduzira sua mãe. No throno estava a sobrinha cercada pelos soldados de D. Pedro; elle lá de longe escrevera o seu primeiro protesto: preferia a miseria, tinha enfim esse assomo de dignidade ensinada pela desdita.

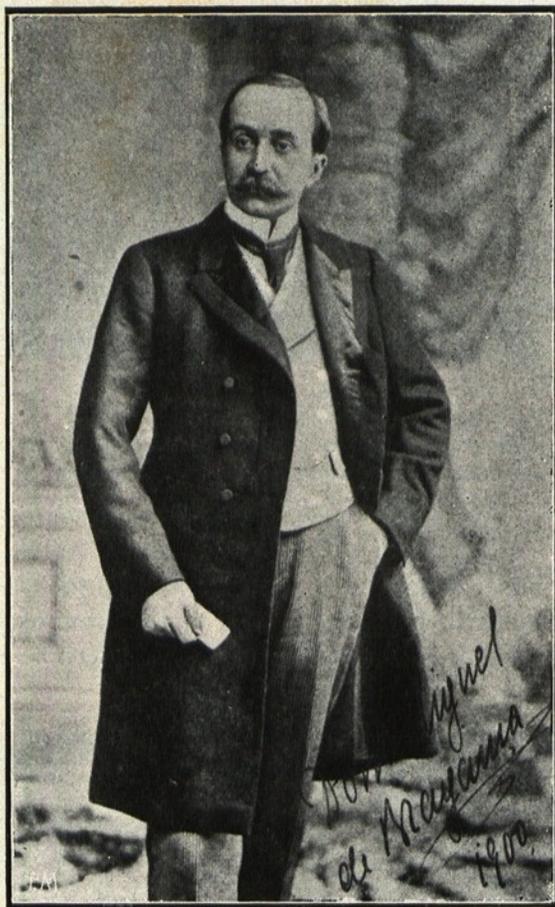
«Declaro-me, agora, que estou em liberdade, contra a capitulação de 26 de maio passado, que me foi imposta pelo governo de Lisboa e que acceitei para prevenir mais desgraças e poupar o sangue

dos meus fieis vassallos. Esta capitulação, portanto deve ser considerada nulla e de nenhuns effeitos.» Era a pobreza. O governo constitucional apprehendera ainda algumas das suas baixellas particulares que a velhinha D. Francisca Varde buscara salvar para servirem no exilio ao seu querido rei que vivia apenas d'uma pensão offerecida pelo papa Gregorio XVI. Estava em Roma no palacio Capponi que a familia Mencacci lhe offer-tara; ali vivia com os seus fieis, procurando

horas de maior felicidade. Via-se então esse principe das touradas e das cavalgadas, o *Rei Terror*, o soberano diante do qual um povo ajoelhara, passear a pé, humilde, confundido com as multidões indifferentes, chorando sobre o parco pão d'esse exilio bem diferente do primeiro.

Dias havia em que não tinha um *bayoco* para comprar o leite da sua ceia. Aos opiparos jantares de gala succediam os ratinhados quinhões de vacca, os modestos pratos d'arroz; as fructas de Roma eram caras e elle devia ter saudades dos seus pomares ferteis, dos vergeis de Queluz, de tudo isso que perdera levado pela ambição de fazer de Portugal uma herdade em que colhesse todos os proventos e na qual o irmão se contentava apenas com alguns. Data d'aqui a sua transformação. O rei esturdio era agora um homem de coração que partilhava com os pobres o seu pouco pão; tornava-se um attento observador das miserias e, como se andasse a penitenciar-se d'uma grande culpa, fazia o bem, valia aos desgraçados, enchia-se de modestia. Uma

vez quiz vender o seu unico cavallo para socorrer um realista hespanhol; outra levou para a sua mesa um portuguez esfaimado. Passando na rua Leccusa, onde o povo se affastava d'um pestifero, tomou-o nos braços e levou-o ao hospital. D'este modo, vivendo mal, a ponto de em 1841, em pleno inverno romano, não ter dinheiro para comprar um sobretudo e sahindo de casa do principe de Conti, onde estivera hospedado, não ter com que pagar o seu jan-



D. MIGUEL DE BRAGANÇA

*Que se abstem dos seus suppostos direitos
ao throno Portuguez*

(Grav. da Bib. Nac.)

tar, o príncipe protestava sempre contra o seu banimento da pátria, proclamava ali os seus direitos já em janeiro de 1835 e em maio do mesmo anno, já em novembro de 1840, já em junho de 1852, nas vésperas do nascimento de seu filho. Em Lisboa a condessa de Pombeiro fazia subscrições para o soccorrer e que elle, ainda em 1850, agradeceu de Bexhill. Do seu exílio seguiu com o coração sobressaltado a incursão de Mac-Donell em Portugal e, ao vel-o vencido, sem duvida sentiu que jamais seria rei de facto. No entanto protestava sempre no meio da sua miseria de que o salvou uma mulher digna — a princeza Adelaide de Lowestein — que ainda hoje vive



RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Guerra allegorica em que se vê D. Pedro esmagando o governo de D. Miguel

(Grav. da Bib. Nac.)

tein.» D. Miguel I morreu e para seu filho se voltaram os seus partidarios. O príncipe não tivera a aprendizagem dolorosa de

n'um convento d'Inglaterra e que desejou partilhar as suas desditas e as suas esperanças casando com o príncipe que, pagando as suas culpas, na escola da desgraça se redimiu como homem.

Morte de D. Miguel I — Seu filho — Um sonho desfeito?!

Em novembro de 1866, D. Jorge Locio recebia em Lisboa o seguinte telegramma: «Le roi est mort subitement d'une paralysie de poumons. Dite au conte de Pombeiro et marquis de Abrantes. Charles prince de Lowestein.»

D. Miguel I morreu e para seu filho se voltaram os seus partidarios. O príncipe não tivera a aprendizagem dolorosa de seu pae; fôra creado como todos os filhos das familias reaes, talvez com um desejo grande de vêr essa terra da sua raça, pois saudade não a podia ter. Vivendo na côrte d'Austria, sendo official do exercito d'esta nação, casado, augmentado em bens, decerto não soffreu nunca as agruras dos príncipes desditosos. Perto do throno mais tragico da Europa, assistindo ás desgraças da familia impe-



DESEMBARQUE DE D. MIGUEL I, NO CAES DE BELEM, EM FEVEREIRO DE 1828

Frades, collarejas e gente das ruas saudam o infante ao som do improvisado CA IRA da realeza

(Grav. da Bib. Nac.)

rial, D. Miguel soube da morte do herdeiro do throno, esse desequilibrado Rodolpho do mysterio de Mayerling; depois o desaparecimento do archiduque Salvador; ainda do fuzilamento de Maximiliano; dos casamentos morganticos; de toda essa serie de factos que fizeram herdeiro d'um throno, de que estava bem distante, o archiduque Francisco Fernando. Realmente a casa d'Austria, que o acolhera, era um exemplo terrivel d'infelicidades regias nas quaes deve ter pensado ao vêr como ás vezes um pequeno principe pode herdar um imperio e ao sentir os espinhos d'essas existencias que se julgam tão mimosas Diz-se que a tragedia de Lisboa o fez meditar a ponto de se approximar da sua familia mudando a sua declaração de 1896, na qual dizia obrigar-o a sua honra a continuar no seu posto. E' crível que o principe tenha essa anciedade de se ligar aos seus, ante as tragedias da realleza a que tem assistido no paiz onde vive e da noticia da que se passou em Lisboa: é crível que venha para Portugal, para junto d'esse throno de discordia entre seu pae e seu tio, abstendo-se emfim d'esse ephemero titulo de rei que os seus partidarios lhe davam nos dias das suas re-

uniões em Seebestein e nas quaes talvez sonhasse n'um momento com uma effectiva realleza.

Se tal sonho teve, elle, agora, para sempre se esvae como uma illusão que era, como uma nuvem de fumo ao sopro, por vezes agreste, do vento d'esta nossa terra, vento que agita o Oceano d'onde o rei Miguel I partiu n'essa memoravel manhã luminosa de junho por entre as imprecações d'aquelles que talvez tivessem entoado a canção de vindictas que ficou entre nós como um sangrento *Ça-ira* da realleza.

NOTA. — Em Sines embarcaram com D. Miguel I os seguintes individuos: Conde de Soure, D. Bernardo Almada, Antonio José Guião, mordomo, João Gaudencio Torres, secretario, Joaquim Telles Jordão, ajudante, João Galvão Mexia de Sousa Mascarenhas, João Antonio de Azevedo Lemos, Joaquim dos Reis, confessor, Luiz Guilherme Coelho, D. Antonio da Silveira, Manuel de Sá Sarzeda, capellão, Antonio d'Oliveira Vianna, Antonio Pedro Baptista Gonçalves, José Castro de Quental, Manuel d'Almeida e Andrade, José Alves Candido, João Baldy, Pedro M. Rebello, Joaquim Rodrigues Castro, Diogo José de Noronha, Francisco de Magalhães Mascarenhas, Antonio Augusto de Mascarenhas Galvão, Manuel Bernardes Goulão, Antonio Pimentel Soares, Henrique Vieira, Constantino José Marques e trinta e dois creados.

ROCHA MARTINS.



FIDES SEMPER VIRENS

Ao Dr. Alfredo Bensaude

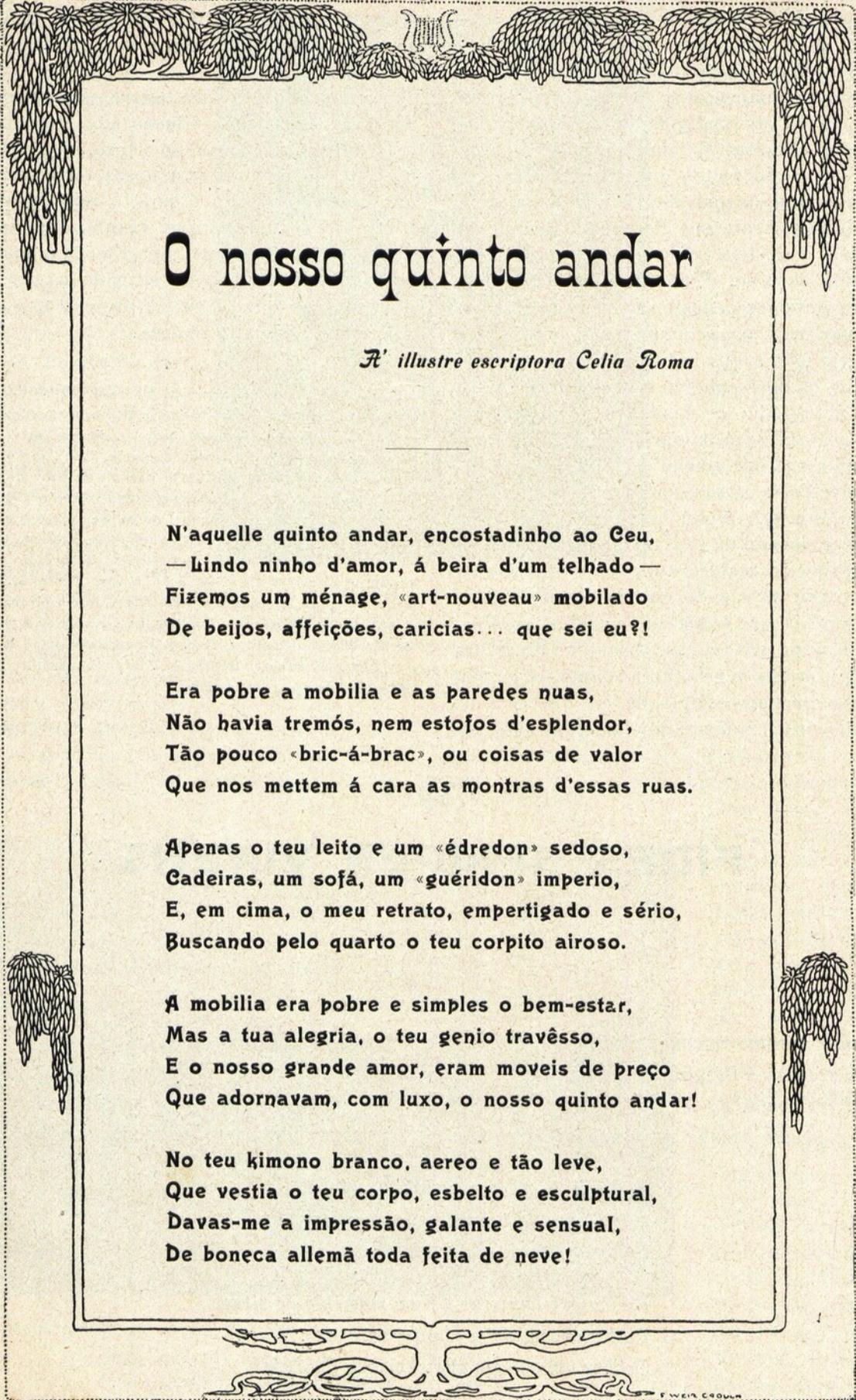
*O' meus irmãos, ingenuos visionarios,
Cedo votados á Desgraça e á Dor,
Martyres talvez do Ideal, do Amor,
Que o mundo occulta em virginaes sacrarios:*

*Olhae ao longe os asperos calvarios
Tragico fim de cada sonhador!
Lá deixareis a vossa carne em flor,
E a propria vida, com seus sonhos varios...*

*Rudes torturas, por emquanto vagas,
Bão de esmagar-vos, como duras fragas,
Rolando pela vasta immensidade...*

*Porém que importa? Se um momento ao menos
Virdes acaso, entre clarões serenos
Brilhar um astro a que chamaes Verdade?*

AFFONSO VARGAS.



O nosso quinto andar

A' illustre escriptora Celia Roma

N'aquelle quinto andar, encostadinho ao Ceu,
— Lindo ninho d'amor, á beira d'um telhado —
Fizemos um ménage, «art-nouveau» mobilado
De beijos, afeições, caricias... que sei eu?!

Era pobre a mobilia e as paredes nuas,
Não havia tremós, nem estofos d'esplendor,
Tão pouco «bric-à-brac», ou coisas de valor
Que nos mettem á cara as montras d'essas ruas.

Apenas o teu leito e um «édredon» sedoso,
Cadeiras, um sofá, um «guéridon» imperio,
E, em cima, o meu retrato, empertigado e sério,
Buscando pelo quarto o teu corpito airoso.

A mobilia era pobre e simples o bem-estar,
Mas a tua alegria, o teu genio travêso,
E o nosso grande amor, eram moveis de preço
Que adornavam, com luxo, o nosso quinto andar!

No teu kimono branco, aereo e tão leve,
Que vestia o teu corpo, esbelto e esculptural,
Davas-me a impressão, galante e sensual,
De boneca allemã toda feita de neve!



Biscoitos e café... era a ceia modesta,
Preparada por ti, em lindo «tête-à-tête»,
Com caricias d'amor tornava-se em banquete,
E a luz do teu olhar illuminava a festa!

Então, n'esses festins, que vida extranha, nova!
Cingidos um ao outro, as mãos muito enlaçadas,
Eram juras d'amor, em bôccas namoradas,
Amor p'ra sempre eterno, amor além da cova!

A tua toilette era eu quem a escolhia,
Quando ias a passeio, e pelo braço meu,
E, desde a meia aberta aos grampos do chapéu,
Que feminil pericia eu então exhibia!

«Dame de compagnie», se algum dia a tivéres,
Como eu, talvez não saiba ajustar-te o espartilho!
No teu ar infantil até dizias: «Filho!
Que geito que tu tens p'ra embonecar mulheres!»

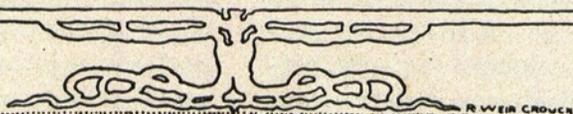
Um titular qualquer mudou a tua vida:
Pôz-te uma casa chic e deu-te creadagem,
Tens joias do leitão, toilettes, carruagem
Em que, ás horas do «tom», passeias na Avenida.

Fizeste muito bem. A vida é attrahente!
Não se vive d'amor e tudo custa caro...
Impõe o teu capricho, esse artificio raro,
Que converte a mulher em deusa omnipotente!

Devora a f'licidade e gosa até fartar!
O coração não dês, que isso escangalha a vida!
Não te lembres de mim! Mas não te esqueças, qu'rida,
Do palpitante amor do nosso quinto andar!...

Carlos Trigueiro.

28-2-1909





JOGANDO

Vestígios da passagem dos portuguezes no Japão

(Conclusão)

Mo museu de Ueno, em Tôkyô, encontram-se hoje, em exposição, curiosos documentos da acção evangelisadora dos missionarios portuguezes. Figuram, entre outros, os seguintes: — um retrato a oleo, de Hashikura Rokuemon, em prece, em frente de um crucifixo; o titulo de cidadão romano, conferido ao mesmo Rokuemon, que visitou o papa Paulo V, em 1615, como embaixador do principe de Sendai; varias pinturas sagradas, rosarios, crucifixos, um livrinho de devoções escripto em japonês, etc. Alli figuram tambem exemplares das celebres *fumi-ita*, placas de metal com emblemas christãos, que nos tempos de perseguição os japonezes cal-

cavam a pés juntos, e parece certo que tambem os hollandezes, no intuito de provarem ás auctoridades do paiz, quando preciso, que não seguiam o credo de Jesus.

A sua historia e a critica da perseguição japoneza contra os missionarios portuguezes, contra os japonezes convertidos e contra os estrangeiros em geral, cheia de horrores como todas as perseguições religiosas, não é para aqui. No entretanto, ao natural resentimento que os factos apontados, descriptos em minucia pelos nossos velhos chronistas, possam ter induzido a alma portugueza, devem fazer-se alguns reparos. Os nossos padres mostraram-se desde logo intolerantes; e os nobres convertidos foram mais do que intolerantes, foram despoticos, foram crueis, obrigando pela

força os seus vassallos a abraçarem a nova fé, incendiando os templos buddhistas e assassinando os bonzos. O commercio tornou-se cedo o monopolio dos christãos. Padres portuguezes e frades hespanhoes, mercadores portuguezes de pouca lisura de costumes, e mais tarde os hollandezes e alguns inglezes, todos começaram intrigando uns contra outros, e intrigando contra o imperio, ingerindo-se na politica interna, conspirando, espalhando a revolta, a confusão e a anarchia. Os dirigentes japonezes almejavam por estabelecer em bases firmes o commercio do paiz com o Occidente, no proposito de engrandecel-o pela industria e pelos progressos adquiridos; mas não podiam admittir tamanha influencia moral, exercida por estranhos, tendente á desintegração da familia japoneza, ao fanatismo, á oppressão religiosa, á inquisição e certamente, como remate, ao dominio politico dos brancos no solo dos Mikados. A opinião é correntia, entre os modernos escriptores occidentaes mais competentes, que o perigo jesuita foi uma das mais ameaçadoras conjuncturas que hão posto em risco a independencia japoneza, durante a longuissima existencia da nação. Hideyoshi, Iyeyasu, foram barbaros; mas salvaram da escravidão a sua patria.

Passêmos adeante, para encarar agora o lado mercantil do nosso assumpto. Pouco ha que dizer. Os portuguezes poderiam ter feito muito n'este campo. Poderiam ter acordado as latentes energias na alma dos nipponicos, e dos chinezes tambem, antecipar os factos, alliar-se aos asiaticos e revolucionar o mundo. Não o fizeram, nem admira que assim

fosse. O espirito de ha tres seculos éra outro. Reservaram os destinos á Inglaterra o logar de primeiro alliado occidental de um imperio do Oriente. E facto que os navios dos nossos mercadores serviram de modelos aos barcos japonezes, começando a construir-se alguns de maior tonelagem e proprios á navegação de longo curso. Desenvolvemos n'este povo o espirito aventureiro, o amor das grandes viagens, das conquistas. Em 1594, Hideyoshi distribuia licenças a oito



DOMINGOS ZENYEMON

barcos japonezes para negociarem com Luzon, Amoy, Macau, Annam, Tonkin, Cambodge, Siam, Malaca e outros portos. Seis annos depois, taes licenças eram elevadas por Iyeyasu a sessenta e duas; e em 1620 montavam a cento e setenta e nove. Foi por aquelles tempos que, partindo um barco japonez para o India, com escala por Macau, ali, os portuguezes, não conseguindo que o capitão vendesse a carga e desistisse de ir além, confiscaram-lh'a sem outra fórmula de processo. Mas a expulsão dos estrangeiros do solo japonez vinha pôr termo aos arrojões d'este povo em materia de expansão, seguindo-se naturalmente uma politica

cautelosa, repressiva; a emigração dos nacionaes foi prohibida, prohibido o regresso dos ausentes, a tonelagem dos barcos reduzida a cifras infimas, de modo a só permanecer a navegação de cabotagem. O isolamento era a lei unica.

Vou agora referir-me a outros vestigios, de minima importancia mas ainda de interessantissima menção, que ficaram da nossa passagem no Nippon. Estes vestigios encontram-se na linguagem japoneza. Começo por dizer que, na sua escripta ideographica, os

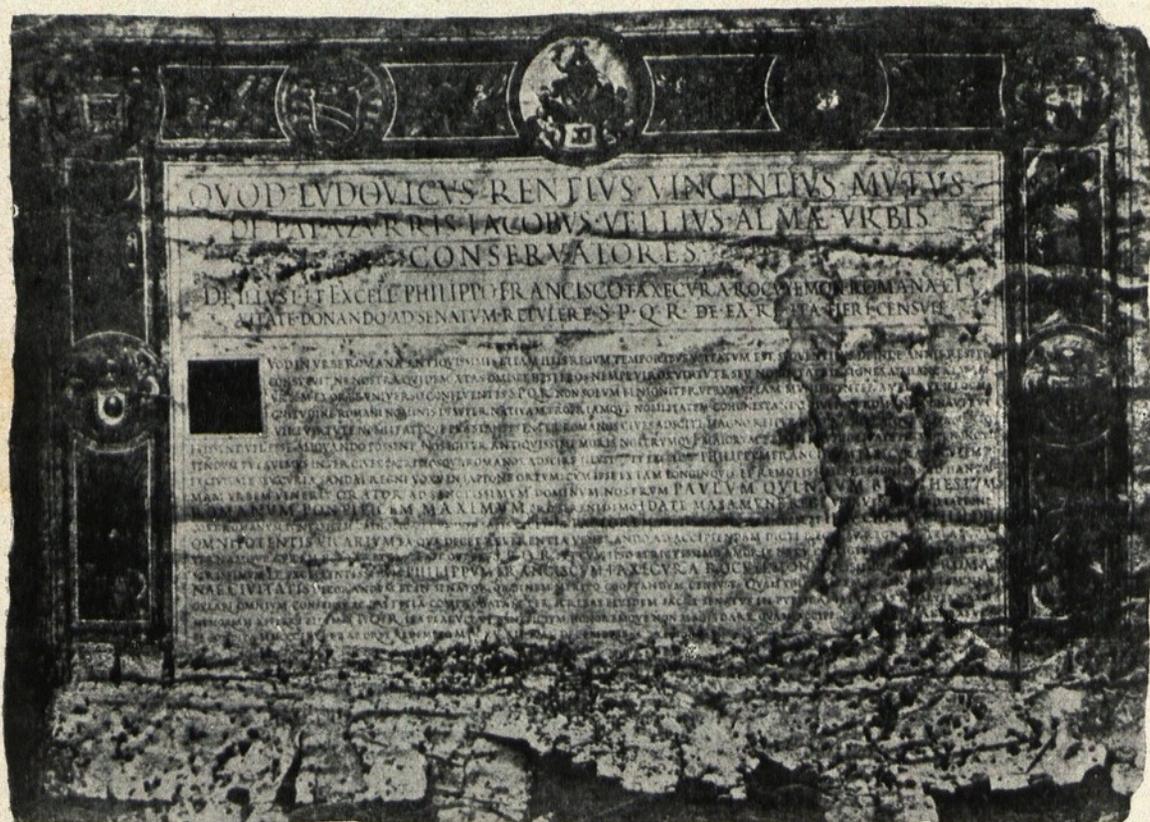
japonezes escrevem com tres figuras a palavra «Portugal». As duas figuras superiores querem dizer *budó* (uvas, vinha); de sorte que a rigorosa denominação da nossa terra seria para elles — o *Paiz das Uvas* — ou, por extensão — o *Paiz do Vinho*. . . — Ironica divisa, quando se tenha em conta a raridade de vinho portuguez em terras do Japão; em todo o caso, comprovativa da remota fama vinhateira da patria de Mendes Pinto e dos que lhe succederam.

Os portuguezes trouxeram ao Japão idéas

tan (christão), *bateren* (padre), *Kontasu* (contas, rosario), *anima* (anima, alma), etc.

Depois, veem os nomes das coisas: — *botan* (botão), *birôdo* (velludo). *bôto* (bote), *bidôro* (vidro), *koppu* (copo), *mantêru* (mantêo), *kappa* (capa), *mantô* (manto), *pan* (pão), *shabon* (sabão), *kompeitô* (confeito), *saberu* (sabre), etc.

Os japonezes dizem: — *tempura* (de «tempero», ou outro termo parecido). — *Tempura* é qualquer artigo de cosinha, frito em azeite; corresponde ao nosso actual vocabulo



TITULO DE CIDADÃO ROMANO CONFERIDO A HASHIKURA ROKUEMON

novas, objectos novos. D'isto resultou naturalmente a adopção, na linguagem do paiz, de muitos termos nossos; dando-se ainda a circumstancia favoravel de uma notavel semelhança de pronuncia nas linguas faladas dos dois povos. Avultam, como facilmente se imagina, os termos religiosos; muitos d'elles ainda em uso, posto que os padres francezes, pastores actuaes do minguido rebanho dos catholicos nipponicos, cuidem de substituir estas palavras por outras, etymologicamente nacionaes. Cito alguns exemplos: — *Kirisuto* (Christo), *Yaso* (Jesus), *Kirisu-*

«fritura». A palavra é tambem conhecida em Africa, de importação portugueza, claramente; eu conheci, em Moçambique, uma negra que se chamava *Tempura*.

Os nipponicos dizem: — *tabako* (tabaco). — Parece não restar duvida de que fomos nós que introduzimos a palavra no Japão, e tambem a droga e o uso de fuma-la; isto por 1600. A principio, decretaram-se rigorosas leis prohibitivas contra o uso do tabaco; mas depois estabeleceu-se a tolerancia, passando todos a fuma-lo, sem distincção de sexos. Observa um auctor japonex, contem-

poraneo: — «Mulher que não fume e bonzo que perserve nos seus deveres de abstinencia, eis duas coisas igualmente raras.» Deixando sem commento o cigarro, que os costumes modernos vão profusamente divulgando, convem saber que o tabaco japonéz, de delicioso aroma, é fumado em cachimbos, alguns dos quaes são verdadeiros mimos de arte, comprados por alto preço. O *kiseru*, o cachimbinho, consta de um forno e de uma boquilha de metal (cobre, prata ou ouro), e de um fino tubo de bambu. Varios outros delicados utensilios (como a bolsa de seda, o brazeiro, etc.) fazem

parte do arsenal do fumador. Os homens do povo, labutando pelas ruas, trazem sempre o cachimbo á cinta, envolvido n'uma bainha de coiro envernizado; os *touristes*, estranhos aos costumes, julgarão que vão armados de punhal. No lar, a mimica da *musumé* tomando nos dedos uma pitada de tabaco, enchendo o forno, accendendo-o sobre brazas, saboreando uma unica fumaça, sacudindo o residuo, enchendo de novo o forno e offerecendo o cachimbinho á companheira — é graciosissima.

Os nipponicos dizem: — *karuta* (cartas, cartas de jogar). — Sem duvida, iam-se elles dando a varios jogos desde remotas éras, como bons asiaticos que são; mas, se não erram calculos, fomos nós que lhes trouxemos as cartas de jogar. O que succede, é que as cartas japonezas são mais bonitas do que as nossas. Estamos adivinhando que, em quanto os bons padres jesuitas iam ensinando a doutrina a estes pagãos e cuidando de guiar-lhes a alma a bom caminho, Mendes Pinto e os seus dignos successores — amaveis filhos do *Paiz do Vinho* — empregavam horas vagas

em incutir-lhes o viciosinho do tabaco, jogando ao mesmo tempo biscas lambidas em aprazivel sociedade. Cahi por terra a doutrina dos padres; mas o tabaco e as cartas

de jogar — oh, pestezinha da alma humana! — persistiram...

Ficaram mencionados, muito por alto, como convinha, os vestigios que a nossa rapida passagem deixou no solo japonéz. Duas palavras agora, para attentar na corrente inversa, que sempre se manifesta, como nos rios, em phenomenos sociaes da ordem que apontei.

Alguns vocabulos japonezes encontraram adopção na nos-

sa lingua, especialmente em Macau, visinho e em intimas relações com o imperio durante um certo periodo. Em Macau, chama-se «biwa» á nespera, á qual os japonezes chamam *biwa*. Os japonezes chamam *kaya* (de *ka*, mosquito, *ya*, casa) ao mosquiteiro; o termo é igualmente empregado na linguagem de Macau. O vocabulo «biombo» e o objecto que elle exprime são evidentemente de origem japoneza; os japonezes dizem *biôbu*. O mesmo acontece com «catana». portuguez, e *katana*, japonéz. «Bonzo» é palavra japoneza; os japonezes dizem *bôzu*. Os chinezes do sul e os japonezes dizem *chá*; nós dizemos *chá*, como elles; o nosso termo vem de uma ou de outra origem; mas «chavena» é de pura importação nipponica, de *cháwan*, designando o mesmo objecto.

Os nossos padres e os nossos mercadores, animados de intenções que nada tinham que vêr com a deliciosa arte nipponica, não se importaram com ella, passaram desdenhosos. Haverá em Portugal um vaso de porcelana, uma boceta de charão, uma folha de desenho, trazidos do Japão,



FUMANDO

五
兵
集

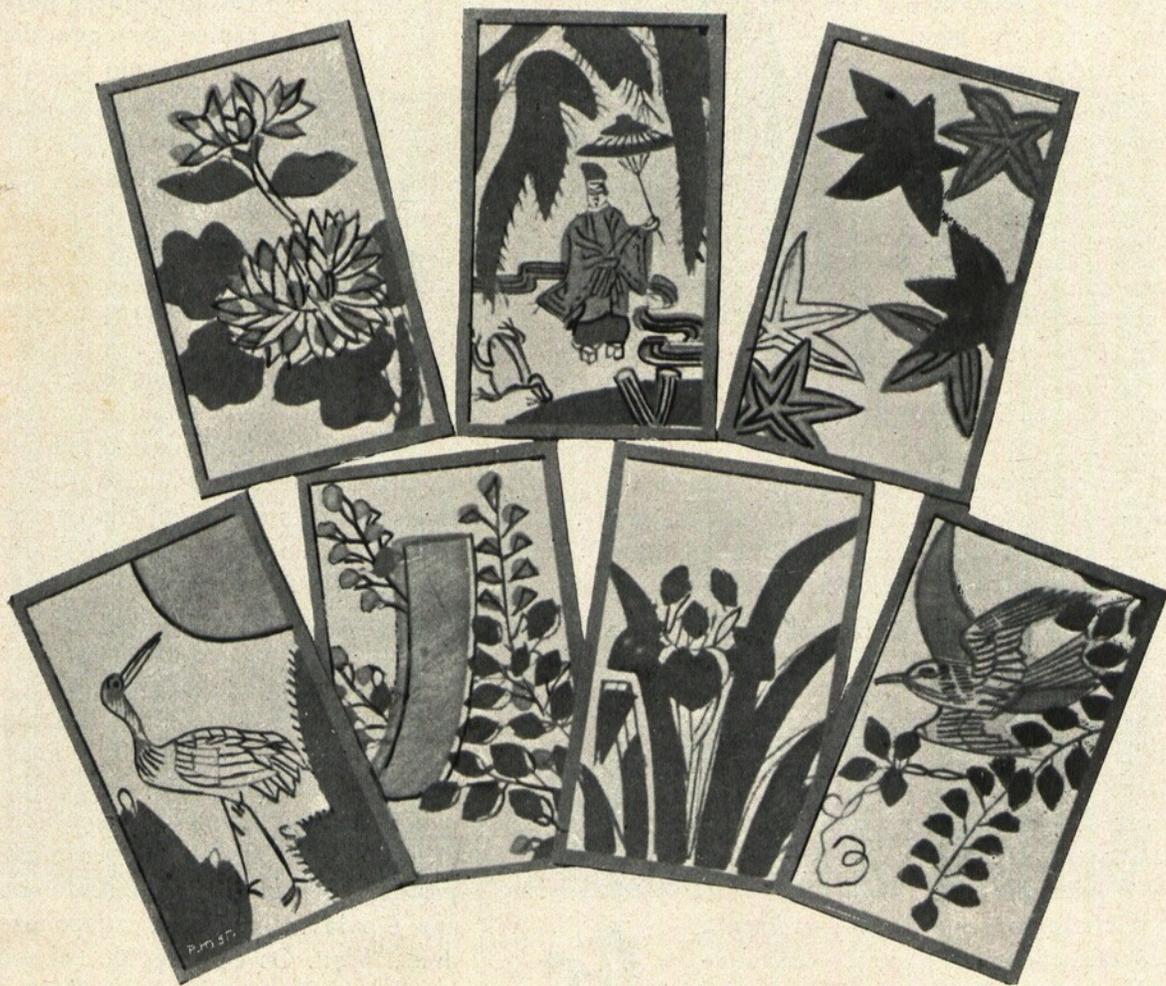
PORTUGAL...
O «PAIZ
DO VINHO»

do tempo em que nós tão assiduamente o frequentávamos? Supponho que não ha. Todavia, é bem possível que certas fórmulas de objectos (no bule, na chavena, na bandeja, etc.) tenham sido inspiradas em modelos japonezes.

Os loiros da Hollanda, permanecendo no Japão, excederam-nos immensamente como permutadores de idéas e de coisas, entre o Japão e o Occidente. Mas os verdadeiros

de tiro rapido é o bife com batatas, á inglaterra...

Reservando para o fim um derradeiro comentario á influencia portugueza no Japão, commentario que vem em tempo proprio, justamente quando acabamos de inventariar os quasi chimericos vestigios que restam da nossa passagem pelo imperio, occorre-me dizer que convem ter bem em vista que semelhante influencia foi principalmente de ordem



«KARUTA» — CARTAS DE JOGAR, JAPONEZAS

descobridores do Japão artistico e pittoresco, os authenticos *Mendes Pinto* do Nippon encantador e feiticeiro, só appareceram ha alguns annos, e foram os Goncourt, Revon, Lafcadio Hearn e poucos mais. A elles se deve o nosso reconhecimento aprofundado das delicadezas d'esta terra e d'esta gente, e a influencia resultante, da arte japoneza na arte do Occidente. Em troca, o Japão vae adoptando o nosso chapéo alto, a nossa lugubre casaca de cerimonia, os nossos canhões

moral, não deixando, conseguintemente, vestigios palpaveis, visiveis, em abundancia. O nosso convivio com os nipponicos não cessa por este facto de ser, para elles, uma revelação de alcance formidavel. Acostumados, durante seculos sem conto, a encararem a Asia como o mundo e a velha civilização chinesa como a unica manifestação do pensamento, as suas relações connosco e a ida de embaixadas á Europa, passando por Lisboa, então um dos grandes centros de acti-

vidades mundiaes, abriram sem duvida muito os olhos aos nipponicos, avidos, por indole, de novidades e instrucção. Foram os portuguezes que ensinaram a esta gente que lá muito ao longe, nas terras dos homens brancos, florescia tambem uma avançada civilisação, e que vastissimos impulsos, de progresso e de cobiça, dirigiram ali a marcha das na-

ções. De taes conhecimentos, nasceu por certo um primeiro sobresalto na alma japoneza, o qual foi o germen da sua subseqüente evolução, preparando-se pouco a pouco o imperio para estupendissima metamorphose que se operou nos nossos dias, na constituição intima do Estado, nas forças do paiz e nas aspirações do povo inteiro.

Kobe — Julho de 1908.

WENCESLAU DE MORAES.

SONHOS

I

Falava assim um dia a minha doce amada:
— Jamais posso explicar a tortura infinita
que tanto me flagella est'alma que se agita
num sonho a que me sinto agora acorrentada.

Que tenho eu? Que sei? Por que ancioso palpita
meu pobre coração que nada entende, nada
d'esta extranha emoção? Por que á noite estrellada
vélo, como se fosse uma triste proscripta?

Fito, profundamente o azul sereno e claro,
E, quanto mais o olhar pelo aspaço divaga,
mais me apavora a dôr de um grande desamparo.

Quero viver não sei de que sonho, em que plaga,
quero alcançar alguém que me foge, mas páro,
tremo, vacillo, grito e a duvida me esmaga.

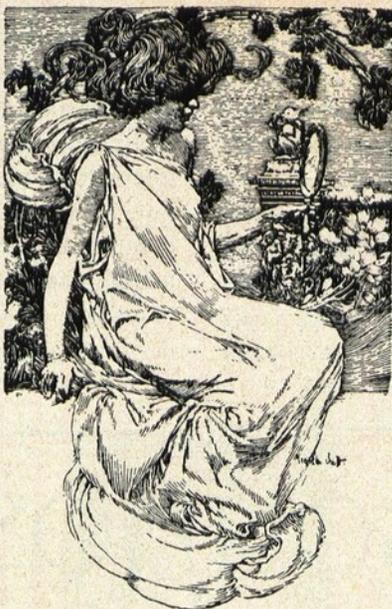
II

Mas eu quero sentir toda a minha alma inquieta
voar, gemer, cantar como um passaro airoso,
que vai pela amplidão, buscando um novo pouso,
fugindo á vil prisão de uma gaiola abjecta.

E, por que d'esse amor quero sentir o goso,
a escravidão feroz, a tortura completa?
Porque amar é viver e a lagrima interpreta
a vida, cujo orvalho é o pranto silencioso.

Ha no meu coração alguma coisa esquiva,
que eu não posso dizer de que fonte promana,
que não sei explicar d'onde, emfim, se deriva.

E nesta indecisão, neste horrendo Nirvana
minha alma de mulher, tranquilla e compassiva,
busca o lado melhor da natureza humana.



MAIO

Resurge a Natureza em viva festa . . .
A luz ampla e vernal forte esfusia!
Revive o campo, esplende a serraia!
Maio. — Nos verdes olmos da floresta

Cantam as aves loucas de alegria! . . .
A flôr, da mais taful á mais modesta
Toda se entrega a borboleta lesta:
A seductora amante fugidia . . .

A vida em tudo freme e murmureja . . .
— O coração do bosque que lateja
Um coração humano se assemelha!

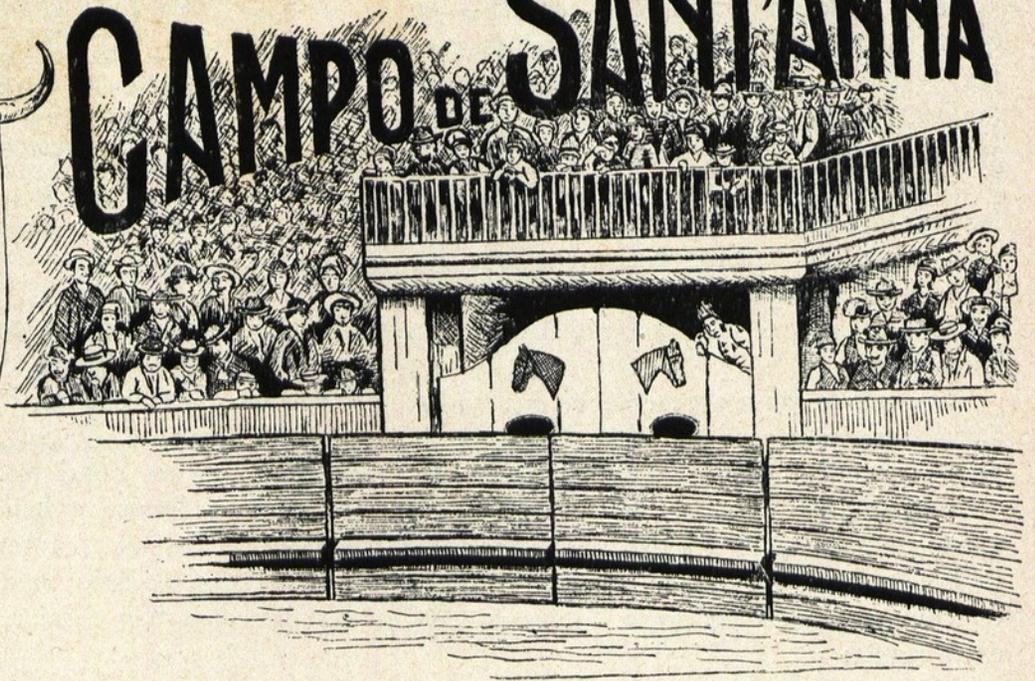
E a luz do sol que tinge os horisontes
Como um clarim, vibrando pelos montes,
Sôa gloriosa e rútila, vermelha! . . .

Rio de Janeiro.

PERES JUNIOR.



CAMPO DE SANT'ANNA



Recordações de então

III



DISSEMOS no nosso segundo artigo que o programma do Campo de Sant'Anna constituiu sempre mais interesse que propriamente o cartaz. Hoje temos elementos para acrescentar que, pelo meado do seculo passado, a rima tambem metteu o seu bedelho á larga no principal annuncio do espectaculo favorito dos portuguezes.

O *fac-simile* que adiante publicamos é reproducção de um cartaz do anno de 1860. E' tão interessante pela vetustez como apreciado pela sua raridade, sendo por isso grande o seu valor estimativo, para não dizermos historico. Pertence ao Real Club Tauromachico Portuguez, que o guarda e archiva cuidadosamente, devendo nós aos seus directores a obsequiosidade da cedençia do original, para o reproduzirmos aqui.

De exiguas dimensões comparando-o com o cartaz actual, pois mede simplesmente

62 centimetros de largo por 93 de alto, sendo dividido ainda em duas pequenas folhas, a sua redacção é curiosissima, começando logo pela apresentação do gado. O exordio é em prosa; depois é que se lhe seguem os versos:

*E os amadores que quizerem
Conhecer disto a verdade,
Queiram no Sabbado á tarde,
A Carriche ir passear.
Na casa do Theotonio,
De calexe ou de carrinho
A cavallo ou de burrinho,
Ou mesmo dando à canella,
Alli podem de janella
Os bichos verem passar.*

*E depois para que seja,
Uma tarde bem passada
Bellos bifes e sallada,
Alli tem para trincar.
Se quizerem tambem podem,
A merenda variando,
O bom fiambre trinçando,
A vitella primorosa,
E até mesmo essa mimosa
Bella cabeça d'achar.*

Pelos modos, o promotor da corrida — ou quem fez por sua ordem o original do cartaz — era frequentador do *Retiro do Theotônio* ou amigo do seu proprietario, pois devendo, e querendo certamente, incensar o lavrador ou reclamar a qualidade da sua fazenda, que no caso presente era, como se comprehende, o gado, desbancou por fim mas foi em chamar a atenção para os peiscos que se encontravam no supracitado Theotônio.

Em seguida faz a apresentação dos irmãos Carmonas, artistas que n'essa época já tinham grande renome. Antonio Carmona, que mais tarde foi matador de fama sob o apodo de *Gordito*, era então ainda bandarilheiro da *cuadrilla* de seu irmão José. Quatro linhas e pico de prosa, fechando com estas rimas:

*Que da paz gosando sempre
O doce fructo esp'rançoso,
Possam vér por largos annos,
Seu viver assaz ditoso.
Pois que o povo portuguez,
Desde grande antiguidade,
E' do mundo respeitado,
Por modéllo de bondade.
Sendo os votos dos Carmonas,
Que o Céu ha-de apreciar,
P'ra que possa Portugal,
Venturas mil disfructar.*

Agora é Peixinho, o promotor da corrida, que deita espiche. O começo dá-nos a idéa das lóas que por muitos annos ouvimos deitar os anjinhos que acompanhavam o tradicional cyrio da Senhora do Cabo:

*Nobre povo lisbonense,
Estimaveis amadores
Que bondosos mil favores
Mui francos sabeis prestar.
O Peixinho que vos deve
Vossa estima que aprecia
Vem rogar-vos neste dia
Façaes que o seu beneficio,
Lhe seja muito propicio,
Como alegre ousa alcançar.*

*Sendo esta a vez primeira
Que se arroja a tal empresa,
Confia já com franqueza
Da mesma mui bem sahir.
Da vossa immensa bondade,
Espera pois desta vez,
O capinha portuguez,
Da mesma a prova alcançar,
Pois que não sabeis negar
Proteger quem vos pedir.*

*Fazei pois oh! lisbonenses,
Que o Peixinho mui contente,
Dizer possa alegremente
O quanto esp'rava alcançou!
E como p'ra compensar-vos,
Só tenha no coração,
A mais pura gratidão
Com firmeza elle assegura,
Que sempre constante e pura
D'alma a mesma lhes votou.*

Bellos tempos esses, em que a Musa andava ligada ao cartaz de touros, tendo a inspiral-a os Carmonas, o Peixinho e o Rafael da Cunha!

Hoje, porém quasi temos a certeza que se algum tivesse a lembrança de redigir assim um cartaz, cantando em verso os meritos dos artistas annunciados, o menos que lhe poderiam chamar era — doido!

Na corrida de que vimos tratando, tomaram parte, entre outros, o beneficiado José Peixinho e os cavalleiros Manoel José de Mesquita e Diogo Henriques Bittencourt. D'elles vamos dar algumas notas.

José Joaquim Ferreira, o *Peixinho* — que mais tarde tomou para appellido a alcunha com que os amigos o apodaram por ser um nadador eximio — foi, como bandarilheiro, uma verdadeira gloria da tauromachia portugueza.

Se a historia do toureio nacional estivesse escripta, observou um seu biographo, lá figuraria no lugar de honra, sem a menor dúvida, o nome de Peixinho pae, tanto mais digno d'essa distincção quanto é certo que elle imprimiu á arte que praticou, uma tão singular orientação artistica, que o publico lhe conferiu o titulo de MESTRE em diploma sellado com as suas ovações e authenticado pela sympathia de que ainda hoje cérca a memoria do popularissimo toureiro.

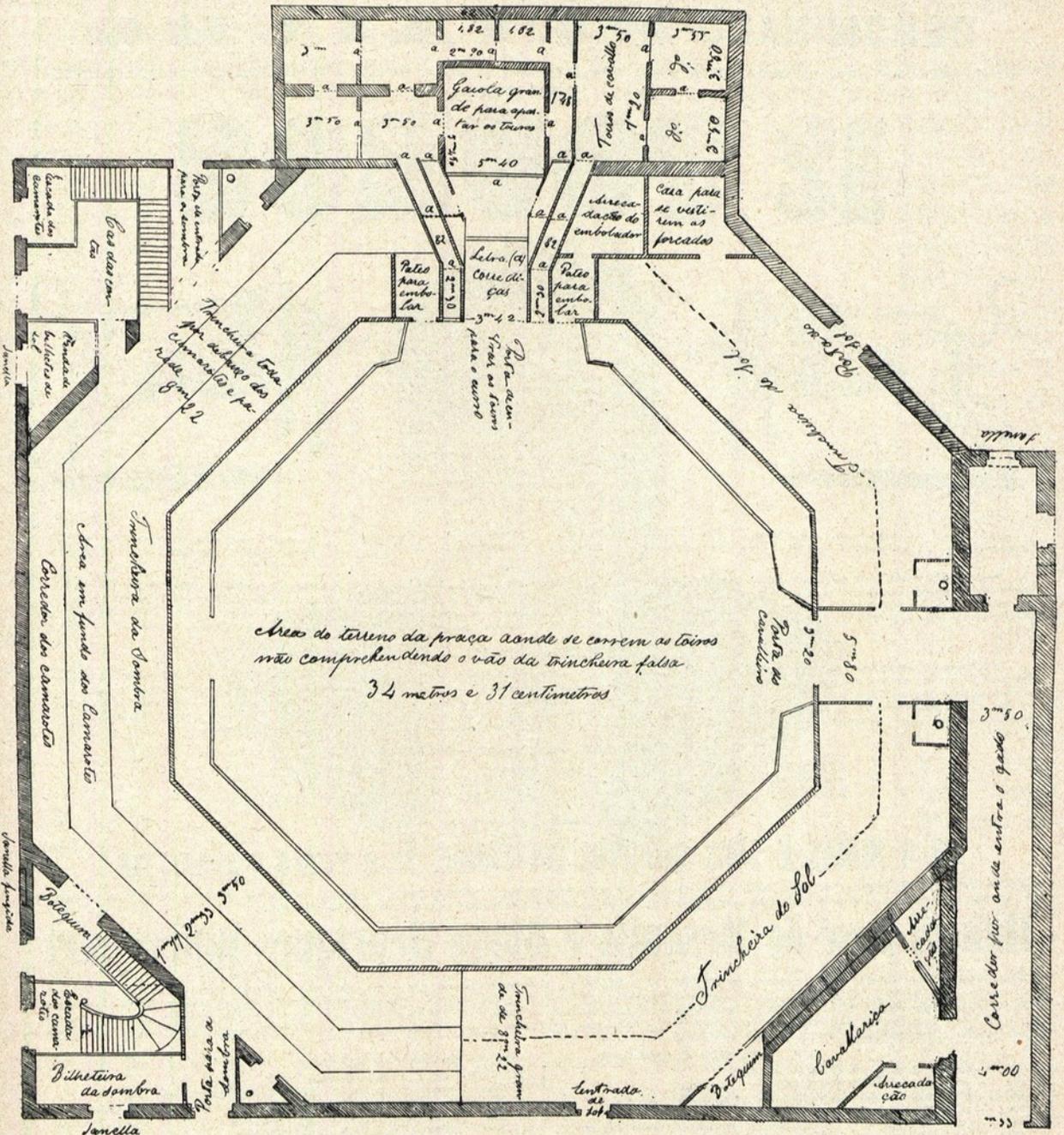
José Peixinho nasceu em Lisboa a 7 de novembro de 1832, exercendo a profissão de pedreiro quando começou a dedicar-se ao toureio. A sua aprendizagem teve começo no Campo de Sant'Anna, nas embollações, que se effectuavam de manhã, divertimento que além d'este artista muitos outros deu, e de incontestavel valor.

Fez a sua estreia como artista em 1849

na praça de Almada, recebendo pelo seu trabalho n'essa tarde quatro pintos! Em 1853, porém, é que conseguiu obter contracto para a praça da capital, sendo Alegria pae o emprezario ao tempo, que lhe pagava por tarde em que toureava a quan-

tia de 127000 réis! E já era, dizem os aficionados antigos, um bom contracto!...

Uma vez com um logar nò grupo artistico do Campo de Sant'Anna, Peixinho, ao lado de José Cadete, Antonio Roberto e João Roberto, então toureiros de renome, e



PLANTA PRIMITIVA DA PRAÇA

ARCHITECTO: MALACHIAS LEAL

(Pertence ao sr. José Mesquita)

As obras começaram em dezembro de 1830 e concluíram em junho de 1831, poucos dias antes de se proceder à inauguração da praça.

Tinha capacidade para 6:000 espectadores, aproximadamente, distribuídos por 100 camarotes, 54 cadeiras, 1:700 lugares de sombra e 3:800 de sol.

Esta planta sofreu algumas pequenas modificações, que os aficionados que frequentaram a praça com facilidade encontraram, e que por isso não apontamos por as julgarmos desnecessárias.

O local onde foi levantada foi indigitado a el-rei D. Miguel pelo cavalleiro João dos Santos Sedtem, que o encarrégara de indicar o sitio mais conveniente.

de Vicente Roberto e Roberto da Fonseca, principiantes de grande merito e sympathia, assentou e aperfeiçoou o seu trabalho por fórma tal que dentro de poucos annos estabelecia-se singular mas leal e digna rivalidade entre elle e os irmãos Robertos, occasionando o apparecimento dos partidos *Peixista* e *Robertino*.

Peixinho bandarilhava superiormente, executando o quarteio com inexcedivel arte e summa precisão. Nenhum collega o excedeu, nem sequer o egualou, na execução d'aquella sorte.

Com o capote e muleta teve tambem a sua época, mas tempo depois deixou de praticar um e outro trabalho, motivado pela obesidade que o acommetteu. Chegou a pesar 120 kilos!

Em 1869, n'uma praça improvisada na *Quinta do Mólha-pão*, proximo de Bellas, propriedade do conde de Anadia, ao lado dos tres irmãos Antonio, Manuel e José Carmona, bandarilhou Peixinho um touro desembolado, por fórma tal, que o insigne espada Antonio Carmona, abraçando-o affectivamente, lhe brindava a sorte de morte, e o conde, mandando embalsamar a cabeça do bicho, pessoalmente a offerecia ao grande bandarilheiro como recordação d'essa tarde.

A *Quinta do Mólha-pão* confinava com uma outra quinta, propriedade do Morgado de Castro. Segundo nos consta, era alli que se realisavam os mais deslumbrantes divertimentos tauromachicos d'esse tempo, quæsi

sempre promovidos pelos dois illustres aficionados.

Peixinho foi o artista de mais conhecimentos e mais vista do seu tempo, pelo que era muito considerado pelos collegas, pelo publico e pela critica, que não estando desconsiderada, como presentemente, era entretanto severa, respeitando-se mutuamente artistas e criticos.

Não havia collega que não consultasse na arena o grande mestre, nos lances mais

difficeis. Bastava-lhe um relance de olhos para prophetisar a lide de qualquer touro, apenas elle pisasse a arena, indicando logo em seguida a fórma como tinha que ser toureado. E quem não attendesse o seu conselho, quasi podia contar como certa uma colhida!

José Peixinho falleceu em Setubal a

31 de março de 1879, deixando na tauromachia portugueza uma lacuna difficil de preencher. Legou á arte, entretanto, um filho com o mesmo nome, que por occasião do seu passamento já tinha a sua reputação tambem consolidada.

Dos cavalleiros, grande foi tambem o nucleo de artistas da velha geração que por demais honraram a tauromachia portugueza com o seu nome. E' isso sabido de todos os aficionados que mais ou menos teem profundado o assumpto, mas nunca se deverá



JOSÉ JOAQUIM FERREIRA, O «PEIXINHO»

deixar de repetil-o, principalmente no caso presente.

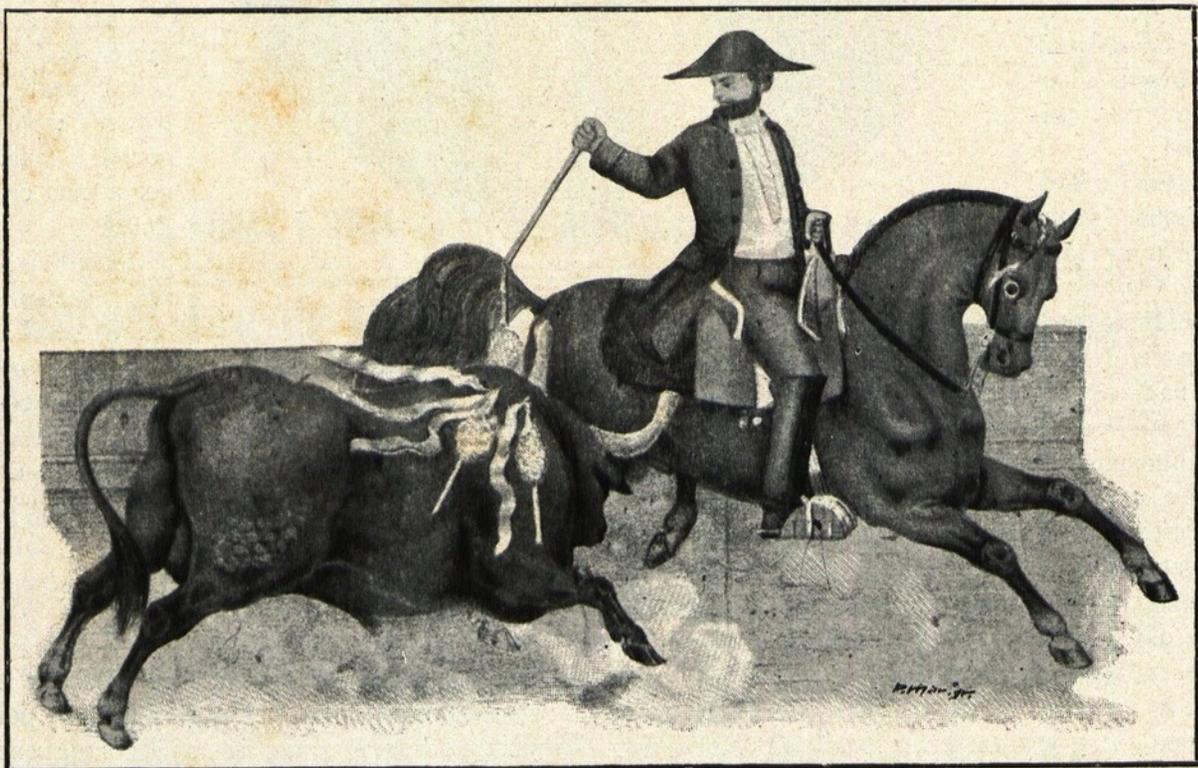
Desejavamos, ao tratar d'esses ornamentos da arte de tourear, acompanhar a sua referencia com retratos e perfis desenvolvidos, mas escasseiam-nos os elementos para o fazer. Por um lado, a photographia n'essa época estava ainda muito atrazada, sendo rarissimo encontrar o retrato de qualquer artista antigo: a gente d'esse tempo não se permitia o luxo de se photographar a cada momento, como actualmente é usado fazer-se, e crêmos que artistas houve que nem uma só vez se deram a esse trabalho; por outro lado, as publicações periodicas e biographicas tambem escasseavam, não havendo onde colher apontamentos, o que não succederá com certeza a quem d'aqui a cem annos se lembrar e quizer dizer alguma cousa das individualidades de hoje, do toureiro ou do theatro.



CONDE DE ANADIA

Salvador Marques, o saudoso aficionado e intelligentissimo critico, por exemplo, levou uns poucos de annos, sem resultado, á procura de um retrato do cavalleiro João Sedvem para dar no seu *Toureiro* — esse superior monumento bibliographico da tauromachia portugueza —, e tão pouco deu os de Mesquita e Bittencourt, para não falarmos de outros mais antigos. Ora, falhando a Salvador, o Mestre e amigo querido, alguns dos seus desejos, não é para admirar que nós succumbamos, tambem, em frente de determinadas vontades, pois temos contra nós o tempo que ainda tem decorrido de então a esta parte.

Veem estas palavras a proposito de Diogo Henriques Bittencourt, porquanto são muito vagos os apontamentos biographicos seus que possuímos, e o retrato só nos foi dado reproduzil-o, não de uma photographia mas sim de uma estampa do tempo, que en-



O CAVALLEIRO DIOGO BITTENCOURT FARPEANDO UM TOURO
(Copia de uma estampa da época, pertencente ao sr. José Mesquita)

tretanto os seus contemporaneos nos asseveram fiel.

Segundo as nossas investigações, ha algumas duvidas sobre o seu appellido, affirmando-se que o seu nome era unicamente Diogo Henriques, sendo a origem de Bittencourt a seguinte.

Um irmão do cavalleiro, chamado Innocencio Henriques, tivera uma desordem com um tal Pedro Rolla, homem de maus precedentes, e, como quer que Diogo assistisse a ella e o irmão se evadissem, o caso é que elle é que foi preso e lhe instauraram na Boa-Hora o respectivo processo.

O empregar do Campo de Sant'Anna, que era João Rodrigues Alegria, que a todo o passo desejava apresental-o, pois lhe ouvira gabar as qualidades artisticas, é que se lembrou de annunciar-o sob o nome de Diogo Henriques Bittencourt, ficando d'ahi o appellido.

O que não resta duvida é que Diogo Bittencourt foi companheiro da arena de cavalleiros antigos como João dos Santos Sedvem, Antonio Maximo de Amorim Veloso, Antão da Fonseca, Manoel José de Figueiredo, Manoel José de Mesquita, e outros, e ainda vive, embora bastante abalado pela doença e pelos setenta e seis annos que já conta, um seu collega que com elle alternou tambem muitas vezes — Diamantino Pontes.

Diogo Bittencourt principiou logo a tourear de tal maneira que todo o publico o applaudia, e muito principalmente os fidalgos amadores, de quem, d'ahi em deante, era assiduo companheiro.

Onde estava Bittencourt, viam-se sempre José Maria Frescata, os condes de Vimioso e de Anadia, ou outro qualquer dos antigos aficionados.

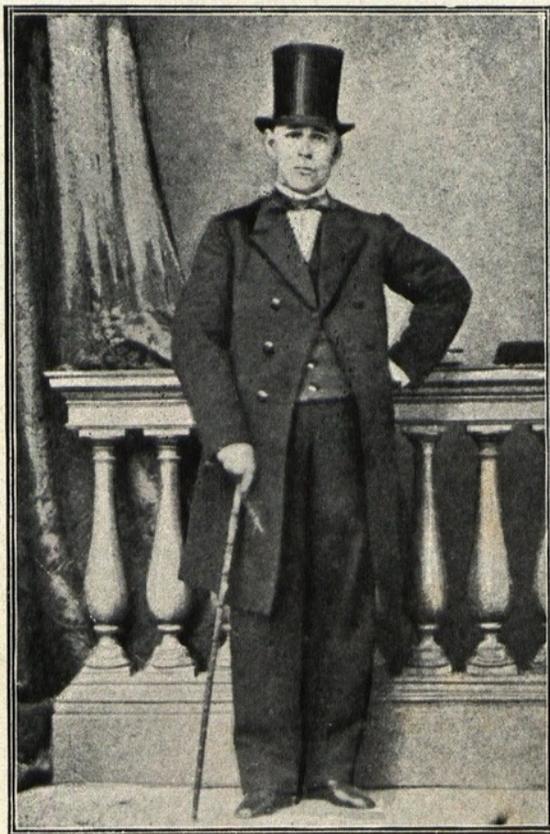
As opiniões entretanto sobre Bittencourt, que foi discipulo do conde de Vimioso, por parte dos aficionados do tempo, são um tanto ou quanto desencontradas, não havendo nenhum que lhe negue valor, mas chegando outros a affirmar que tinha muito mais merecimento do que o proprio Sedvem, que chegou a alcançar na arena um renome por demais honroso e glorioso.

Mas ao passo que as opiniões se cruzam, parecendo que esta ultima é bastante exagerada, ha ainda quem não consinta ser desmentido sobre tal opinião, e n'este caso está a de um artista companheiro dos dois cavalleiros na arena — Manoel Botas —, que afirma a superioridade de Bittencourt sobre Sedvem.

Apesar d'estas affirmativas, parece-nos fóra de duvida que Sedvem foi mais artista do que Bittencourt, porque era não só cavalleiro tauro-machico eximio como picador de reputação consagrada, ao passo que Bittencourt era simplesmente toureiro, pois como equitador o seu nome e merecimentos eram quasi desconhecidos.

Outros, então, que não querem discutir Sedvem pelo motivo de o terem visto pouco, e se limitam só a apreciar Bittencourt e Mesquita, que por muitos annos se debateram artisticamente, são concordes em que os seus meritos e generos de toureio differiam muito um do outro.

Assim, dizem, Mesquita tinha um toureio perfeitamente classico, procurando fazer arte em tudo e por tudo, desde a maneira de se collocar sobre a sua montada e de a levar ao touro, até ao momento de pôr o ferro e sahir da sorte; Bittencourt, por sua vez, menos esculpulo com o classicismo, preocupando-o pouco a arte, todo o seu desejo era fazer alarde da muita valentia de



MANOEL JOSÉ DE MESQUITA

que era possuidor e arrebatar o publico em frente do qual toureava.

Do que se não pôde duvidar é que Bittencourt, mais ou menos artista, mais ou menos classico, tinha que ser fatalmente um bom cavalleiro, pois temos a certeza que o conde de Vimioso jámais ligaria o seu nome ao de um discipulo a quem elle porventura não tivesse antecipadamente reconhecido merito.

Bittencourt teve sempre a felicidade de acertar com bons cavallos para o toureio, o que raramente acontecia aos seus collegas, motivo porque muitas vezes sobre-sahia extraordinariamente, e mais do que elles.

Na sua carreira poucas colhidas teve, mas uma — embora não parecesse grave á primeira vista — foi-lhe fatal. Deu-se em Villa Franca de Xira, na antiga praça.

Havia no curro, que pertencia ao lavrador *Esguelha*, um touro caraça, que Bittencourt não queria lidar, por qualquer motivo. O empresario, porém, para des-nortear o artista, mandou que ao caraça fosse *engraxada* a cara, para o tornar desconhecido.

Bittencourt, parece que prevêra o que lhe aconteceria: sahindo ao touro, foi desmontado e apanhou nas costas tal bolada, que lhe resultou n'um tumor frio.

Foi em virtude d'elle que morreu, não muito velho, n'uma modesta casa ahi para a rua do Telhal.

Manoel José de Mesquita nasceu no anno de 1813, a 6 de abril.

Militou nas campanhas da Liberdade em 1833, como cadete de cavallaria, no partido liberal, mostrando sempre mais voca-

ção para equitador, no que chegou a ser eximio, do que para militar, motivo porque, concluida a guerra, pediu e obteve a baixa, dedicando-se seguidamente á profissão de picador.

Mais tarde, sob os conselhos, aliás proficuos, do velho mestre Maximo de Amorim Vellozo e do seu collega Figueiredo, estreou-se como cavalleiro tauromachico na praça do Campo de Sant'Anna, em 1834, contando então 21 annos de idade.

Foi dos artistas do seu tempo um dos que mais cotação adquiriu nos redondeis do paiz, e o seu conselho era ouvido com respeito não só pelos seus collegas como pelos fidalgos amadores que então toureavam, e que o tinham em muita estima pelo seu caracter impolluto e pelos grandes conhecimentos que mostrava da nobre arte de Marialva.

Mesquita alternou com os velhos cavalleiros Maximo de Amorim Vellozo (seu mestre), Figueiredo, Sedvem e Bittencourt, e mais tarde com Batalha e Mourisca. Posteriormente, teve como discipulos os ca-

valleiros José Maria Casimiro Monteiro e Antonio Maria Monteiro.

Em 1862 soffreu uma grave colhida por um touro de Rafael da Cunha, que derrubando cavallo e cavalleiro, lhe fracturou duas costellas, o braço e a perna esquerda, ficando impossibilitado por dois annos de tourear.

Em 1864, na tarde de 25 de setembro, reaparecia no Campo de Sant'Anna, n'uma corrida em seu beneficio, recebendo do publico as provas mais cabaes das sympathias de que gozava.

Foi seu amigo e discipulo o sympathico

PRAÇA
DO
CAMPO DE SANT'ANNA
DOMINGO 23 DE JUNHO DE 1878
BENEFICIO DO CAVALLEIRO
MANOEL JOSE' DE MESQUITA



CORRIDA DE TOUROS
SOMBRA
500 Rs.

BILHETE DA ULTIMA CORRIDA
EM QUE TOMOU PARTE O CAVALLEIRO MESQUITA

fidalgo e distincto cavalleiro amator, sr. visconde da Graça, conservando ainda hoje seu neto, um retrato do nobre aficionado com a dedicatória: «Ao seu amigo e Mestre, o cavalleiro Mesquita, offerece o Visconde da Graça.»

Mesquita toureou pela ultima vez em 23 de junho de 1878, n'uma corrida em seu beneficio, na praça do Campo de Sant'Anna, lidando-se n'essa tarde touros offerecidos por varios creadores. N'esta corrida alternou com Manoel Mourisca.

(Continúa.)

Phots. da collecção Segismundo Costa.

Nas antigas corridas de fidalgos, era sempre Mesquita convidado a ensaiar as cortezias, o que fazia com o gosto profissional que todos lhe reconheciam.

El-Rei D. Fernando muitas vezes lhe ce-deu cavallos de estimação, pois se comprazia em o vêr fazer cortezias nos seus apreciaveis corceis.

Manoel José de Mesquita, que foi um toureiro considerado não só pelo publico como por todos os collegas, veiu a fallecer a 21 de outubro de 1880.

CARLOS ABREU.



O SOL

○ SOL POMPEIA, COMO NOIVO IDEAL,
EM THÁLAMO ESPLENDENTE, EM LAR D'AMOR:
NO ESPAÇO EMITTE LUZ, A LUZ CALOR,
CALOR QUE ALENTA A VIDA UNIVERSAL.

ALMA DO MUNDO, O SOL NÃO TEM RIVAL,
EM GRAÇA, EM BENEFICIOS, EM FULGOR,
QUE ESPALHA COMO UM FILTRO CREADOR
DO IMMACULADO AZUL DA ESPHERA ASTRAL.

ESCONDE-SE DE NOITE, AIROSO, ALTIVO,
NA LINHA DO OCCIDENTE, HA SEIS MIL ANNOS,
PARA SURGIR, DEPOIS, MAIS LÊDO E VIVO.

○ BRILHO DE SEUS RAIOS SOBERANOS
FECUNDA A TERRA, ILLUMINANDO ACTIVO
A DOR, O SONHO, A VIDA, OS DESENGANOS!



O RIO CONGO NO N'KULO

Uma viagem ao baixo Congo

Alli o mui grande reino está do Congo,
Por nós já submetti lo á fé de Christo,
Por onde o Zaire corre claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.

CAMÕES — Canto V, est. XIII.

De Cabinda a Santo Antonio do Zaire

Corria calma e quente aquella noite de março de 1901. Ao longe, a lua, acabava de mergulhar no horisonte. No ceu, as estrellas, scintillavam com um brilho intenso e fulgurante, como só se pode contemplar nas zonas tropicaes. Da pequena collina, onde se erguem, pittorescamente dispersas, as casas de Cabinda, chegavam até nós, subtis e agrestes emanações, trazidas pelo terral. E ella, a risonha capital do Congo portuguez, outr'ora grande emporio commercial e actualmente em plena decadencia, vencida pela concorrência do Gabão e do Congo belga, encontrava-se, áquella hora,

immersa em profundas trevas. Apenas, o farol do porto, montado n'uma pequena emi-nencia, sobranceira á praia, espargia em torno de si uma luz baça, como querendo testemunhar toda aquella decadencia.

Encontravamo-nos a bordo do *Salvador Correia*, pequeno vapor da marinha de guerra, então ao serviço da provincia de Angola. Fundeado na bahia de Cabinda, sacudia-o, brandamente, de bombordo a estibordo, uma suave calema, vinda de oeste.

Tinham-se ultimado os preparativos para suspender e a guarnição, exceptuando o pessoal de quarto, dormia tranquilla. De repente, no silencio d'aquella noite, calma e quente, soavam, compassadas, no sino de

bordo, as quatro badaladas, dobradas, da meia noite. Era a hora de largar. Tudo a postos: o commandante avante, no *spardeck*, o immediato, á prôa, na manobra do ferro, o restante pessoal nos logares respectivos. E elle, o pequenino vapor, liberto, emfim, das algemas, que o immobilisavam e sob a acção da força impulsora do helice, lá se foi, altivo e airoso, como uma gaivota, a afastar-se da bahia.

Por cima de nós, o Cruzeiro do Sul, distinguia-se, particularmente, no meio das differentes constellações do hemispherio austral. Pela nossa frente, divisava-se a linha continua e monotona do horisonte, estendendo-se para oeste, e das bandas de leste, surgiam, vagamente, umas formas confusas, mal definidas, que mal deixavam entrever os contornos da terra.

Iamos ao Zaire. Recordamo-nos, então, das nebulosidades, que por tanto tempo, envolveram no mysterio, esta grande arteria fluvial do continente negro. A sua corrente caudalosa, o problema das nascentes das suas aguas, que tanto preocupou o mundo geographico, a ethnographia dos povos marginaes, as scenas de canibalismo que um ou outro viajante mais ousado e mais feliz nos descreveu nas suas memorias, todas estas reminiscencias nos passavam pela mente, enquanto com o olhar, procuravamos sondar o horisonte. E experimentavamos uma impaciencia febril de chegarmos, de subirmos o grande rio, o «Poderoso», como lhe chamaram os primeiros navegadores, de vermos alguma cousa nova...

O silencio da Natureza era apenas perturbado pelo bater cadenciado e monotono da manivella da machina. Subitamente, para as bandas do oriente, esboçavam-se uns contornos violaceos. Pouco a pouco, foram tomando corpo, tornaram-se

mais carregados e d'ahi a um instante, o astro do dia elevava-se em todo o esplendor, acima do horisonte. Mais uma vez se offerecia á nossa contemplação aquelle caracteristico nascer do sol das zonas tropicaes, quasi sem crepusculo.

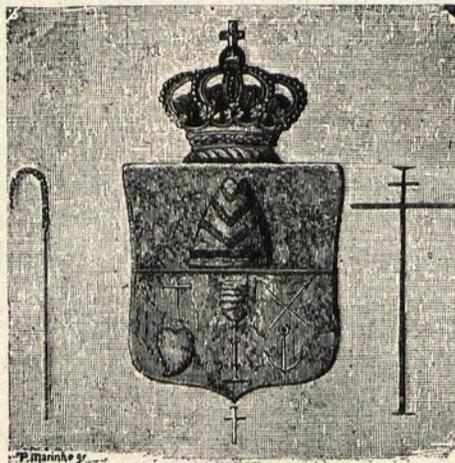
Navegavamos em plenas aguas do Zaire. A corrente é tão violenta que vae cortar a carreira dos vapores que de S. Thomé se dirigem para o sul, o que se conhece, não só, pela côr acinzentada que a agua apresenta n'aquellas paragens, mas ainda pelos detrictos vegetaes arrancados ás margens e que a corrente arrasta consigo na impetuosidade da sua marcha.

Olhamos vivamente para a proa. Umas formas escuras, bastante afastadas, pareciam emergir do seio das aguas. Mais quatro milhas andadas, o sol elevava-se quasi um quarto no seu quadrante e aquellas formas tomavam um aspecto mais defenido; tornavam-se mais compactas. Eram palmeiras, as classicas palmeiras africanas, muito esguias, muito altas quasi todas, o tronco quasi todo nu e apenas lá no topo uma pequena copa, sob a qual bem insignificante abrigo poderemos encontrar para os ardentes raios do sol dos tropicos.

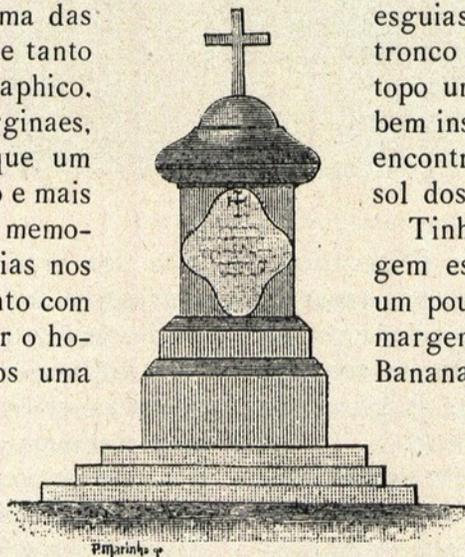
Tinhamos diante de nós a margem esquerda do Zaire. Para traz, um pouco para dentro, ficava-nos a margem direita, com a povoação de Banana, mal se distinguindo o contorno da terra, tão grande é a largura da embocadura do rio.

Isolado do renque de palmeiras, agora perfeitamente definidas, divisava-se proximo d'uma ponta de areia um marco

de pedra, encimado por uma cruz. E' o padrão de S. Jorge, ali collocado para substituir o de 1859, que já por si substituiria o primitivo que era de marmore e que fora mandado construir por Diogo Cão para



ARMAS DO BISPADO DO CONGO E ANGOLA



PADRÃO DE S. JORGE EM 1859
NA FOZ DO ZAIRE

testemunhar a posse do territorio por Portugal.

Diz-se que este padrão foi destruido em 1645 pelos hollandezes. Mais tarde, M. Schwerim foi encontrar entre os indigenas, fragmentos de marmore, «feitiços» que elles veneram e que aquelle viajante suppõe serem restos do pilar ali collocado pelo grande navegador.

Dobrada a ponta Padrão, deparamos com uma immensa enseada, que ali forma a corrente caudalosa do rio, espriando as suas aguas ao longo da margem esquerda. E' a enseada de Santo Antonio do Zaire (bahia do Sonho, ou Diogo Cão), ao fundo da qual se encontra a povoação do mesmo nome, com residencia, ou commando militar. Grande e vasta, esta bahia, é porém, pouco funda; apenas a podem atravessar no preamar, os navios de pouco calado, seguindo por um canal, d'uns tres metros e meio de profundidade, convenientemente balisado, até junto da povoação.

A margem direita, lá muito ao longe, apresentava-se confusa. Na margem esquerda sobresaíam, muito brancas, as casinhas de Santo Antonio, com os tectos de zinco, pintados de verde.

Têm má fama os indigenas d'estes sitios; insubmissos e rebeldes, por varias vezes se têm revoltado contra a auctoridade portugueza, tendo-se o seu espirito de rebeldia propagado mais para o sul até ás tribus que povoam o interior do Ambrizette.

Estavamos fundeados, havia pouco mais d'um quarto d'hora, quando ao portaló de bombordo atracava a embarcação que conduzia o pratico. Era este um homem de elevada estatura, espadaudo, tez bronzada, uma barba esbranquiçada a accusar-lhe já uma certa idade, trajando á europeia, de branco, a cabeça coberta por um grande chapéu de cortiça, forrado d'um tecido da mesma côr.

Eram passados alguns minutos depois das

sete horas da manhã, quando o naviosinho, suspenso o ferro que o aguentava ao fundo, se poz, novamente, a caminho, começando a subir, finalmente, aquelle grande rio.

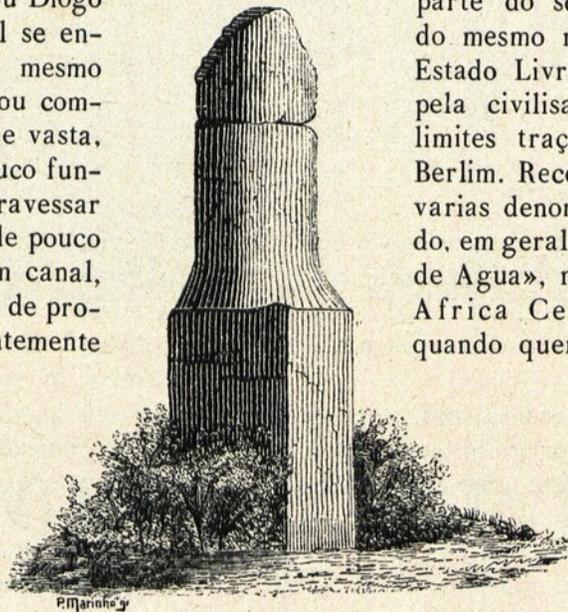
O curso do Zaire — As nascentes — A força da corrente — O volume das aguas — A parte da região do Congo explorada pela civilização europeia.

Descoberto em 1485 por Diogo Cão, o Zaire (Nzadi) dos naturaes, é mais geralmente conhecido no mundo geographico por Congo, por atravessar, n'uma grande parte do seu curso, o antigo reino do mesmo nome, onde hoje existe o Estado Livre do Congo, conquistado pela civilização europeia e com os limites traçados na conferencia de Berlim. Recebe das tribus marginaes varias denominações, todas ellas tendo, em geral, a significação de «Grande Agua», nome que os indigenas da Africa Central empregam muito, quando querem designar um grande curso d'agua.

Numerosas foram as tentativas envidadas por illustres e arrojados exploradores para devassarem os segredos d'esta grande arteria fluvial do continente negro. O primeiro, porém, que conseguiu approximar-se da re-

gião dos grandes lagos onde o rio tem as suas nascentes, foi o portuguez José de Lacerda, em 1793, que teve a infelicidade de ser trucidado, no regresso, pelos indigenas. Seguiram-se muitos outros, devendo ficar immorreoiras nas paginas da geographia africana os nomes de Graça, Burtan, Speke, Livingston, Stanley, os iniciadores da civilização europeia n'aquellas regiões que a lenda e o mysterio envolveram durante longos seculos.

Tendo as suas nascentes mais distantes na vertente meridional das montanhas Tchinguambo, a meio caminho do lago Tanganika ao lago Nyassa e portanto mais proximo da costa oriental, o grande rio Zaire ao Congo, cujo curso superior é conhecido por Loua-



FRAGMENTO DO PRIMEIRO PADRÃO — O DE S. JORGE
QUE DIOGO CÃO COLLOCOU
NA PARTE SUL DA FOZ DO ZAIRE

Laba, recebendo o tributo d'uma infinidade de rios e riachos, constituindo uma das maiores bacias hydrographicas de todo o mundo e engrossado ainda pelas chuvas das regiões centraes, dirige-se para o norte n'uma grande extensão do seu curso, expande-se depois n'um immenso semi-circulo e subindo até 3º ao norte do equador, começa depois a caminhar para o sul, obliquando sensivelmente para oeste até vir lançar-se no Atlantico, a 40 milhas ao sul da pittoresca villa de Cabinda, entre as duas povoações de Banana, na margem norte e Santo Antonio na margem sul.

De todos os rios do mundo só o Amazonas, que tem egualmente as nascentes na região equatorial, lhe é superior no immenso volume de agua que transporta no seu leito.

A corrente do Zaire entra no Atlantico, seguindo para o noroeste, sob a acção da corrente maritima que na costa se dirige do sul para o norte, até uma distancia de 200 a 250 milhas em que a agua apresenta já uma côr acinzentada. A 140 milhas é frequente encontrar-se troncos de

arvores e ilhas de capim, que já chegaram a avistar-se nas proximidades do Cabo Lopez. A 34 milhas a agua é amarellenta.

Quasi toda a actividade commercial e politica dos europous se acha concentrada n'uma parte do curso medio, nas regiões circumvisinhas do lago Stanley, a montante das cataractas e em todo o curso inferior comprehendido entre Matadi e a foz.

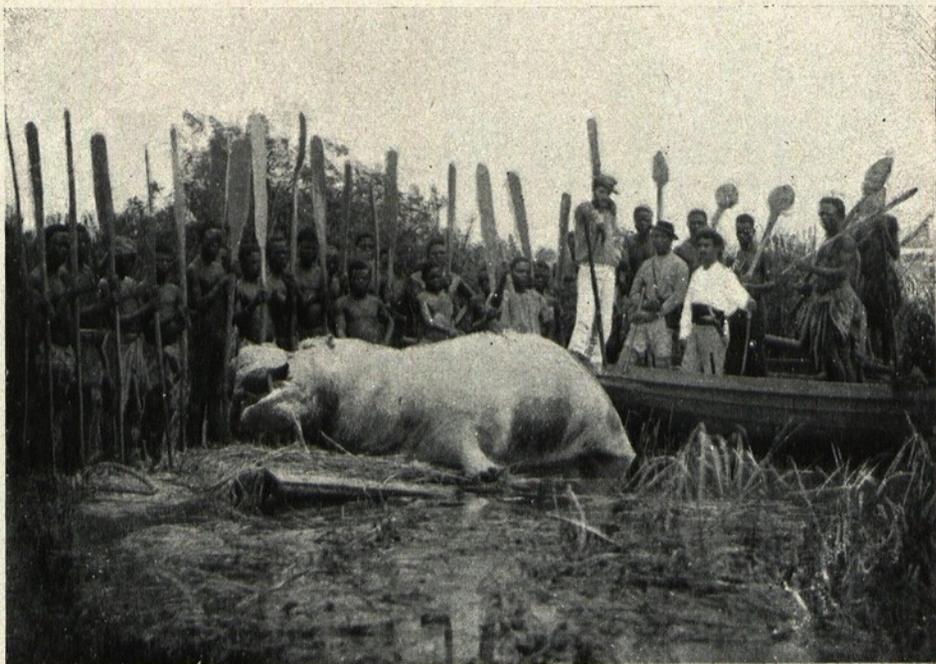
Alguns kilometros acima de Matadi fica a primeira cataracta (Iellala) seguindo-se toda uma região de rapidos e cataractas que se prolonga por muitas leguas, tornando-se a navegação impossivel n'esta parte do rio.

E como não ha vias de comunicação de facil accesso através aquella fertilissima re-

gião, a civilisação europea ha-de levar ainda alguns annos a assentar ali os seus arraiaes.

Subindo o Zaire — De Santo Antonio a Boma — De Boma a Noqui — Aspecto das margens — A região das ilhas — A parte montanhosa — Vegetação e aridez.

Era esta parte, a jusante das cataractas, que iamos subir pela primeira vez. Largando do porto exterior de Santo Antonio do Zaire, o *Salvador Correia* luctando com a violencia da corrente e seguindo, ao principio pelo meio do rio, foi-se approximando, sen-



UM CAVALLO MARINHO CAÇADO NO CONGO

sivelmente, da margem portugueza. Pouco a pouco, o rio, que entre Santo Antonio e Banana tem uma largura de 11 kilometros, vae-se estreitando cada vez mais. A margem direita, ainda bastante afastada, apparece-nos, já, bem distincta. D'um lado e do outro, uma vegetação exuberante. Através a copa das arvores, muito altas, cujos ramos entrelaçados, formam uma verdadeira barreira de verdura, torna-se impossivel, a nossa vista, alongar-se para o interior. Por baixo de nós, as aguas barrentas do Zaire, correndo aos borbotões, vinham lamber na sua passagem, o costado branco do navio, deixando ahi impressas umas nodoas d'um amarello torrado. Lá do alto, os ardentes raios

d'aquelle sol africano fustigavam-nos asperamente. E sempre, á direita e á esquerda, a mesma matta espessa, impenetravel, apenas, aberta, de vez em quando, para dar entrada a algum riacho, tributacio do Zaire.

Apertam-se ainda mais as margens. O rio tem agora, apenas, uma largura de 5 kilometros. Na margem esquerda, rasga-se, de repente, aquella barreira verde, surgindo-nos uma pequena clareira, onde se avistam

terior, a região apparece-nos, agora, montanhosa. As ilhas multiplicam-se, umas apresentam-se quasi núas, outras cobertas de copado arvoredo.

La adiante, ergue-se na margem sul uma escarpada mole de granito onde se vê fluctuar ao vento, a bandeira das quinas. E' a Pedra do Feitiço. Existe ali um posto militar commandado por um sargento.

Na outra margem, eleva-se um outro ro-



FEITORIA NO CHINELULI — PREPARANDO O COCONOTE

algumas casas terreas pintadas de branco e varias cubatas indigenas. E' a povoação de Quissanga. A montante, divisa-se mais adiante, na outra margem, a Ponta da Lenha.

Continúa a abundar o denso e copado arvoredo, em ambas as margens, por sua natureza baixas e alagadiças. E a nossa vista cança-se, aborrece-se d'aquella monotona vegetação.

Mas, alguns kilometros mais acima, a pay-sagem muda de aspecto. Do meio do rio surgem varias ilhotas cobertas de denso e espesso capim. Temos na nossa frente o pittoresco valle das Mattebas. As margens afastam-se novamente; lá, ao longe, no in-

chedo, em forma de agulha. E' o Bambandeck, chamado tambem o «Rochedo do Relampago».

A nordeste da Pedra do Feitiço, emerge do leito do rio a ilha Tchiongo, limitada ao noroeste por enormes blocos de granito da mesma formação d'aquelles.

Ha quem supponha que a ilha estava outr'ora ligada á Pedra do Feitiço.

A navegação, fazendo-se agora em grande parte por entre as ilhas, torna-se mais variada. E o panorama apresenta-se-nos, na verdade, brilhante, grandioso. Suspensas no seio das aguas, agrupadas sobre os rochedos, dispersas, aqui e acolá, nas muitas ilhas

que a todo o instante se nos deparam, arvores de todos os feitios, de todos os tamanhos, exhalando os mais variados aromas, cruzam-se, enlaçam-se por toda a parte, n'uma confusão que nos deleita a vista. E a nossa alma sentia-se enlevada na contemplação d'aquella pujante Natureza, o espirito abandonara de todo a nostalgia, que n'elle provocara a continuidade da paysagem das primeiras horas de viagem.

Aqui, duas ilhas mais proximas, deixavam entre si um verdadeiro tunel de verdura, que formavam os ramos das arvores entrelaçando-se superiormente, além uma serie de ilhas rasas, quasi exclusivamente cobertas de gramineas, permittia-nos alongarmos a vista por cima d'ellas e admirarmos a corrente caudalosa do Zaire, serpenteando agitada por aquelles canaes. Bandos de passaros, cruzando-se em varias direcções, animavam aquella tela vivente, com os seus gorjeios selvagens. Além, n'um pequeno areal, o classico jacaré dos rios africanos, com a enorme guela escancarada, aquecia-se ao

sol; mais adiante, um ou outro cavallo marinho emergia do seio das aguas a sua imensa cabeça, para mergulhar vivamente, á nossa aproximação. E tudo isto animado, glorificado por aquelle esplendido sol, que áquella hora aureolado por compridas nuvens côr de fogo, ia declinando, sensivelmente, no horizonte.

Approximavamo-nos de Boma. Iam rareando as ilhas. Mais alguns kilometros andados e avistavamos a de Sacran'Am-baca, coberta de densa vegetação alpestre. E' talvez a mais formosa de todo o baixo Zaire.

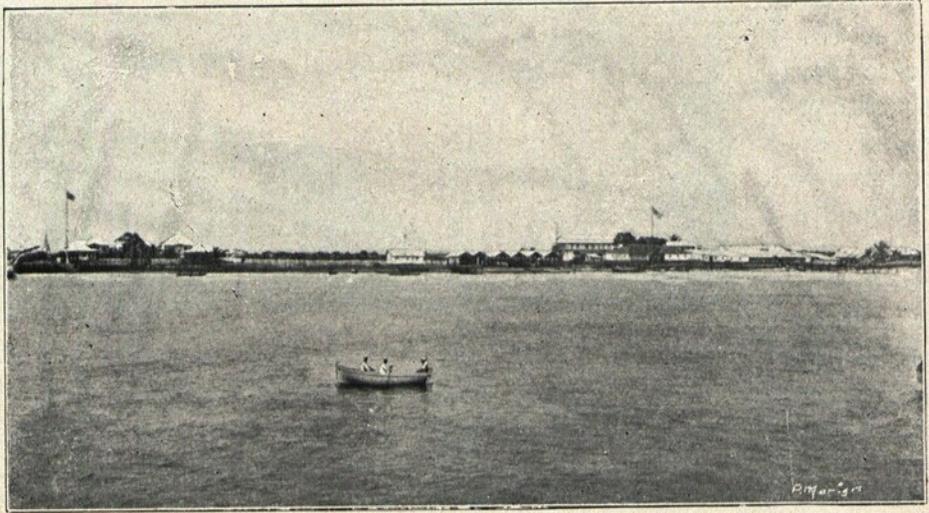
A's 6 horas fundeavamos, finalmente, em frente da importante cidade do Congo belga.

.....
Boma ou Embomma, a cidade da Serpente, só em 1876 foi conquistada pelos ne-

gociantes europeus. Era até ahi o principal mercado de escravos de todo o baixo Congo.

Edificada na parte mais saudavel de toda aquella região, tem as differentes feitorias das nações europeias, situadas proximo do rio. A' volta d'ellas amontoam-se as habitações dos indigenas. Vimos ali tres feitorias portuguezas, duas belgas, duas hollandezas, uma ingleza e uma franceza. E' a cidade maritima, a cidade commercial.

O «Burgo» fica situado n'uma collina, 100 metros acima do rio. E' encantador, com as suas casas cercadas por amplas varandas, no meio de lindos jardins. Communica com a cidade baixa por um caminho de ferro de construcção ligeira. Nos arre-



VISTA DE BANANA

dores vêem-se grandes plantações de algodão e lindas palmeiras. O movimento commercial é importante. No porto vimos fundeados tres vapores.

.....
Tendo passado aquella noite em Boma, no dia seguinte, com um calor abrazador, suspendiamos novamente, pela uma hora da tarde, para nos dirigirmos a Noqui. Era o ponto *terminus* da nossa viagem. Ali termina a jurisdicção portugueza sobre a margem esquerda do Zaire.

Tinham cessado as ilhas. As margens apertam-se cada vez mais, um terceiro aspecto nos offerece agora o panorama que se desenrola á nossa vista. Já não era aquelle arvoredo cerrado que nos acompanhou durante a primeira parte da viagem, cessaram tambem os vastos horisontes, que lhe succe-

deram quando começaram a aparecer as primeiras ilhas. A região aparece-nos agora montanhosa. São montanhas graníticas e de grés vermelho, abundantes n'alguns pontos, de schistos calcareos e calcareos propriamente ditos.

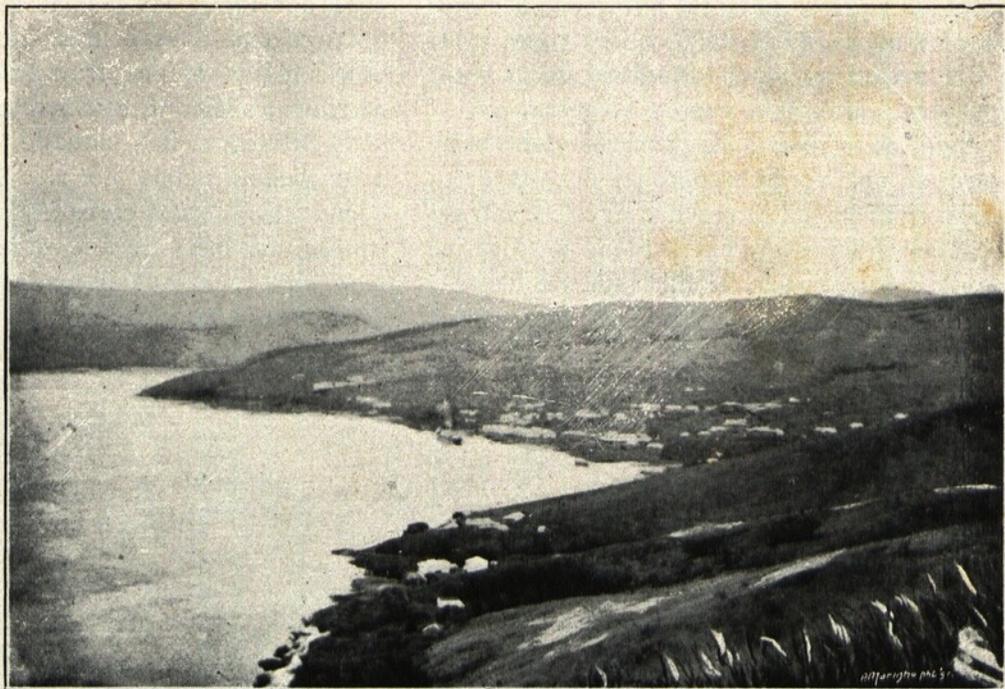
As margens apertando-se, augmentam os fundos, que n'alguns sitios chegam a attingir 100 metros e mais.

A navegação torna-se agora difficil e perigosa. Encontram-se, frequentemente, rochedos no leito do rio, alguns que se não vêem.

A corrente é impetuosa, apresentando varios sorvedouros, alguns de 3 metros de raio e uma depressão central d'alguns centímetros. E d'um lado e do outro, substituindo o denso e copado arvoredado, que até ahi tivemos quasi sempre diante dos olhos, apenas divisavamos uma rachitica vegetação alpestre, cobrindo as margens que se er-

guem, escarpadas, de 100 a 300 metros, acima do nivel das aguas.

Tal é o aspecto da paisagem n'esta ultima parte da nossa viagem. Monotona, sim... mas d'uma imponencia selvagem!



UMA VISTA DO LADO ESQUERDO DO ZAIRE

lamo-nos approximando da região das cataractas; a velocidade da corrente, é cada vez maior.

Tinhamos passado o Mossuco, feitoria da margem esquerda, onde residem alguns portugueses. As margens, elevadas, tornavam-se mais abundantes de calcareos, tendo alguns o aspecto do marmore. A cobril-as a mesma vegetação rachitica e enfesada que nos acompanhava desde Boma.

Mais uma hora d'uma navegação difficil e morosa, encostados ora a uma margem ora a outra e eis-nos, finalmente, á vista de Noqui, cujas casitas brancas, dissiminadas em amphitheatro, n'uma maior elevação da margem esquerda, nos vão apparecendo, n'um conjunto pittoresco, cada vez mais distinctas. Entre ellas, avulta, por sua maior vastidão, com uma grande galeria á frente, a residencia do commandante mili-



O RIO ZAIRE EM FRENTE A MATADI

tar. Tremulando ao vento, a bandeira portugueza, vê-se, ali, içada no topo d'um mastro. Agrupadas aqui, isoladas além, as cubatas dos indigenas, põem n'aquella téla umas manchas escuras.

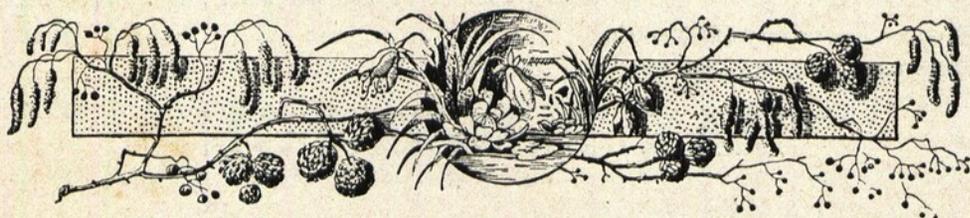
Abeirámo-nos da margem esquerda. Não podendo fundear o navio no meio do rio, não só por causa da sua grande profundidade, n'aquella altura, mas ainda pela impetuosidade da corrente, tivemos de o encostar á terra. Um longo manto de verdura vinha acariciar-lhe o costado. Em cima, as cornetas do destacamento militar tocavam

em frente á residencia, a marcha de continencia á bandeira, que estava sendo arriada. Era a hora do pôr do sol.

E ficámo-nos ali, a scismar, durante algum tempo, nos segredos que por longos seculos envolveram n'um denso mysterio aquelle rio immenso que fez a gloria do grande navegador Diogo Cão, que em fins do seculo xv lhe descobriu a foz, e do arrojado explorador Stanley, que tres seculos depois, veio, nos nossos tempos, tornar o seu curso conhecido de todo o mundo culto.

Março de 1909.

CARLOS CALHEIROS.



COLOMBO

No mar. Sob a tormenta e sobre a vaga escura,
tacteando a amplidão e lendo nas estrellas,
Colombo, em pé na prôa, indomito procura
a róta que traçara ás suas caravélas.

As trévas, a anciedade e a dôr... Para vencel-as
trazia unicamente aquella fé segura
na Sciencia e na Cruz, gravada sobre as vélas,
de preto, a resaltar na immaculada alvura.

Por mais que brama o mar e mais que o vento ruja,
embora se revolte e o ameace a maruja,
não o abandona a fé. Sua figura homérica

Persiste sobre a prôa, inquirindo o horizonte,
impavida e febril, a esperar que desponte
o mundo que daria ao outro mundo, a America.

S. Paulo (Brazil).

VEIGA MIRANDA.



Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XXVII

JORNADA NOCTURNA A WATERBEACH

— Quando resolvi vir a Cambridge — disse Blondel — não esperava encontrar ninguem que conhecesse Mauricio Fournier.

— Não ha duvida, tambem quando eu deliberei dar uma saltada até aqui nem por sombras me acudiu ao espirito vel-o nesta cidade — respondi, pois comprehendí sem demora que Blondel não desejava ser conhecido, e muito menos pelo seu nome.

— Vae tudo bem lá em casa? — perguntou-me em voz alta.

— Era o que eu me dispunha a saber — redargui, — isto é, preparava-me para isso. Amanhã de manhã tomarei a esse respeito uma resolução definitiva.

— Perdôe-me, Mr. Ingersoll, mas não parece deste seculo. . . Os nossos avós tomariam essa resolução amanhã, nós tomamol-a esta noite. Bem, eu vou a um logarejo a uma hora d'aqui. Talvez queira vir commigo.

Annuí. Apesar da sua prevenção, não podia desprezar os olhos d'elle. Disfarçara-se

maravilhosamente. E, não havia que hesitar, dirigia-se a Waterbeach.

— Contaram-me — declarei — que alguem lá de casa estava doente. . . um sujeito que encontrei em Paris. O que ha de verdade n'esse rumor?

— Tudo; conversaremos sobre o caso pelo caminho. Vá lá um calix de kummel e toca a andar. Não é grande bebida para quem trabalha. . . o kummel. Só serve para os ociosos.

Tocou a campainha que se encontrava na mesa e appareceu um creado.

— Participou-lhes que não voltava? — perguntou-me categoricamente.

Fiz um gesto negativo, mas, percebendo o designio, disse para o creado:

— E' provavel que não fique esta noite em Cambridge. . .

— E talvez amanhã — accrescentou Blondel amavelmente.

O creado retirou-se, e Blondel enrolou um cigarro depois de molhar os dedos, com ar de entendido. Quando acabamos de beber convidou-me a sahir e pegou na minha mala. Dez minutos depois assentava-me a seu lado n'uma velha carriola e largamos rapidamente pela estrada de Hutingdon fora. Quando passamos os arrabaldes de

Cambridge e o escuro da estrada nos ensombrou, o meu companheiro condescendeu em fazer outra observação.

— Folgo immenso em o trazer commigo, Ingersoll, embora venha sem que o chamassem.

— Isso é verdade — confirmei, disposto a não trocar mais palavra até Waterbeach.

— A grande novidade... é que descobriram o nosso amigo.

— Quem?

— Aquelles que aproveitam com a descoberta. Foi imprudente... previra-o. Um homem que vae para o combate com as lanternas do automovel accêsas é um candidato á ambulancia. O nosso amigo soffreu um grande choque... e praticou uma imprudencia.

— Quem são os homens? — inquiri lacoicamente.

— Um delles é o nosso velho conhecido Dubarrac...

— O mesmo que me escapou em Antuerpia e depois em Bruges?

— Sem tirar nem pôr; olhe os resultados do seu erro. Se lhe tivesse acertado...

— Fiz o que pude. Está em Inglaterra?

— Está em qualquer parte na matta que circumda a casa do nosso amigo. Cavanagh não sabe nada. Lamenta-se por causa do filho...

— A creança não morreu, não é verdade?

— Ainda vive, creio, mas o medico pouca vida lhe dá. E' ahí que está o nosso mal. Essa gente anda bem informada. Vinte e quatro horas depois sabiam que o seu irconciliavel inimigo se encontrava prostrado.

— Como conseguí apurar isso?

— Expedi um telegramma para Victoria Street... ficou sem resposta... o primeiro telegramma meu a que Jehan Cavanagh não responde desde que me acho ao seu serviço. Depois Fédoro mandou-me chamar...

— Preveniu a policia local?

— Que policia?

— A policia de Huntingdon.

Tirou o cigarro da bocca e soltou uma gargalhada sardonica. Em seguida respondeu-me no seu proprio idioma.

— Mr. Ingersoll, na minha cabeça ainda ha algum juizo. Era o mesmo que telegraphar á abadessa de um convento. Serviria para alguma coisa?

— E o que pensa ácerca de Mr. Cavanagh?

Tocou com o chicote no cavallo e respondeu-me vagarosamente.

— Se o encontrarmos com saude... optimo, conservo uma esperanza. A sua presença anima-me. O senhor não é precisamente um bom atirador, mas todo o inglez... como devo dizer?... é um pouco cão de fila, e isso tem certo valor para agora. Vou dar-lhe um revólver... isso lhe explicará o que é necessario fazer. Vamos lá, chegamos, apeamo-nos aqui, Mr. Ingersoll.

A conversa de tal modo me empolgara que perdera a noção do caminho. Voltáramos da estrada real para uma estreita azinhaga, que nos levou a uma pousada miseravel, uma especie de casebre coberto de colmo, com uma luz forte que brilhava na sua unica janella, com muitos celleiros e cavallariças em redor. Eramos esperados, porque sahio um homem apenas ouviu o rodar do carro e outro pôz-se a observar-nos do portal. Com espanto meu, Blondel falou-lhes em francez.

— Que novidades ha?

O homem que segurava no freio do cavallo, respondeu:

— Cumprimos as ordens de V. Ex.^a

— Bello. E Mr. Cavanagh?

— Está no observatorio.

Blondel atirou com as redeas para a banda.

— Devemos partir immediatamente — disse. — O cavallo conserva-se aqui até que eu o mande buscar.

Virou-se para mim e recommendou-me:

— Tenha muita cautela, Ingersoll, seja muito ajuizado.

Não percebia a sua allusão e não respondi. Depois do cavallo ser levado para a cavallariça, o homem que permanecera á porta sahio e reconheci o argelino, o Fédoro do navio.

A sua saudação era não menos caracteristica que o seu aspecto. Apenas me lançou um olhar com as suas pupillas relampejantes, olhar que significava:

— Mr. Cavanagh não ha de gostar de o ver aqui.

Fingi que não percebi e perguntei-lhe:

— Mademoiselle Paulina está em casa?

— Está em casa — redarguiu, e com uma

tal inflexão, tão contente com a sua resposta, que se eu pudesse transformal-o-hia em pedra.

Blondel appareceu neste momento, e puzemo-nos a caminho sem mais explicações. Féodoro balouçava uma lanterna na mão, quasi como se manejasse uma arma. Blondel vestira um comprido casaco de borracha, com um capuz que quasi lhe occultava a cara. Sahimos nesta disposição da pousada, andamos pela azinhaga adeante algumas centenas de jardas e entramos n'um portão. Nesse momento vi desaparecer a luz da janella, que ficava atrás de nós, e tudo immergiu na mais densa escuridão.

Encontrávamo-nos agora n'uma vereda, que ia dar a uma estreita rua, de pizo duro. A noite estava escurissima e a rua pejada de silvas e de salientes raizes de arvores. Ha sempre o que quer que seja de sobrenatural n'um bosque á meia noite, e aquelle não fazia excepção á regra. Achava-o povoado de extravagantes sombras. Havia coisas que subiam do solo, reptis que se arrastavam, invisiveis habitantes dos troncos e das estevas, sons indistinctos e longinquos, que me faziam vibrar os nervos já extremamente excitados por tudo quanto succedera antes. Estes sustos porém, eram prematuros. O que tinhamos a fazer não era para se fazer ali, mas com surpresa minha Blondel principiou a conversar commigo, tão á vontade como se fossemos n'um carro pela estrada real.

— Folgo immenso que viesse comnosco, Ingersoll — repetiu — a sua presença póde auxiliar-nos immenso. Tome este revólver e não hesite em fazer uso d'elle. Temos que nos defrontar com gente que não faz cerimonia, com homens determinados a matar Jehan Cavanagh. Lembre-se que chegamos n'uma occasião em que elle pouco mais está que inerte.

— O quê, está assim tão mal?

— Não está mal, mas não se tira da cabeceira da creança que idolatra. Devemos ser fortes por elle; devemos mostrar que não esquecemos o nosso dever. Quando elle fôr imprudente seremos nós cautos, percebe?

— E' então a prudencia que nos traz aqui esta noite?

— Sim, a prudencia. Quero esclarecer o caso tanto quanto possa. O nosso amigo

costuma ir recrear-se para o observatorio. Encontral-o-hemos ali quando chegarmos. Não é ali precisamente que está o mal, mas para lá chegar tem de andar uma milha e a estrada é um deserto. Um de nós deve percorrer esse caminho, esta noite, com uma lanterna, Ingersoll, do mesmo modo que Jehan tão levemente o fez hontem. Quem a levar... corre seu risco, mas outros o seguirão de perto. Quem se offercerá voluntariamente para desempenhar esse serviço?

— Levarei eu a lanterna, Blondel. Féodoro será mais util estando ao pé de si. Tenho recursos para me defender a mim proprio, elle é forte como um touro.

— Estava para lhe propôr o mesmo. A sua resolução tira-me de difficuldades. Leve a lanterna... e olho muito vivo.

Parou subitamente para examinar os arbustos e depois uma aveleira. Havia ainda um certo crepusculo naquella noite de outomno. Parou e cortou uma vara com uma destreza que não esperava em homem de taes habitos e maneiras.

Pegou depois na lanterna apagada, que Féodoro conduzia, e atou-a de modo que balouçasse na ponta da vara. Depois explicou:

— Atirarão á luz, Ingersoll, mas atirarão á retaguarda como é de uso entre os bons atiradores. Leve a lanterna bem prolongada para trás... é mais cauteloso assim. Eu vou logo no seu encaço os outros não andarão longe. Se, infelizmente, se se lhe deparar algum deante de si, já sabe o que tem a fazer. Agora, veja se o revólver está carregado e nem mais uma palavra.

Levou-me para um sitio onde estávamos abrigados e ali accendendo a luz examinamos os revólveres. Suppunha, e não me enganei, que nos achávamos nos limites do parque de Waterbeach. Atravessamos um fosso e entramos n'um terreno cheio de verdura. Para além, a distancia talvez de trezentas jardas, deparou-se-nos o grande circulo de arvores que formavam como um cordão de sentinellas em redor da casa do Fen. Approximámo-nos cautelosamente, seguindo uma sebe que circumdava um vasto recinto e estendeu-se-nos deante da vista um amplo terreno. Deste sitio descobria-se toda a construcção, o que me recordou os acontecimentos dos mezes decorridos e o

maior de todos, o facto de que Paulina Mamavieff estava encarcerada em Water-beach.

Havia luzes no edificio, e na cúpula do observatorio divisava-se uma claridade intensa. O grande foco, porém, não era visível, nem se observava nenhum symptoma que me levasse a acreditar que a casa estava alarmada. Nem os bosques que atravessávamos, nem a fragil herva que calcávamos, nem as folhas que estalavam debaixo dos nossos pés, não denunciavam nenhuma tragedia. Parecia impossivel que houvesse homens, que tinham vindo a Inglaterra, sahindo dos seus refugios no continente, para serem juizes do seu juiz n'esta terra remota. Mas conhecia muito bem Prospero Blondel para duvidar do caso. O mysterio principiava a estimular-me os nervos com a tortura da anciedade e da indecisão. Quasi cria que o arvoredado occultava demonios humanos, que cada passo mais me acercava d'elles, mas tambem acreditava que o que practicávamos era para bem de Jehan Cavanagh.

A cerca de cem jardas do observatorio mettemos por um caminho á sombra de uma matta e accendemos a lanterna. Esta não era como as antigas, usadas pelos moços de cavallariça, e sim como a dos automoveis, de petroleo, com vidros verdes e encarnados. D'onde Blondel a trouxera, não sei, mas surpreendeu-me a perspicacia e rapidez dos seus pensamentos. Uma lanterna comum denunciaria o homem que a transportasse. Esta, pendurada da vara, não denunciava ninguem.

— Conserve a luz perto do chão e caminhe velozmente — segredou-me Blondel; — é o costume de Jehan... andar depressa. Imite-o e os bandidos pensarão que é elle que volta para casa. Vou indicar-lhe o caminho, conto consigo, Ingersoll, conto incondicionalmente consigo.

Havia um grande affecto n'estas palavras, percebi, e é possivel que pela primeira vez desde que o conheci, o que fazia era simplesmente por amor do seu amo a quem começava a estimar de veras. A mim dominava-me uma vehemente anciedade, a que faltava a prudencia, e que me poderia ter sido fatal. Achava intoleravel andar a vaguear por meio dos arbustos e pensar que Mr. Cavanagh se achava a braços com

aquelles que tinham jurado aniquilal-o. Foi n'este momento que Blondel me conteve.

— Não devemos ser vistos — disse-me n'um murmuro. — Vamos de mouta em mouta, Ingersoll, e depois direito á escada do observatorio. Compreende-me?

Acenei com a cabeça, e, virando-me para me certificar que Fédoro ainda nos acompanhava, respondi que comprehendia muito bem e que procederia como me indicava. Principiou então um jogo das escondidas, que era extremamente arriscado. Arrastávamos-nos de esteva em esteva, de rojo, com medo de quebrar um ramo ou fazer estalar uma folha. Tres figuras a sumirem-se na escuridão. Qualquer volta podia collocar-nos frente a frente com os novos habitantes da matta. Um passo em falso deitaria tudo a perder. Precavemo-nos e colhemos excelente resultado. Attingimos por fim o circulo luminoso projectado pelo observatorio e paramos.

— Bello — disse Blondel — além estende-se uma vereda. Mettamos por ella e que Deus nos proteja.

Inclinei a vara no hombro, baixando a lanterna quasi até o chão, e de revólver em punho, enveredei ousadamente pelo carreiro até me encontrar na rua que conduzia ao lago e ás portas do edificio. Senti desejos de correr, mas consegui reprimir-me. Recordando-me do passado, acudiu-me ao espirito, que um aviso secreto, como já sucedera uma vez, me chamara de Eastbourne para me lançar n'esta inesperada aventura. Sem mim, reflecti, Blondel com difficuldade realizaria o que desejava. Talvez não passasse de uma coincidencia, mas convenci-me que havia mais alguma coisa. As luzes distantes da vivenda, a certeza de que encontraria Paulina lá dentro, incutiram-me animo. Caminhei então com passo firme, procurando não olhar nem para a direita nem para a esquerda.

Que escuridão! Como as silvas se partiam e sussurravam debaixo dos meus pés, por mais que eu pretendesse abafar a bulha dos passos. Havia muitos rouxinoes em Water-beach, e saudavam-me todos aquella noite com as suas notas joviaes. Toda a doçura dos seus trinados, os seus mysterios, os seus gorgeios, diziam-me eloquentemente que Blondel se illudira, e que só no seu cerebro existiam os homens que elle suppunha po-

voarem a profundesa das florestas. Dados mais alguns passos, parei e perguntei a mim proprio se os mezes decorridos me tinham transformado n'um irreductivel covarde. Meu Deus como eu tremia quando estaquei! Não era o medo como nós o comprehendemos, mas a subita recordação de tudo quanto eu podia perder se me succedesse alguma coisa má. Custam a perder as promessas dos vinte annos! Custava-me a deixar engolfar nas trevas eternas Paulina e o sonho de amor que essa rapariga me inspirara, a perder n'um instante a noção de uma existencia que não gosara. Via a terra como abrir-se a meus pés, a escuridão rodeava-me por toda a parte e a noite ainda mais concorria para augmentar estes meus loucos terrores. Os imaginarios fantasmas empolgavam-me o espirito, ouvi um grito na matta, e esse gritto soltara-o uma mulher.

Primeiro suppuz que fosse um grito longinquo, não um grito feminino, mas o de um animal surprehendido repentinamente por uma doninha ou por uma raposa, ou talvez um cão ladrando á lua. A minha supposição, porém, cahiu pela base, quando o grito echoou de novo, no carreiro, que se abria na minha frente, mas não a grande distancia. Não havia duvida era o som de uma voz humana, e, embora se lhe seguisse o mais completo silencio, corri com tanta velocidade quanto era possivel sem risco para a lanterna que eu transportava. De proseguir n'esta imprudencia cohibiu-me um asobio. Ainda não sei hoje se partindo de qualquer dos meus companheiros se d'outra pessoa. Percebi comtudo que era um signal para eu parar, e estaquei durante um certo espaço para me certificar se Blondel e o argelino tinham mettido pela mesma vereda. Nada alcancei. Applicando o ouvido senti alguma coisa que não esperava, — bulha das patas de um cão na relva e o rosnar surdo do animal quando se dirigia para mim. Um cão nunca me amedrontara e muito menos n'aquella noite. Quer se abeirasse ou afastasse pouco me importava.

Continuei no meu caminho, com os nervos irritados, com a lanterna a balouçar atrás de mim. Persuadira-me que havia gente após o cão e as informações obtidas robusteciam essa hypothese. Mas o bosque não accusava nem a sombra de um homem. Baldadamente perscrutei para a esquerda e di-

reita, em vão puz de atalaia todos os meus sentidos; por mais que abrisse os olhos e applicasse o ouvido, não obtive nada. O cão seguia-me... ouvia-lhe os movimentos sinuosos através das silvas... mas de homens nem vestigios. Esta certeza transmittiu-me coragem. Tornei a caminhar velozmente, e, chegando a uma clareira deparou-se-me uma mulher.

Apoiava-se com uma das mãos ao tronco de uma arvore collossal, envolta n'uma ampla capa preta, com o cabello disperso pelo rosto e hombros. Julgando que a conhecia, mas não estando bem certo, atravessei o relvado e levantei a lanterna. N'este mesmo instante, o cão saltou sobre mim, e eu proferindo uma exclamação de surpresa, deixei cahir a luz e tombei aos pés da mulher.

XXVIII

A DAMA DO BOSQUE

O cão filara-me pelo hombro, mas os dentes não me tocaram na carne. A dama — pois adivinhei que era a esposa louca de Mr. Cavanagh — cessou de gritar e estacou rígida na minha frente. Ouvi um forte brado das bandas do bosque e em seguida um tiro de revólver. Tudo isto, como podem imaginar, foi como um traço de pincel n'uma tela, porque eu e o cão rolávamos pelo solo, qual de baixo qual de cima, como se o animal fôra um homem e o homem um animal.

Ouvira contar muitas coisas ácerca da força dos animaes; tivera com frequencia horrendos pesadêlos, nos quaes garras afiadas se me cravavam na garganta e que sentia na face o halito quente e immundo de uma fera. Aqui, no relvado de Waterbeach, experimentava ao vivo, ainda com maior horror, e perfeitamente acordado o que a dormir já era medonho. Não sei explicar que instincto impelliu as minhas mãos para o pescoço do mastim e me levou a apertal-as de tal modo que pareciam que os meus musculos rebentavam. Procedi, comtudo como o devia fazer. Voltara-me quando perdi o equilibrio, e, cahindo de costas, segurei o molosso pela garganta e aguentei-o, ao passo que o animal, na sua agonia e com um poder extraordinario, me arrastava de um para outro lado, pela relva fora, com a

respiração offegante a denotar-lhe o estertor, com os olhos tão rútilos como dois carvões accesos. O mais maravilhoso do caso era o clarão que nos illuminava. Não havia milagre na conjuntura. O petroleo entornara-se no chão e as raizes e arbustos ardiam.

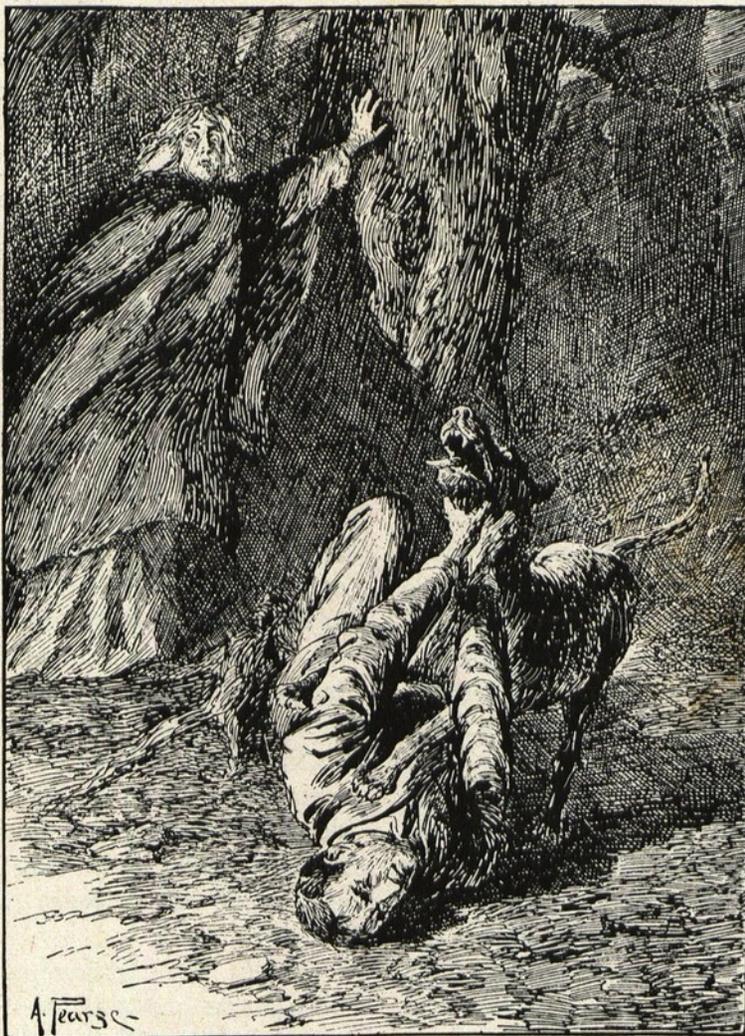
Reconstituo muito bem a scena: as arvores colossaes subitamente illuminadas pela claridade da conflagração, o monstruoso mastim russo

debatendo-se nas minhas mãos, a louca, hirta como uma estatua junto da arvore, e na matta proxima homens a gritar e detonações de revólveres. Mais vibrante que todos estes sons, durante um comprido segundo, um gemido de dór sólto por um moribundo; tudo isto me produziu uma tão forte ira, quando o cão se agitava por cima de mim, que as minhas unhas cravaram-se no seu amplo pescoço. O furor da lucha empolgara-me.

Excitado até a brutalidade pelo horror do animal, finquei os pés nas raizes salientes e lutei com a ferocidade de um selvagem. O halito fetido do molosso e a espuma cahindo-me sobre a face não me desanimaram. Os musculos entumeciam-se-me como calabres, o sangue subia-me á cara e cabeça estonteando-me, desvairando-me, mas tratava-se da minha vida, e não haveria forças humanas que me arrancassem a presa.

Disse que sentia uma certa satisfação fe-roz n'este encontro e não se pense que é qualquer preconcebido exaggero. Ha momentos em que o instincto de conservação tudo sobreleva, em que nos tornamos indifferentes a tudo, em que não se pensa em nenhuma consequencias. Tal era o meu caso n'aquella famosa noite. Não duvidava que a força do molosso acabaria por preva-

lecer, que porfim se furtaria á minha presa, que me derrubaria e que me despedaçaria as guellas com os seus dentes poderosos. Nada de isto aconteceu, mas não foi devido á interferencia dos meus amigos nem dos seus agentes. O fogo espalhara se pelo solo e chegou até onde nós luctavamos. O cão arrastara-me para ali e ia sofrer-lhe as consequencias. A um esforço supremo realizado por mim, com a subita consciencia de que as



EU E O CÃO ROLAVAMOS PELO SOLO

chammas nos envolveriam, a louca soltou um brado estrídulo. Encontrei-me então inesperadamente a pé, afrouxei os dedos e abandonaram-me as forças. Estonteado, quasi desfallecido, vi o mastim morto ao lado do argelino, ouvi a voz tranquilla de Blondel perguntando-me se estava magoado e divisei a douda com os olhos fixos em mim. Respondi á pergunta feita com outra, lembrando-me do transe por que passara, e

inquirindo o que succedera a Mr. Cavanagh.

— Voltou para casa, Ingersoll. . . esperava encontrá-lo ali. Seu filho Ion está peor.

— Vou então lá immediatamente. Que é feito dos outros, Blondel?

— E' uma pergunta a que eu muito gostaria de responder, mas não de ainda incomodar-nos bastante.

Hesitou em proseguir, por causa da pobre senhora, que nos escutara com apparente indiferença, mas que n'esse momento rompeu em copioso pranto. O argelino abeirou-se da louca e dirigiu-se-lhe como se ella fóra uma creança. Que mal avaliara eu esse pobre diabo!

— Como é que esta senhora se encontra aqui a tal hora? — perguntei a Blondel á parte.

Respondeu-me encolhendo os hombros.

— Cavanagh insiste em que a deixem livre. Que lhe havemos de fazer? Reparou que nos entendeu quando falamos da creança. Deve ter ido ao observatorio com noticias. Deixe-a ir com Fédoro, é o seu melhor amigo.

Não podia hesitar, e dirigimo-nos todos para casa. Alguns dos monteiros e creados sahiam n'esse momento das suas vivendas e corriam pela relva para apagar o fogo das sarças. O sitio movimentou-se de gente.

— A tal emboscada foi uma simples apprehensão sua? — perguntei a Blondel.

Não concordou com a hypothese.

— Na matta existe um homem escondido. Não desejo conversar ácerca d'isso. Desde agora, Ingersoll, estamos sitiados na nossa propria casa. E' necessario não commetter imprudencias. Confessar-lhe-hei ainda mais, se viesse para aqui um regimento em nada influiria sobre o que tem de acontecer.

— Até que porfim — declarei eu — vamos ouvir o que Mr. Cavanagh tem para nos dizer.

— Vá ter com elle, e que decida. Está á sua espera; Ingersoll.

XXIX

NA BIBLIOTHECA

O solar do Fen encontrava-se alarmado quando entramos. Topamos com o melifluo creado Edward ao pé da grande escadaria.

Enxerguei de relance o avental de uma enfermeira no patamar superior. Ao mesmo tempo um francez, que me lembrava ter visto em Antuerpia, cumprimentava effusivamente Blondel e travava com elle sem detença uma viva conversação. O meu destino era a bibliotheca particular de Mr. Cavanagh e para ali me dirigi acto contínuo.

— Os seus aposentos estão preparados; — esperávamo-lo hontem.

— Sabiam então que estive em Eastbourne, Edward?

— Não o posso affirmar — entendi que devia apromptar os quartos. Mr. Cavanagh tem estado muito mal. A todos nos surprehende como elle mudou.

— E o que ha a respeito de mademoiselle? Evitou responder-me desviando os olhos de mim.

— Mr. Cavanagh conversará comsigo a respeito d'essa menina.

Abriu a porta e eu entrei na bibliotheca.

Era uma casa espaçosa, com estantes de pau setim e mobiliario adequado. Com surpresa minha reparei que não estava illuminado com extremo brilho. As lampadas occultavam-se por trás de «abat-jours» e espargiam uma claridade quasi mortíça. Jehan Cavanagh não gostava de muita luz, e não liguei grande importancia ao caso. Attrahiram-me a attenção pequenas coisas espalhadas por toda a parte — um biombo collocado em frente das janellas, uma sonora campainha sobre a chaminé, e uma garrafa de cognac, com um unico copo, na secretária. Observei tudo isto quando entrei. A mudança que soffrera Mr. Cavanagh era enorme.

Vestia um chambre de seda carmesim, aberto, de modo a mostrar a camisa sem gomme, sem collete por baixo. A claridade espargida pelas lampadas, ainda augmentavam mais a pallidez natural do seu rosto; os anneis do cabello preto, a cahir por trás das suas orelhas transparentes, e o chupado das suas faces, manifestavam com eloquencia o seu mau estar. Era significativa a sua attitude. O cabello desgrenhado, o movimento contínuo dos labios, o seu andar de um lado para o outro, o cigarro mettido numa comprida boquiha de ambar e fumado quasi com ferocidade, demonstravam que o atormentava uma forte preocupação. Em cima da mesa, em direcção da qual passeava, ha-

via uma tira de papel — o ultimo boletim medico ácerca do pequeno Ion. Lia-o e tornava-o a ler constantemente, como para confirmar um desânimo ou descobrir qualquer vislumbre de esperança.

Entrei devagarinho, mas não tão devagarinho que não sentisse os meus passos. Fez-me um aceno com a cabeça. Era um gesto familiar n'elle. Não costumava desperdiçar palavras. Era um modo peculiar seu de cumprimentar.

Nada ali se modificara a não ser o dono da casa que parecia doente e inquieto. Esta impressão, comtudo, depressa cedeu o lugar a outra.

— Porque veio cá, Ingersoll?

A pergunta era feita n'um tom que significava: «eu não lhe ordenei que viesse.»

— Vim — respondi placidamente — porque alguma coisa me compelliu a isso.

Cavanagh olhou para mim com a sua costumada perspicacia.

— Por seu interesse ou por meu, Ingersoll?

— Por meu interesse. Vim por causa de Paulina Mamavieff.

— Um lance cavalheiresco... Leandro entrando n'um carrinho n'um couto de assassinos ao entardecer. E' isso que pensa de mim.

— Não foi assim... mas podia ter sido.

— Seriamente?

— Seriamente... Nunca me esqueci do que aconteceu.

Quedou-se alguns segundos a reflectir nas minhas palavras. Depois continuou a passear.

— Contaram-lhe que meu filho está doente?

— Contaram, sim senhor.

— Não ha nada mais triste que a doença de um creança, Ingersoll... não existe n'este mundo de Deus nada que se lhe compare. Medite no caso, na nossa impotencia, no abysmo entre o nosso desejo e a nossa força... na necessidade de nos tornarmos enfermeiros, nós que conseguimos tudo quanto queremos, sermos obrigados a cruzar os braços, a vêr que a sua alma se prepara para voar, a alma do filho que estremece-mos. Nem nos resta a consolação do sacrificio. Que podemos offerecer em troca á natureza? Ri-se de nós... a nossa offerta é recusada. Bradamos com toda a vehemencia: «a minha vida pela do meu filho». Não

nos ouvem. As saudades são as suas armas. Entramos no quarto da creança e deparamos-nos ali frioleiras, recordações do passado mais significativas que as lagrimas. Atire com isso fora, fica-lhe sempre presentes ante os olhos com um pesar redivivo. E' este um sentimento commum. Ingersoll, a palavra é perversa quando ridicularisa taes emoções inherentes á humanidade. Colloque um homem rico ao lado de um pobre, defronte de um filho doente. e ambos se transformam em reis. Esta creança, este bocado de mim mesmo, está moribundo. Foi a mãe quem o matou. Que devo fazer, Ingersoll? Onde me conduzirá agora o destino?

Assentou-se quando falava e escondeu o rosto nas mãos, mas não me podia occultar o pranto. Que dizer-lhe, que palavras de consólo proferir? A minha vontade indecisa não atinava com uma resolução. As palavras, em momentos como estes, para nada servem.

— Foi o medico quem lhe disse que elle estava moribundo?

— Não m'o disse... Não precisava dizer-m'o. Mas conheço-o. E, Ingersoll, é obra de uma mulher... uma creança, quem tal o diria?! Devo-lhe isto a ella... ao seu anjo de barrete vermelho. Que a sua vaidade exulte, póde dizer: «Sou filha de Mamavieff, vinguei meu pae.» São coisas que as mulheres gostam de proferir... attrahem os homens para ellas. Nascem com a bossa da celebridade, quando lhes dá a mania para isso. Gostam de viver no caos... nos bastidores da anarchia... é o suprasummo do orgulho;... O gosto de figurarem nos jornaes, o julgamento, até a perspectiva da morte, delicia-as. Essas mulheres não teem outro objectivo, porque os seus miolos não abrangem outra coisa. Nunca uma mulher expóz theorias politicas com um grão que seja de bom senso, e primeiro que cheguem a esse aperfeiçoamento ha de levar muito tempo. Ingersoll, devemos punir as vaidades d'esta especie... é nosso dever fazel-o... devemos castigal-as, mesmo quando tenhamos de chamar a lei em nosso auxilio.

— Quer então dizer, Mr. Cavanagh, que vae mandar Paulina para a Russia?

— Exactamente, Ingersoll, se os meus amigos não se me anteciparem. Que parta para junto dos que teem mais direito a julgal-a. Estava doido quando dei ouvidos a outros conselhos. Empreguei mal a minha

influencia. O seu proprio raciocinio censurar-me-ha mais tarde. Seria loucura acreditar que o senhor ainda continúa a defendel-a. Nada ha mais que fazer a tal respeito. Paulina irá para a Russia e ali soffrerá as consequencias do que praticou. Emquanto aos outros, juro a Deus que tudo quanto o cerebro e o dinheiro podem proporcionar empregal-o-hei em os exterminar como ratos. Não quero tornar a ouvir falar em treguas, Ingersoll. Peregrinarei de cidade, em cidade, de continente em continente. Dispenderei a minha riqueza até o ultimo penny fazendo a essa gente o que me fizeram a mim. São uns covardes, como covardes os tratarei. Lembre-se do que lhe affirmo . . . Não existe hoje uma só cidade, onde o meu nome os não obrigue a pôrem-se de joelhos. Tenho visto homens com presumpções de fortes tremerem deante de mim, simplesmente porque conheço quem elles são. E' obra de poucos mezes, Ingersoll. O que fará uma obra de annos? Deixo ao seu espirito fazer a profecia.

Era a viva imagem da loucura obedecendo á sua logica. O seu rosto apresentava os olhos fixos e esboghados, com as veias grossas como cordas, com os labios humidos, estorcendo as mãos. Era a repetição do estado em que eu já o vira em Madrid. Esta tragedia de Waterbeach, o temeroso golpe que ameaçava a vida de seu filho, expulsara da sua alma qualquer idéa de transigencia, exigia que ferisse sem piedade. Quem o salvaria d'esse excesso? Que argumentação de amigo ou de inimigo poderia expulsar o demonio que d'elle se apoderara?

— Mr. Cavanagh, — respondi porfim — não é o meu chefe e amigo quem diz estas coisas.

— Mas Ingersoll, eu não estou fora de mim. Porque julga isso? Bem sabe que me encontro como d'antes.

— O homem que proferiu as palavras de ha pouco — insisti, — não é Jehan Cavanagh, é outro. O amigo a quem estimei não se pode transformar n'um assassino,

— Santo Deus! Ingersoll! . . . Que accusação! Assassino . . . d'aquelles a quem o seu mistér é assassinar.

— A sociedade não lhe transferiu os seus direitos de juiz. A lei ainda não se tornou mpotente . . .

— A lei! . . . O que entende por lei? O covarde refugio dos que não possuem mentalidade. A lei aniquila os homens, Ingersoll! Lembre-se do que eram as nações antes de se arvorarem em couto de poltrões, que não teem coragem de pensar ou de fazer justiça por si mesmos?

— Mr. Cavanagh — repliquei muito placidamente — o senhor está prégando doutrinas que impelliram os homens para a anarchia.

A verdade do asserto, creio, surpreendeu-o. Quedou-se immovel, fumando raivosamente. Dirigiu-se para a meza e deitou um copo de cognac.

— Bem — exclamou após uma pausa — é necessario discutir e a noite não é boa para isso. Concederei a essa rapariga tres dias, Ingersoll . . . tres dias para me confessar a verdade; e, ouça, livre-a de Fédoro, pois elle é um escravo fiel quando se trata dos meus interesses. Tres dia, comprehende . . . e nem mais uma palavra. Não me torne a apparecer até que me traga alguma novidade. Estou muito descontente comsigo, Ingersoll, muito descontente.

Não respondi. No fundo da minha consciencia tinha a convicção que dissera qualquer coisa que devia ser ponderado. Quando sahi do aposento, Cavanagh virara o semblante para a parede, e ouvi-lhe pronunciar o nome do filho por entre soluços.

XXX

O BARCO

Era muito tarde quando sahi da bibliotheca, e não me surpreendeu nada ouvir o creado dizer-me que Blondel se fôra deitar. No meu quarto com a porta trancada, sem bem saber o motivo porque a trancara, com as janellas que deitavam para o jardim italiano escancaradas, diligenciei orientar-me na situação anormal em que me encontrava, e perguntar a mim proprio de que lado existia a razão. Tambem talvez sentisse um certo consólo em me recordar que o quarto de Paulina não estaria muito distante do meu, que ella dormia n'aquella casa e que eu poderia velar pelo seu somno.

E' facil de presumir que pouco pensava em dormir n'aquella noite. As loucas pala-

vras que ouvira na bibliotheca retumbavam-me aos ouvidos como um echo vindo do caos. Tres dias de treguas, depois a punição inexoravel, a creança vingada! Que podia eu fazer em tal conjuntura. Porque bússola orientaria a minha razão? Sentia-me absolutamente inutil. E tinha que salvar Paulina e devia salvar Jean Cavanagh, por causa do affecto que lhe dedicava.

O leitor perderia a paciencia se eu relatesse todas as idéas que me acudiram. Uma vez lembrava-me ir até ao quarto do pequeno Ion a vêr se podia conhecer ao certo o seu estado. Outras planeava buscar Paulina e mesmo com risco de ser descoberto, leval-a para fóra d'aquella casa, fossem quaes fossem as consequencias. A ameaça de Cavanagh ácerca de Fédoro enchia-me de um pavor indizivel. Esse homem era um verdadeiro selvagem, que procederia selvagemente com qualquer victima, homem ou mulher. Compreendi que se o pequeno morresse, as consequencias para todos, e principalmente para Paulina, podiam ser desastrosas. O perigo não era menor para os nihilistas. Deviam calcular que a nossa unica salvação dependia do pacto que negociassemos com elles.

Por outro lado pouco ou nada poderia fazer. Não acreditava que Blondel me ajudasse, nem tinha fé nenhuma em qualquer intervenção accidental. A' minha imaginação não sorria o pensamento de chamar os camponios de Huntingdon em nosso auxilio. A farça não se podia prolongar, a propria immanencia do perigo não permittia illudir-me.

Estas reflexões afugentavam-me o somno, não podia dormir, conservava-me irresoluto. Quando alvoreceu, lembrou-me aquelle dia de verão em que chegara á janella e vira o argelino — continuava a chamar-lhe assim — trotando pela matta fóra no desempenho de uma missão que eu não comprehendia.

N'esse dia, porém, os acizentados parques não me mostravam nada. O nevoeiro desdobrava-se por cima das terras e da matta e não revelava nenhuma creatura humana. Não queria acreditar Blondel, parecia-me impossivel o seu asserto de que estavamos cercados, que a Russia, a Italia e a Hespanha enviassem para ali agentes revolucionarios, e que esses homens acampas-

sem no parque. Um sol dourado brilhou por cima d'aquelles desertos prados e paues. Os jardins incendiaram-se n'um resplendor glorioso de outomno infinitamente matizado. O lago scintillava como um espelho de prata bem polida.

Esta scena, com toda a sua suggestão de paz e de afastamento dos homens, manteve-me á janella durante uma hora inteira. Ao cabo d'aquelle tempo, a ponte levadiça desceu sobre o lago e um homem dirigiu-se a cavallo para o bosque. Não o reconheci, e outros, tambem desconhecidos para mim, seguiram-no com curtos intervallos. Esta cavalgada inspirou-me uma subita curiosidade, que eu não podia dominar, e resolvi segui-los, ancioso, talvez, para me certificar por mim que a presumpção de Blondel era uma loucura, que eu provaria não ter razão de ser.

Isto, lembro-me, passava-se ás sete da manhã, não mais. No vestibulo encontrei as creadas que procediam á limpeza matutina. Uma d'ellás, de lingua mais sôlta que as outras, informou-me que o pequeno Ion continuava mal e que Mr. Cavanagh estava com elle. Mal acabava de falar quando souu a campainha annunciando a visita da manhã do medico. Ainda não me encontrara com elle e inclinei-me apenas quando o vi. Foi uma felicidade a sua vinda, porque a ponte levadiça ainda não fóra erguida quando eu sahi. Não respondi ás suas perguntas. De coração leve, por causa da doçura da manhã, e de bengala na mão, fui por ali adeante, em direcção do observatorio, a caminho do sitio onde se dera a scena da noite anterior, determinado a encontrar a chave do enigma, como sempre fizera toda a minha vida.

Uma resolução imprudente, dirão, e conheço hoje que foi. Tive a morte imminente n'aquella manhã. Mas aos vinte annos afrontam-se todos os perigos e rimo-nos das phantasias que são medonhas realidades para outros. Pela matta de Waterbeach, com um magnifico sol a aquecer-me, com a belleza do dia a afagar-me, que me importavam a mim os riscos das historias de Blondel ou as deliberações tomadas por Jehan Cavanagh? Salvava Paulina por mil fórmulas diversas quando cheguei ao observatorio, e ria-me da simplicidade da empresa ao approximar-me do arvoredo, onde se dera o

incendio na noite anterior. Devia ter parado ahi. Lá estava o cadaver do cão ao pé da arvore chamuscada e o terreno calcinado.

O caso podia ter sido serio. Um fogo ali, se se propagasse levaria tudo. Impressos nas cinzas descobriam-se as pégadas das botas ferradas dos couteiros e vestigios que um observador acharia mais significativos. Para além d'este local, no ponto indemne do incendio, divisavam-se dois cartuchos queimados e algures pedaços de papel. Apanhei-os, e convenci-me que eram fragmentos de um jornal russo, embora o typo estivesse quasi obliterado pelo tempo. Eram

descobertas eloquentes, que me chamaram á razão. Appliquei o ouvido e sondei a matta. Respondeu-me uma cotovia empoleirada n'um azevinho. Porque me batia então o coração? Não o posso dizer. Ha momentos que sentimos o pêso de olhares invisiveis e que ouvimos passos que nos seguem a enorme distancia. Achava-me n'essas circumstancias, e, sem me envergonhar, fugi do bosque como se estivesse enfeitado, dirigi-me para a ala occidental do edificio, e cheguei ao logar onde se erguiam as balisas das regatas no rio. Nunca o acaso me favorecera tanto.

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.



MISERIA

O vento passa, enregelado e frio.
É negra e triste a noite.
E vae um grupo, qual visão, sombrio,
Do vento ao duro açoite,

Por essas trevas a vogar, sem ninho.
E sois vós, ó creanças
Sem pae, sem mãe, sem lar e sem carinho,
Que passaes tristes, mansas.

E procuraes em vão macio leito
Onde repouse a fronte:
De vossas mães o caloroso peito
Não ha quem vos aponte.

Só tem o mármore' da vetusta egreja
— O leito da miseria.
É a vossa mãe querida e bemsfazeja,
A vossa mãe etherea.

Vós sois da Dôr o sideral emblema
Que pela noite passa:
— Indigencia ou Penuria — o vosso lemma,
Ó filhos da Desgraça!



Charadas

I

Entre os homens, na terra, o mal e o vicio
imperam n'um reinado deshumano;
Deus dos infernos é assim propicio — 1
ao horrído flagelo e a tal plano.

O requinte do mal, na fina essencia,
do disturbio cruel e palpitante,
em todos se divisa na apparencia, — 1
enganadora, vil e delirante...

Quando será ó Deus que da Concordia — 2
os laços fraternaes unam *in mente*,
os que luctam impavidos, sem brio,
e a paz se faça da revolta ardente?!

Porto. CLUB DOS ESTOUVADOS.

II

O estado sociologico da Terra,
Como existe na epocha actual,
Não permite acabar co'o capital,
Espectro que o trabalho sempre aterra.

Comtudo este declara-lhe uma guerra
Franca em *associações*, meio legal
D'atacar a dominação rural,
E o *fisco* que só odio em si encerra. — 2

E será o operario vencedor?
Constituirá a Terra um paiz são, — 2
Em que não haja escravo nem senhor.

E em que se aufira o bom conforto e o pão?
Talvez. Mas... deixai esse sonhador
Viver, acalentando essa illusão!...

Angra.

MELLO.

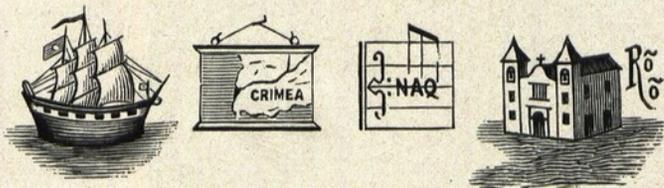
III

Na geologia estou por meus peccados,
Tudo destruo, sim, quando rebento. — 2
Sou rija, sei, mas dizem que os cevados — 2
Em mim encontram bem seu alimento.

ARIEL.

Enigma pittoresco

Ao amigo In-Justo.



Madeira.

JOÃO DIABINHO.

Decifrações do n.º 46

Questão proposta — Ver o proximo numero.
Charada — Mirabanda.

— Regeneração do Sangue —
e forças em todo o organismo,
— obtêm-se rapidamente —
— com o uso da —

Somatose

cujos resultados —
— são excellentes —
Vende-se em fórmula liquida —
— ou em pó, nas farmacias —
— e drograrias —



Senhoras em evidencia

Aristocracia e caridade

Nobreza de sangue e nobreza de coração, duas aristocracias que nem sempre se alliam. Dama das mais preclaras virtudes, esposa extremosa e mãe amantíssima, a senhora condessa de Sabugosa, occupa na sociedade portugueza um logar de eleição.



CONDESSA DE SABUGOSA

Amam-na os seus pobres, veneram-na quantos a conhecem, admiram-na e santificam-na todos os necessitados, todos os infelizes.

Uma poetisa inspirada

Delicada alma de poeta e forte character de luctadora. Serviu-lhe de berço o Porto, a trabalhadora cidade. Professora, fez do magisterio um apostolado; litterata, a sua obra é enorme e sentida no jornal,

no livro, em quantas publicações tem collaborado, que são innumerables. O seu bello volume *Rosas e Mus-*



ALBERTINA PARAIZO

gos revelam a formosura do seu coração de mulher e o seu fulgurante talento e inspiração de poetisa.

E' de Albertina Paraizo, esta deliciosa poesia:

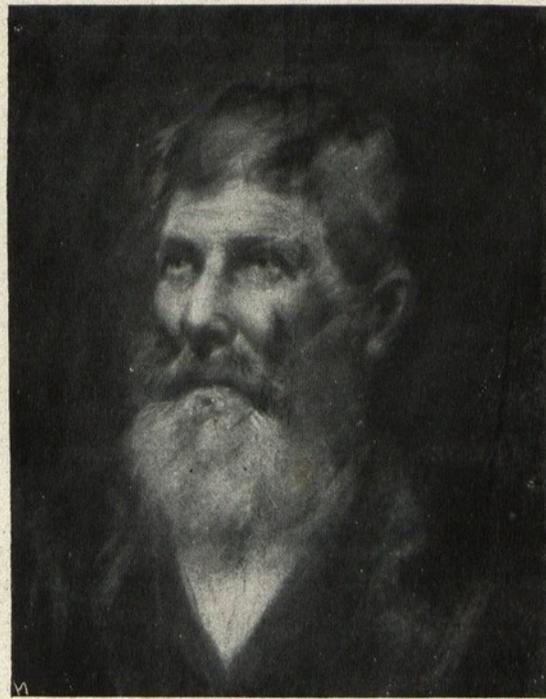
Paizagem rustica

*Batia em cheio o sol pelos trigaes,
Acalentando as tremulas seáras...
No ar passavam notas divinaes
De orchestras amplas, virginaes e claras.*

*Um grupo de formosas raparigas,
Frescas, morenas e gentis ceifeiras
Confundiam as limpidas cantigas
No spartito das aves nas bulseiras,*

*Pequenitos á beira dos caminhos,
Alegres e rosados como auroras,
Andavam uns a namorar os ninhos,
Outros então á busca das amoras.*

*E, mais além, o filho do moleiro,
Ouvindo as alvas pombas arrulhar,
Jurava eterno o seu amor primeiro
A' moça mais bonita do lugar...*



A EX.^{ma} SR. D. BERTHA ORTIGÃO RAMOS E SUA FILHA D. IZABEL ORTIGÃO RAMOS,
DISTINCTÍSSIMAS PINTORAS AMADORAS

DUAS CABEÇAS DE ESTUDO DA EX.^{ma} SR.^a D. IZABEL ORTIGÃO RAMOS

O culto pela arte

Entre as senhoras portuguezas que mais teem celebrado o seu nome cultivando a arte, conta-se a Ex.^{ma} Sr.^a D. Bertha Ortigão Ramos. Antes de se casar, as suas telas figuravam em todos os certamens artisticos, recebidas sempre pela critica com apreciações elogiosas. Poucos profissionaes a excederam na pintura das flôres. Os seus deveres de extremosa e desvellada mãe de familia, obrigaram-na a pôr de parte a sua paleta e pinceis, mas nem por isso deixou de contribuir com um subsidio importante para o engrandecimento do seu antigo idolo.

Incumbiu sua filha a Ex.^{ma} Sr.^a D. Izabel Ortigão Ramos de continuar a sua obra. Esta senhora, discipula da eximia professora D. Emilia Braga, honra a dynastia de artistas a que pertence. Os seus trabalhos revelam notaveis aptidões e merecimentos. São d'isso prova os dois estudos que reproduzimos na gravura.

Uma artista de valor

Esposa do illustre professor Julio Teixeira Bastos, a sr.^a D. Luiza Alexandra Cordeiro Bastos conquistou numa especialidade artistica pouco cultivada entre nós, um dominio incontestado. Inven-



D. LUIZA ALEXANDRA CORDEIRO BASTOS

tou um processo, exclusivamente seu, de pintar e gravar sobre velludo. Os productos que apresentou na exposição americana de S. Luiz obtiveram uma victoria retumbante e grangearam-lhe a medalha de ouro.

As suas primorosas qualidades pessoas, hombraem com as suas pujantes faculdades de artista. E' no lar a doce companheira de um homem de valor; na officina, poucas como ella, honram o feminimo bem entendido.

Uma titular portugueza... estrangeira

Casou-se ha pouco tempo em Londres, Miss Maud Cuats, com o duque de Wellington, filho de lord Douro. O noivo, por morte de seu pae, herdará o mesmo titulo de lord Douro. Foi essa uma das mui-



LADY DOURO

tas mercês que incidiram sobre o general Arthur Wellesley, quando á frente das tropas anglo-portuguezas, expulsaram as tropas de Napoleão I, da Peninsula.

Intellectuaes

Medicina e oratoria

Homem de sciencia, orador e litterato, o dr. Azevedo Neves é um espirito lucido, vivo, perspicaz, educado á moderna. Como medico e como operador a sua reputação é das mais solidas e completas. A sua palavra simples, mas quente é insinuante, dispõe d'essa persuasão facil, peculiar ás intelligencias fortes e sensatamente orientadas. A sua bagagem litteraria é já avultada e de peso.

Entre outros trabalhos avultam: *Um caso de meia microcephalia* — *Contribuição para o estudo do ovario* — *Rodolpho Virchow* — *Technica d'autopsias clinicas* — *Um caso de kisto dermoide do raphe ano-coccygeo continuando-se com um adeno-kisto-mixoma do ovario esquerdo* — *O methodo Finsen para o tratamento do lupus vulgar* — *Therapeutica do lupus vulgar* — *Niels R. Finsen* — *Theoria mecanica das fracturas do craneo* — *O Laboratorio d'Analyse Clinica do Hospital Real de S. José e Annexos* — *Nota acompanhando os trabalhos apresentados na sessão de 10 de Dezembro de 1906 da Commissão encarregada do estudo do cancro, pelo secretario e relator da commissão* — *Inquerito feito em 1904, nas Provincias Ultramarinas e outras ainda traduzidas para allemão*

NO PRÉLO: *Les cancéreux à l'Hôpital Royal de S. Joseph et Annexes pendant la période 1899-1903,*

avec IX Tableaux statistiques et XI graphiques en couleurs — Enquête faite aux médecins portugais pour vérifier le nombre de cancéreux qui existent en Portugal (1904) avec de très nombreux tableaux statistiques et graphiques en couleurs — La mortalité par le cancer à la ville de Porto pendant la période 1893-1902 avec XXIV tableaux statistiques et X graphiques en couleurs — Essai d'étude de la population portugaise — A população portugueza e o cancro — Etiologia e pathogenia dos tumores malignos — Mémoire sur les tumeurs multiples primitives des os.

Breve deve sahir a *Pratica de autopsias (Technica e diagnostico)*, com innumerás gravuras. Pois com



DR. AZEVEDO NEVES

todo este arsenal, que faz presumir um velho encanecido, o que é redondamente falso, como o demonstra o retrato que reproduzimos, ainda tem tempo para tomar parte nas festas da Arvore, como succedeu na Amadora, e deixar as creanças encantadas com o seu verbo fluente, claro e suggestivo.

Jornalismo e litteratura

J. Reis Gomes possui um espirito privilegiado e uma penna primorosa. Militar, jornalista e escriptor, o seu talento affirma-se desassombrado e pujante nas mais variadas e complexas manifestações da actividade intellectual. Capitão de artilharia, é consideradissimo na sua arma; director do *Heraldo da Madeira*, o seu jornal occupa um logar preponderante e illustre na imprensa portugueza; escriptor, o seu omnimodo merecimento tem-se manifestado nas suas obras: *O theatro e o actor*, *Historias simples*, e no es-

plendido romance *A Filha de Tristão das Damas*, de maneira inconfundivel, brilhantissima.



J. REIS GOMES

Este ultimo romance escripto em linguagem tersa, cheio de interesse, com situações magnificas, é um trabalho que honra a litteratura nacional.

O feminismo na guerra

A gravura que hoje damos, mostra-nos lady Ernestina Hunt, filha do marquez de Hylsburg, e um dos officiaes nomeados para commandarem o regimento de mulheres enfermeiras, organizado recentemente em Inglaterra. Como já referimos, esta corporação



será formada por mil damas a cavallo e três mil a pé, algumas das quaes se apresentáram já devidamente uniformizadas.

Centenario da Guerra Peninsular

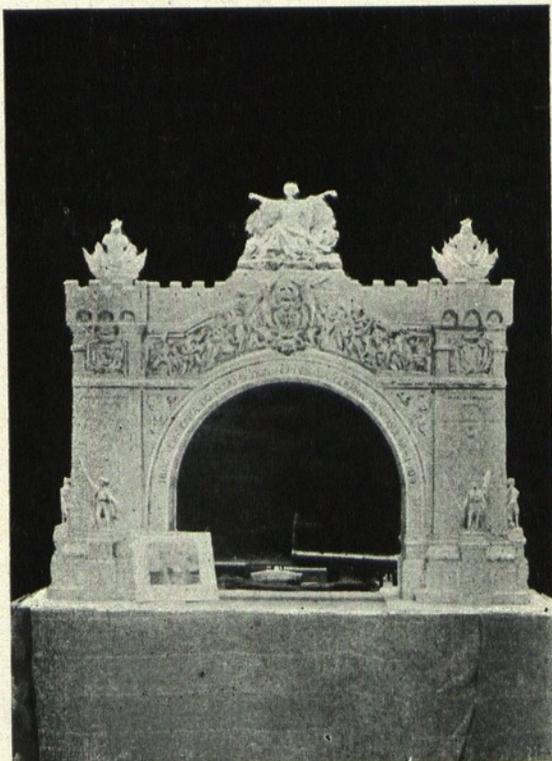
Classificação dos projectos para o monumento commemorativo

Primeiro premio



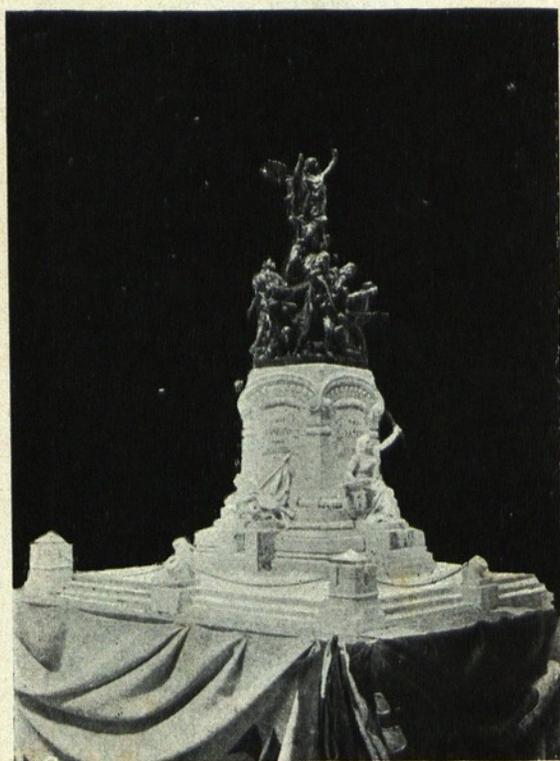
DE JOSÉ E FRANCISCO D'OLIVEIRA

Segundo premio



DE VENTURA TERRA

Terceiro premio



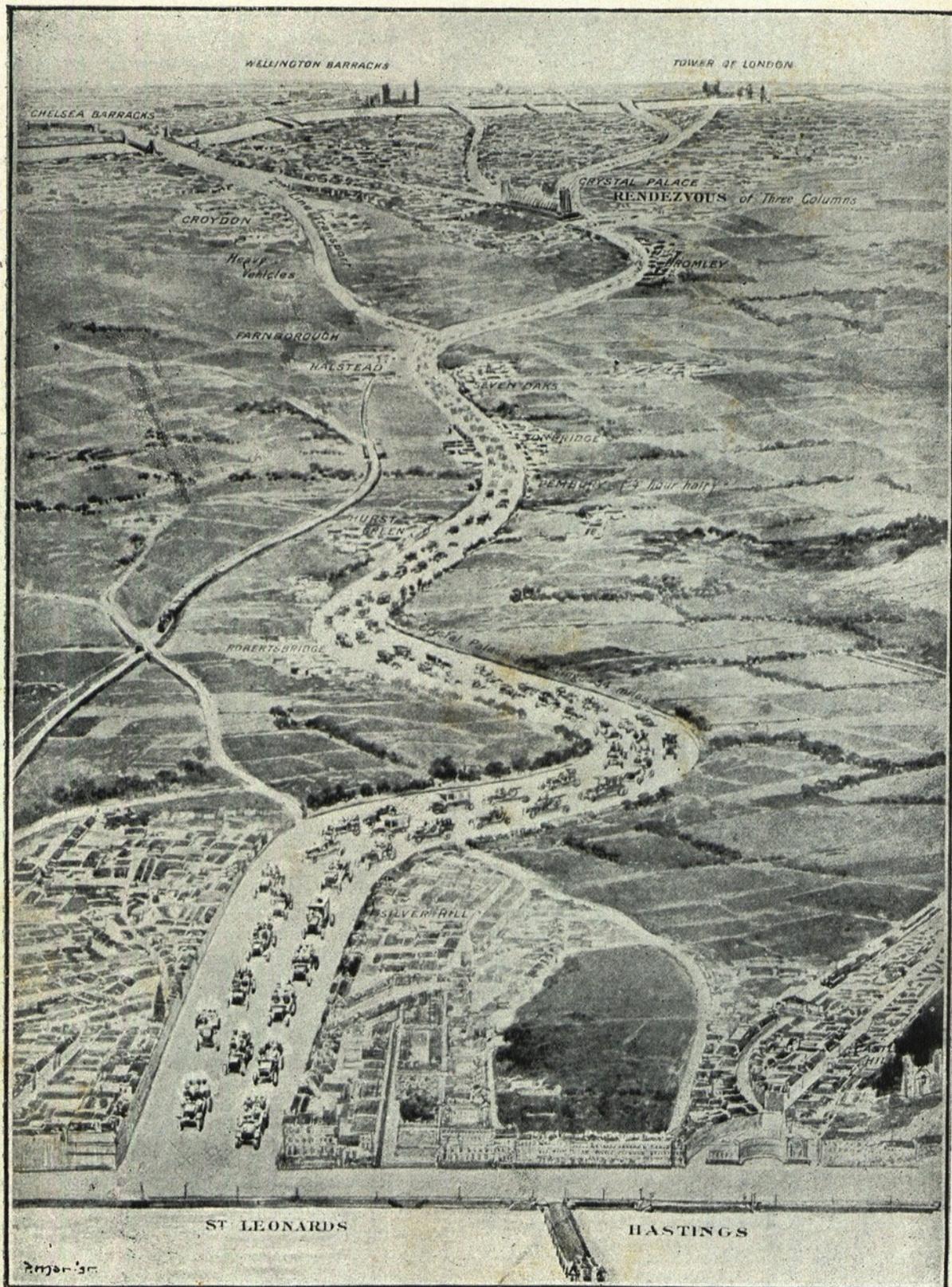
DE SIMÕES D'ALMEIDA (SOBR.) E COSTA CAMPOS

Primeira menção honrosa



DE MANUEL GERMANO PEREIRA SALLES

O automobilismo na guerra



UMA EXPERIENCIA CURIOSA

O ministerio da guerra de Londres, procedeu ha poucas semanas a uma experiencia curiosa. Imaginou que uma força inimiga desembarcara em Hastings. Mobilisou acto continuo um batalhão da Guarda e met-

teu-o armado e equipado, em centenas de automoveis, fornecidos pela *Automobile Association*.

Em poucas horas o batalhão formou na praia de S. Leonards e Hastings.



Modas

O modelo que hoje damos é ultima palavra da moda em Londres para vestidos de primavera. E' constituído por um casaco e saia azul escuro, guarnecido com sottage especial de cor um quasi nada mais claro que a do vestido. E' uma *toilette* elegantissima, a que predomina na sociedade mais elegante.

Para augmentar o poder da alimentação dos caldos, leite e carnes para convalescentes, juntar **SOMATOSE.**

A sciencia da guerra

Sir Hiram Perey Maxim, inventou recentemente um aparelho, destinado a abafar o ruido das detonações das armas de fogo, sendo experimentado, pela primeira vez em New-York, com exito.

A 8 de fevereiro ultimo, o notavel inventor americano, reuniu os representantes de 80 jornaes politicos e revistas scientificas, e fez-lhes uma rapida conferencia sobre o novo engenho.

«O principio do meu aparelho é muito, simples—diz o conferente;—baseia-se na força centrífuga. Todos tem visto, certamente, nos quartos de *toilette* modernos, que tem agua com pressão, a agua girar rapidamente na bacia sem se escapar pelo buraco de escoamento do fundo. O mesmo phenomeno se produz no meu silencioso. Os gazes da explosão, obriga-



UM APARELHO PARA ABAFAR O RUIDO DAS DENOTAÇÕES DAS ARMAS DE FOGO

dos a redemoinhar, não pôdem escapar-se bruscamente produzindo detonação.

«Quanto á maneira de os fazer redemoinhar, é questão de arte. O meu aparelho não passa d'uma turbina invertida: em logar d'uma corrente gazosa que bata nas laminas da turbina e lhes imprima um movimento de rotação, emprego uma turbina fixa que communica á corrente gazosa uma velocidade de rotação vertiginosa. A potencia viva dos gazes, consome-se em trabalho interior e em redemoinhos, e os gazes, não sahindo senão depois de ter perdido a maior parte da sua energia, não produzem já o choque violento, a martellada gazosa, que produz a detonação!»

O silencioso Maxim pôde ser facilmente transportado n'uma algibeira. E' um tubo de metal de 18 centimetros de comprimento por 5 de diametro, pesando 200 a 300 grammas, conforme fór para adaptar a uma espingarda vulgar ou a uma carabina de guerra.

Para se poder usar, basta collocal-o na bôcca de uma espingarda. A parte central do tubo é completamente livre, tendo um diametro um pouco maior

do que o da bala, de fôrma que esta possa passar sem difficuldade, mas ao longo d'esta abertura central, estão dispostas uma serie de camaras com o perfil de caracol. Quando o projectil sae, os gazes com alta pressão que o acompanham introduzem-se, á maneira que vão passando deante de cada camara, no interior d'estas, onde podem afrouxar livremente. A propria fôrma do perfil da camara, força-os a transformarem-se em redomoinhos que amortecem por si mesmos, gradualmente. E' só quando a sua energia está quasi inteiramente consumida, que podem escapar para fóra com uma velocidade bastante resumida para que o ruido do tiro seja singularmente atenuado.

O segredo do moto-contínuo está, evidentemente, desvendado na actividade inventiva do espirito humano. Ainda os aeroplanos não passam de problemas cujos coeficientes são, exclusivamente, encontrados na phantasia de sabios utopistas, e já os fabricantes de canhões pensaram em inventar uma arma que os destrua, dada a importancia que podem vir a assumir como elemento de guerra.



A ARMA KRUPP
NA DESTRUIÇÃO DOS AEROPLANOS

Esta arma, é a Krupp de 6,5 cent. montada n'um reparo de peça de campanha e cujas rodas tomam uma posição especial, enquanto a arma faz fogo.

Para o seu aparelho, Mr. Krupp fabricou uma bomba incandescente destinada a perfurar o envolvero do balão e fazer explodir o gaz.

Os projecteis ordinarios passam atravez do sacco

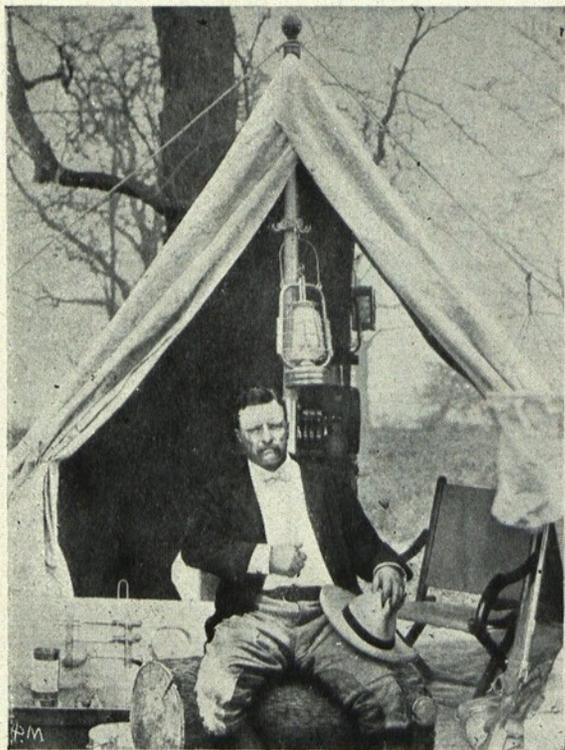
de gaz, sem que lhe causem outro prejuizo que não seja o de lhe fazerem uma serie de buracos.

A bomba incandescente pôde tambem ser empregada contra os aeroplanos e, embora mesmo n'este caso, não communique o fogo, opéra como se fosse um projectil ordinario.

Viajantes illustres

Mr. Roosevelt e a sua nova Casa Branca

O antigo presidente da republica dos Estados Unidos norte-americano sahio ha semanas de Nova York e esteve nos Açores, na Horta, a caminho para a sua excursão africana. Acompanha o Mr. Kermit Roose-



A BARRACA DE QUE SE SERVIRA' NA SUA EX-
PEDIÇÃO AFRICANA

velt, o photographo da expedição, seu segundo filho, o major Edgar A. Mearns, Mr. Alchen e Mr. Edmond Hales, naturalistas. De Napoles partiu para Mombaça, e de lá para Uganda e Noirodi, pelo caminho de ferro. Demora-se ali seis mezes. Cada explorador leva consigo trinta carregadores. Facto curioso o seu equipamento para as grandes caçadas foi fornecido por uma casa inglesa e não americana.

Mr. Roosevelt, como é sabido, deliberou partir para a Africa, para que não se diga que o seu successor e seu amigo Mr. Taft, podia ser influenciado por elle.

Exploração do polo sul

O tenente Ernesto H. Shackleton, o Nansen do sul, como lhe chamam em Inglaterra, commandante do barco *Nimrod*, foi até hoje o explorador que mais se

aproximou do polo sul. Acompanhado pelo tenente Adam, Mr. Eric Marshall e Mr. Frank Wild, alcançou um ponto apenas distante cento e onze milhas do polo e ahi hasteou a bandeira do seu paiz, que lhe foi dada pela rainha Alexandra.

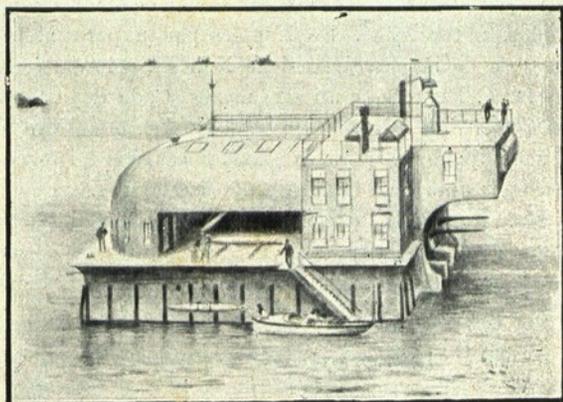
Shakleton foi mais adeante trezentas e quarenta milhas que o capitão Scott. Outra parte da tripulação do *Nimrod* descobriu o polo sul magnetico e ahi



TENENTE SHAKLETON

arvorou outra bandeira. O tenente Shakleton é irlandês mas foi educado em Londres. O inicio da sua carreira fê-lo como official da marinha mercante e embarcou durante algum tempo nos vapores da «Union Casthe Line». Ultimamente era um dos membros da expedição antartica «Discovery».

Uma ilha artificial

EXPERIENCIA DE TORPEDOS NA «REDE»
DE HYÉRES

Opera allemã

Obteve um exito verdadeiramente triumphal a tetralogia de Wagner, no theatro de S. Carlos. A fórma como as quatro peças foram postas em scena, o seu desempenho e entusiasmo com que o publico as ouviu e as applaudiu, assignalam uma epocha notavel na historia do nosso theatro lyrico.

As operas *O ouro do Rheno*, *O anel de Niebelung*, *A Walkyria* e *O Crepusculo dos Deuses*, cantadas nas principaes cidades do mundo, composições de excepcional merito, não podiam deixar de alcançar em Lisboa o soberbo acolhimento que tiveram.

Tauromachia

Já abriu as suas portas a praça do Campo Pequeno, o que equivale a dizer que estamos em plena época tauromachica.

A' testa da nova empreza encontram-se os distinctos aficionados, srs. Albino José Baptista e Luiz Lacerda, por todos reconhecidos pela sua seriedade e conhecimentos profissionaes, o que é segura garantia das bellas corridas que alli vão ter os amadores do popular espectáculo.



ALBINO JOSÉ BAPTISTA

Socio gerente da empreza Baptista & Lacerda

Segundo o cartaz-aviso, o publico da capital verá este anno desfilarem pela primeira praça do paiz, além dos melhores artistas portuguezes, as principaes sumidades do reino visinho, como Fuentes, *Bombita Machaquito*, Gallo, etc.

Obras d'arte



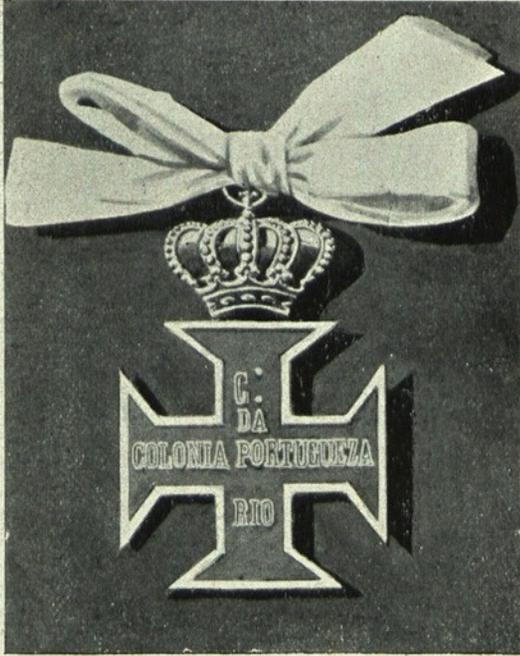
A «MAQUETE» DO MONUMENTO A JOÃO DE DEUS, DO ESCULTOR MOREIRA RATO

E' primorosa a *maquette* que o apreciado escultor Moreira Rato expoz ao publico como projecto do monumento que se prepara ao mais popular dos poetas lyricos portuguezes — João de Deus.

O pedestal é elegante e em volta d'elle erguem-se varias figuras allegoricas, todas cuidadosamente tratadas; no vertice o poeta naturalmente sentado tem um aspecto meditativo.

A obra de Moreira Rato é bella e digna de executar-se em qualquer praça publica. Para o conseguir formou-se uma commissão constituida por algumas senhoras e cavalheiros em evidencia no nosso meio social, litterario e jornalístico. Na primeira noite em que essa commissão se reuniu, abriu-se uma subscrição que subiu logo a elevada quantia. E' de esperar que tão auspiciosa iniciativa não fique por ahi.

Medalha commemorativa



MEDALHA DE OURO «CRUZADA DA INDIA»

O sr. commendador Antonio André Pessoa, foi portador do Rio de Janeiro para Lisboa, da medalha de ouro, *Cruzada da India*, offerta do Real Centro

da Colonia Portugueza daquela cidade, ao cruzador *D. Amelia* na pessoa do seu commandante Nunes da Silva. Acompanha-a um *bilhete de ouro* que tem os seguintes dizeres:

«O Real Centro da Colonia Portugueza no Rio de Janeiro, offerece ao Cruzador da Armada Real «*Dona Amelia*», na pessoa do seu digno Commandante Capitão de Fragata Joaquim Nunes da Silva, a medalha Cruzada da India, com que distingue os seus grandes benemeritos. — 10-9-08.»

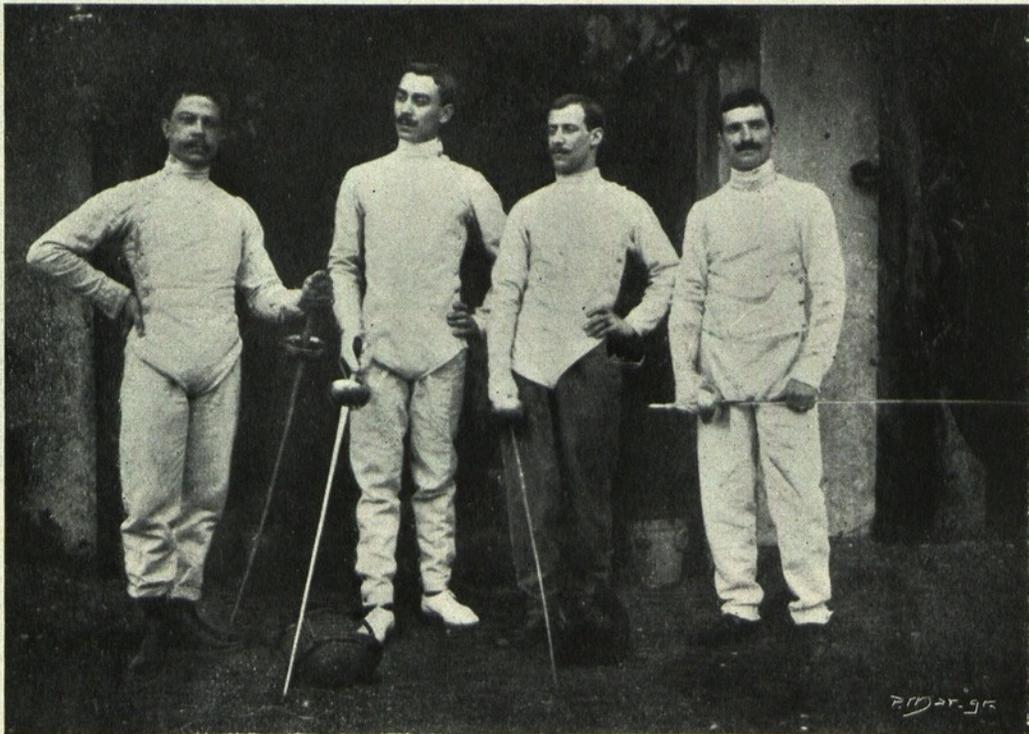
Tolstoi e a musica

Uma notavel artista russa, a sr.^a Londowchia, conta, que tendo passado ha dois annos o Natal em casa de Tolstoi, se admirou de vêr, como em tão avançada idade, elle se commovia com a musica, que conhece e aprecia muitissimo.

São os classicos que elle sente com praser, mas Choupim é o seu valido.

A musica antiga tem para o grande velho um especial encanto e lamenta que Hænde e Rameau estejam votados ao abandono. «E' musica (diz elle) que me transporta a outro meio. Tenho os olhos e julgo viver em seculos passados.»

Tolstoi tem colleccionado grande copia de canções populares russas que envia ao seu amigo Tschai-kowsky, compositor russo, pedindo-lhe que as reuna e desenvolva «á maneira de Henday e de Mozart, e não de Schumman ou Berlioz.»



Esgrimistas portuguezes que foram a Nice disputar a taça do conde Alberto Gaultier no campeonato internacional de esgrima.

Carlos Gonçalves, Mario de Noronha, Ferreira de Castro e Sebastião Heredia

Pintura portugueza

Exposição Teixeira Bastos. — Verdadeiramente encantadora a exposição de quadros do illustre professor sr. Julio Teixeira Bastos, esse pintor de elevado merito que pelo seu esforço, pelo seu estudo e pelo seu grande amor á arte, conseguiu salientar-se, n'este meio de politicos e indifferentes, com as suas



vivas e indiscutíveis afirmações d'uma rigorosa compleição de artista.

Modesto, como todos os artistas que trabalham para satisfação do seu espirito, sem se deixar render ao elogio banal, profundamente absorto nos seus sonhos de arte, os seus trabalhos são cheios de sinceridade, feitos com a honesta consciencia dos que só ao seu talento e aos seus esforços querem dever os applausos da critica.

N'esta ligeira apreciação apraz-nos destacar, entre as sessenta e seis telas que enchem as paredes do

elegante atelier do sr. Teixeira Bastos, o quadro *Viriato*, onde a paleta do distincto artista soube, maravilhosamente, comprehender a figura epica do Pastor dos Montes Herminios, surgindo entre os penhascos escavados e severos da Serra da Estrella. Mal despertados ainda da viva emoção produzida pela tela a que nos vimos de referir e á qual a critica mais exigente não negará homenagem, e eis que já ali nos apparece o *Beijo de Judás*, documentando o talento e os conhecimentos technicos que possui o auctor, para conseguir os effeitos de luz e as gradações de côr que valorisam, especialmente, este quadro. *Castanheiros (Valles)* revela-nos as poderosas faculdades de paysagista que illustram, com singular relevo o notavel pintor, no nosso meio artistico.

Na exposição avultam ainda *Macieiras em flôr*, *Ca-beça de Velha*, *Pinhal Manso*, *Limpando metaes*, *O almoço da Anna velha*, *Refeição da manhã* e *Gallinhas e Pintos* cuja expressão de verdade é flagrante.

Sociedade Silva Porto. — Com uma numerosissima concorrência e os mais justos e calorosos applausos da imprensa, realisou-se a nona exposição de pintura d'esta benemerita collectividade, que de ha muito traz o seu nome ligado aos progressos da arte pictorial no nosso paiz.

Embora esta noticia não possa ser mais do que o mero registo d'um acontecimento notavel do mez, ao qual a critica tem que ser quasi, em absoluto, extranha, não podemos deixar de afirmar a nossa admiração pelos trabalhos expostos que se traduzem, inegavelmente, por novos e poderosos documentos do valor artistico dos seus expositores. Estes são os srs. Abel Santos que, seguindo escrupulosamente os processos artisticos de Carlos Reis, apresenta 19 pay-sagens, onde venceu brilhantemente as innumeradas difficuldades inherentes a este ramo de arte; Frederico Ayres, que, nas telas *Uma Rua*, *Depois do Ocaso* e *Estrada do Padrão*, demonstra uma observação de pormenores e uma riqueza e harmonia de côres que lhe dão titulo e fóros de verdadeiro artista; João Trigoso, que nos trechos tirados de varios panoramas algarvios, se confirma um artista de talento, de



ABEL SANTOS



F. AYRES



JOSÉ CAMPAS



LEANDRO CALDERON

(Da Exposição Silva Porto)

quem muito tem a esperar a pintura [portugueza; José Campas, um temperamento artistico de firmada reputação, mostra-se, n'esta exposição, o espirito estudioso e infatigavel que lhe tem valido um logar



CONDUÇÃO DE EGUAS
(Quadro de Antonio Saude)

preponderante entre os novos, sendo encantadoras, entre outras, as suas telas *Espalhando o milho* e a que destinou á prova do concurso para Paris; Leandro Calderon foi na verdade, muito feliz na escolha dos



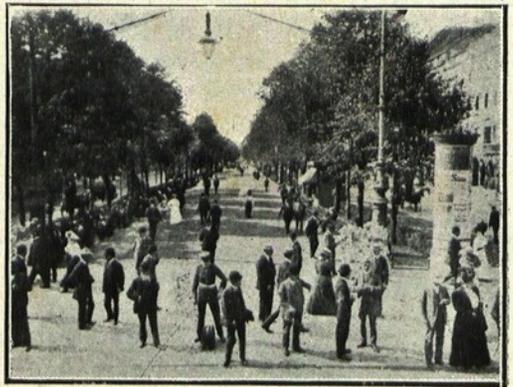
O CALDO VERDE
(Quadro de José Campas)

assumptos dos quadros, aos quaes deu um realismo suggestivo; finalmente Alvares Cardoso e Antonio Saude revelam-se mais uma vez, em labores a que não faltam technica e alma, artistas de fulgurantes meritos.

Anthero de Quental

Antonio Sergio, um escriptor nervoso, impressionavel, cheio de talento, escreveu sobre os *Sonetos* e as *Tendencias geraes da philosophia*, de Anthero do Quental, um livro substancioso, sensatamente orientado, um livro de larga documentação, que todos devem ler. E' mais uma obra de valor a juntar ás que se occupam dos trabalhos do grande poeta e prosador, morto em plena florescencia da sua pujante mentalidade.

Aspectos de cidades estrangeiras



A FAMOSA AVENIDA DAS TÍLIAS, EM BERLIM

Theatros

D. Amelia. — A época d'este inverno, no D. Amelia, ficou brilhantemente assignalada nos annaes do theatro portuguez, com a representação da peça *Os Postiços*, a que Eduardo Schwalbach soube imprimir



EDUARDO SCHWALBACH

os fulgores do seu extraordinario talento como comediographo. E, se é certo, que de ha muito os meritos do illustre escriptor estavam affirmados na complexidade extraordinaria de generos litterarios que tem cultivado, com invariavel exito, não é menos verdade que o seu ultimo trabalho theatral, comprovando-lhe faculdades já reconhecidas, lhe vem

evidenciar outras d'um valor não menos real e indiscutível.

A peça *Os Postiços*, é desenvolvida em cinco actos, onde as allusões acirradas a uma sociedade impostora e cruel, esfusiam entre as teias de filigrana d'um drama psychologico, que detem o publico vibrante de interesse do primeiro ao ultimo acto. Não faltam ali os typos dos politicos de toda a parte e das grandes damas da vida mundana, gravitando em volta d'um meio de intriga que consegue disfarçar-se, á força de se integrar no embuste da mentira, nos escrúpulos dos convencionalismos, nos excessos de vir-

guez, a arrojada empreza da Trindade, faculta-nos o verdadeiro prazer espiritual, de apreciarmos uma opera genuinamente portugueza, a *Serrana*, a que os seus auctores, Alfredo Keil e Lopes de Mendonça, teem cingida uma das mais gloriosas corôas da sua vida artistica.

O que a *Serrana* é como technica e como sentimento nacional, as poderosas faculdades de talento e de alma que ella synthetisa estão, decerto, de ha muito consagradas, devidamente, pela critica. A Historia da Arte ha-de curvar-se, eternamente, e com renuncia ante esse trabalhador modesto que, apenas,



THEATRO DA TRINDADE — «SERRANA», opera de Alfredo Keil e Lopes de Mendonça
(Final do terceiro acto)

tudes nunca sentidas mas que é mister infligir aos outros, com os maiores rigores.

No desempenho destacam-se Luz Velloso, Emilia de Oliveira, Angela Pinto, Chaby e Pinheiro, cujos recursos scenicos dão o maior relevo aos papeis que lhes são destinados.

E imperdoavel seria fecharmos esta noticia sem alludirmos á iniciativa arrojada do visconde S. Luiz de Braga, que no louvavel empreendimento de fazer representar *Os Postiços* no elegante theatro D. Amelia, com todos os atractivos d'uma *mise-en-scène* luxuosa, manifestou mais uma vez as qualidades fulgurantes que põem em destaque a sua figura de empresario.

Trindade. — Depois de nos dar varias operas de auctores francezes e italianos traduzidas para portu-

encorajado pelo seu extremado amor á arte, scube triumphar d'um meio apathico e desolador que, por principio, lhe devia ser adverso.

Resta-nos, pois, salientar os prodigios de valor que o maestro Luiz Filgueiras faz na regencia da orchestra e o desempenho correcto da parte de Delphina, Bensaude, Victor e Pratas que, dia a dia, evidenciam novas e notaveis aptidões.

Avenida. — A esplendida revista *A Nove* tem sido, sem duvida alguma, um dos mais felizes successos do theatro Avenida, n'esta época, continuando, portanto, em noites successivas, a sua carreira triumphal, sem que o publico se fatigue de lhe prodigalisar applausos.

Entre as interpretes, devemos destacar Julia Men-

des, a actriz intelligente e estudiosa que conhecemos de sempre; Auzenda de Oliveira, a figurinha gentil, de *biscuit* que polvilha de graciosidade a revista ou a opereta em que seja um elementó, e, finalmente; Flora Dyson cuja elegancia e vivacidade se tornam

Tudo o que se diga para frizar as qualidades que valorisam o rigoroso drama do insigne escriptor, ficaria além do amor que a sua representação calou na alma do publico, traduzido em applausos freneticos e expontaneos.



THEATRO DA AVENIDA — «A NOVE», revista de Sousa Bastos
(Final do segundo acto)

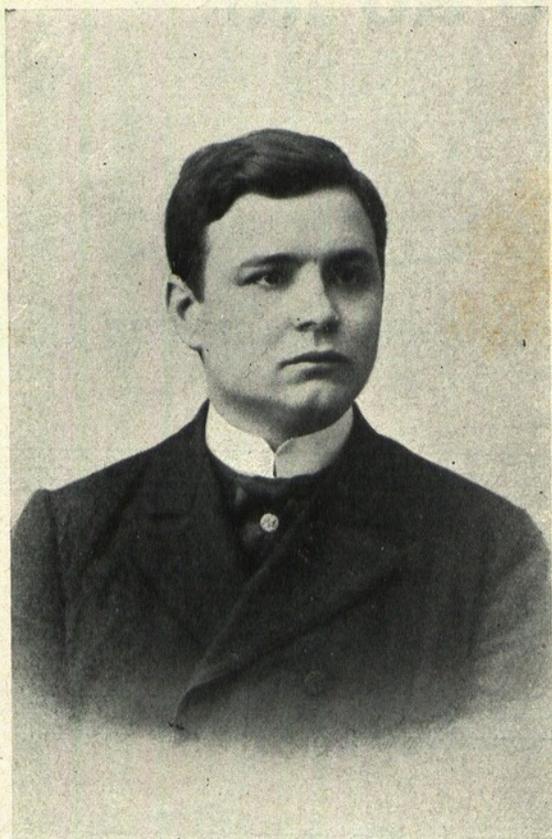
qualidades para a distinguir em qualquer papel do genero theatral que cultiva.

Principe Real. — Com excepcional successo, têm-se representado, n'este theatro, a peça do illustre dramaturgo Marcellino de Mesquita, *Envelhecer*, cuja intensidade dramatica encontrou uma interpretação apaixonada e emocionante, nos temperamentos artisticos de Maria Falcão e Eduardo Brazão.

O theatro Principe Real, que se propoz a dar uma época de arte a valer ao publico lisboeta, reunindo para isso, um elenco em que se contam alguns dos vultos mais em evidencia na scena portugueza, tem conseguido, com brilhante exito, o seu *desideratum*, para o que contribuiu tambem, a serie de conferencias litterarias effectuadas ultimamente no mesmo theatro, conferencias effectuadas por alguns dos nossos mais distinctos homens de letras.

FARINHA
LACTEA **NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.



P. THOMAZ BORBA



MUSICA
DOS
SERÕES



REGRESSO AO LAR

Letra de

Guerra Junqueiro

Musica de

Thomaz Borba



Regresso ao lar



Letra de Guerra Junqueiro

Musica de Thomaz Borba

Andantino

VOZ

PIANO

The first system shows the vocal line (VOZ) and piano accompaniment (PIANO). The key signature is two sharps (F# and C#), and the time signature is 2/4. The piano part begins with a piano (*p*) dynamic. The vocal line is mostly rests in this system.

Li ha quan-tos an-nos, que eu par-ti cho-
ra so de a-mar gu-ra'o co-la-ção des-
co-mo an-ti-ga men-te no re-ga-ção

ran-do De-o te meu san-do-o, eu vi-nho-so
fei-to... Vê-que fun-das ma-quas no-em ba-ud-do-o.
ma-do, (Vê-nho mor-to, mor-to!) dei-xa-me dei-

lar! Tor-ha vin-te? ha trin-ta? Nem eu sei já
lar! Tor-ha vin-te? ha trin-ta? Nem eu sei já
lar! Tor-ha vin-te? ha trin-ta? Nem eu sei já

quem do! mi nha ve lha a ma, que me es-tás fi-
 nes. tu! mi nha ve lha a ma, que me es-tás te o
 da do! mi nha ve lha a ma, co-mo es-tá mu-

tan-do can-ta-me can-ti-gas ra-ra me eu lem-
 pei-to can-ta-me can-ti-gas pa-ra me em ba-
 ta-do can-ta-me can-ti-gas de dor-mir so

ritard.

bar! Per a vol-ta ar mun-do, dei a vol-ta a
 lgr! Por-me Deus ou tro-ra no brou-xel, do a
 nhur! can-ta-me can-ti-gas, man so, mu-to

a tempo

Vi-da so a-cher en-ga-nos de-ce-ncões, ne-
 ni-nho de dra-ri-as das tros, ge-mas de tu-
 man-so. Tri-tes mu-to tris-tes, co-mo a noi-te o

sar. oh! a in-ge-ma al-ma tão des-il-lu-
 ar. Tu de-me rou-ba-ram, ve, ne-lo-co
 mar... can-ta-me can-ti-gas pa-ra vir-se at-

di-da mi-nha ve-za a-ma, com a voz do
 mi-nho mi-nha ve-za a-ma, sou um bre-
 can-co, que a mi-nha alma du-za, te-nha por par, des-

ri-da can-ta-me can-ti-gas de-me a dor men-
 si-nho can-ta-me can-ti-gas de-me fa-zer cho-
 can-co, quan-do a mor-te, em bre-ve, me vi-er bus-

Para acabar

rar! rar!
 rar!
 apagan-do-se

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

Os Agentes em Portugal

REEMBOLSAM o DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS

86, Rue de la Réunion

PREÇO : 800 REIS

Francos de porto em todo o Portugal por 2 frascos.

DEPOSITO GERAL: Rua dos Sapateiros, 15,
1.º, direito — LISBOA

BAUME BENGUÉ

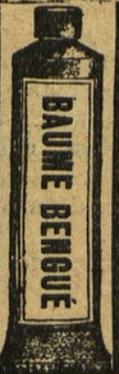
Cura Totalmente

RHEUMATISMO

GOTA

NEURALGIAS

Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



LOCÃO DEQUEANT

CABELLO

BARBA

PESTANAS

SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo.
L. DEQUEANT, Pharmaceutico, 38, Rue Clignancourt, Paris.

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.º, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, 128, Faubourg Poissonnière — PARIS.

Grandes vantagens

Aos assignantes dos

SERÕES

BRINDE: Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

BONUS

Desejosa a administração dos "**SERÕES**" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — a todos que assignarem a revista "**SERÕES**" por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "**SERÕES**" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre...	1\$200 »
	{ Trimestre...	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca).....	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	- Anno.....	15 fr.

Pedidos á

Administração dos "**SERÕES**"

30, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30, (Palacio Foz).



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

As nossas capas de luxo

Com o n.º 42, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 7.º volume da 2.ª serie.

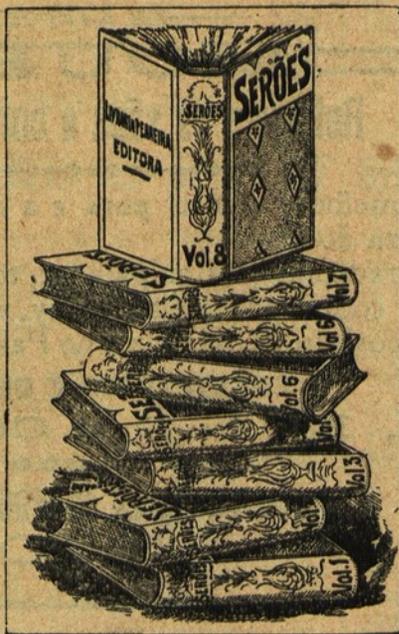
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

SETE VOLUMES

2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não sofram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA